REVISTA DA SEMANA

CR$ 2,50 NA CAPITAL
3,00 NOS ESTADOS

Anexo:
Suplemento de Guerra com novos mapas

ENLACE GLECIA SUCCAR -- LEAL PAIXÃO

Assistido pelos elementos mais representativos de nossa alta sociedade, realizou-se, no dia 28 de outubro ultimo, na Igreja de Santo Antonio dos Pobres, o enlace matrimonial da srta. Glecia Succar, filha do Sr. Pedro Succar e de d. Naza Succar, com o professor Paulo Luiz Leal Paixão, filho do Dr. Constante Leal Paixão, alto funcionário do Ministério da Fazenda e de d. Antonieta Leal Paixão.

No áto religioso, que se revestiu de solenidade, serviram como padrinhos da noiva o sr. Pedro Succar e d. Olinda Succar Mehey, e o Tte. Edgard de Oliveira Fonseca e d. Naza Succar por parte do noivo.

Reproduzimos nesta página alguns aspectos da solenidade, vendo-se, ao alto, um grupo formado na igreja de Santo Antonio dos Pobres, no qual aparecem os noivos ladeados por seus pais e padrinhos; à esquerda, os nubentes fotografados por ocasião da cerimonia religiosa; à direita, em cima, um flagrante da cerimonia nupcial e, finalmente, à direita, em baixo, a srta. Glecia Succar numa foto feita durante o áto religioso.

DEPOIS é que sabe que foi sonho. Mas fica a lembrança. A vida é feita de lembranças assim. Epiteto, que mandava a gente suportar e se abster, deu um dia êste conselho:

— Ide à Olímpia, para ver o trabalho de Fídias.

E acrescentou:

— Cada um de vós considere uma desgraça morrer na ignorância dessas maravilhas.

Tenho ido muitas vezes à Olímpia... Zarpo daqui, desta mesa, num livro, melhor do que num iate, mais seguro do que num avião.

Entretanto, eu gosto mesmo é de andar de diligência. Vou olhando, vou escutando. Ontem, uma pasta de gravuras antigas me levou ao mosteiro do Monte Cassino. Nenhuma guerra passou por lá, capaz de o destruir. A cidade, lá em baixo, ainda é a cidade do reino de Nápoles. Os primeiros Beneditinos passam pelas ruas estreitas, sobem as ladeiras floridas. Que biblioteca! Que quadros! De uma janela vi a Albanêta, onde Inácio de Loyola compôs em 1538 os estatutos da Companhia de Jesús. O fim da viagem era conversar com Tomás de Aquino, que mais tarde tambem foi santo. Tomás de Aquino já deixara o monte; seguira para a capital, fizera-se Dominicano.

Era hora do jantar. Voltei. Comer, embora com dieta, pertence às pequenas realidades agradáveis.

A gravura de que resultou a alegria de ir procurar o autor da Suma Teológica, êsse querido Doutor Angélico, mostra como êle se dirigiu ao céu no dia 7 de março de 1724, quando a caminho de Roma, chamado pelo papa Gregório X, caiu doente e morreu.

Santo Tomás de Aquino inspirou o artista. E' para o céu, que descreveu, que vai, por uma escada. Compareceram à despedida Nossa Senhora e outras pessoas da sociedade. Um bosque ao fundo. Na esquerda alta, um castelo.

Santos ou pecadores, menos pecadores, mais santos, bem sabemos que aquêle homem de Oscar Wilde era um homem sincero. Discutiu com Deus para que lugar devia ser mandado. Deus acabou dizendo:

— Mando-te para o céu.

— Tu não podes me mandar para o céu.

— E por que não posso te mandar para o céu?

— Porque eu nunca pude imaginá-lo.

Santo Tomás de Aquino subindo para o céo (gravura do século XIV).

Nem Santo Tomás de Aquino pôde. O céu dêle, com o regime da época, era a terra sofisticada. O céu dêle era o céu de Carlitos noutro tempo. O céu dos Prados Verdes. O céu à nossa imagem e semelhança. O que, aliás, é ótimo. Será uma surpresa. Os Israelitas apresentaram Deus com cabeça de avô, de qualquer avô da vizinhança. E muito antes dos homens, por um equívoco fisiológico, chamarem as mulheres de anjos, os anjos eram crianças e rapazes nas narrações da Bíblia, continuadas no Talmud. O sentimento é a fantasia da realidade. O pensamento é a realidade da fantasia. Não consigo me esquecer de que Rubens pintou Santa Cecília alta, gorda, de papada e seios enormes, tocando cravo numa sala Renascença, entre cupidos... Rubens era da grande carne. Via os seus modelos a partir de noventa quilos...

Parei. Houve visitas. Costumo me consolar de certas visitas, indo conversar depois com os amigos. Abro os livros como se chegasse a uma casa de campo:

— Ó de casa!

E caiu nos braços de Montaigne, de Voltaire, de Rivarol... Rivarol me disse agora:

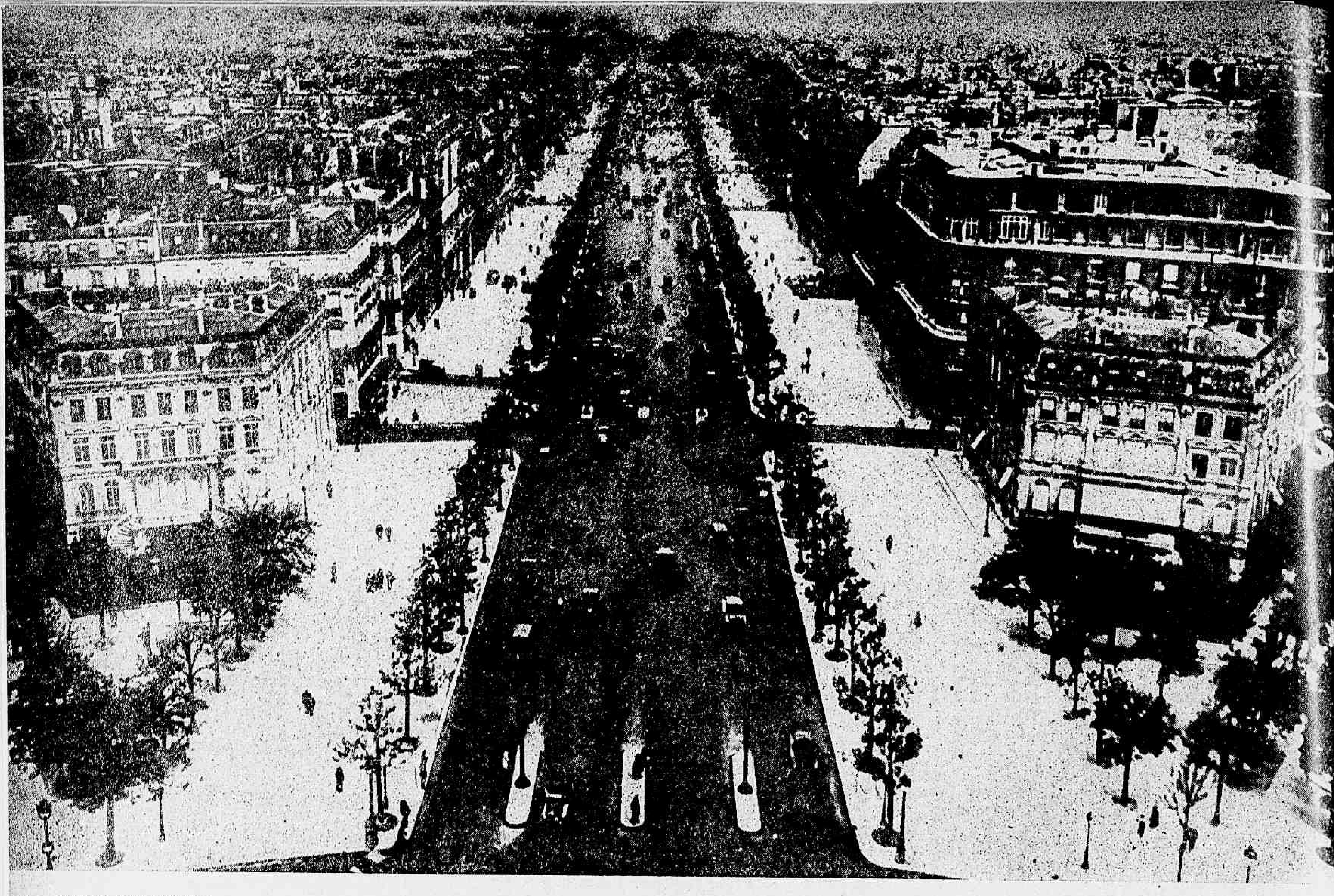
— Deve-se atacar a opinião com as armas da opinião. E' inútil querer dar tiros nas idéias.

Eis aí, por exemplo, uma coisa que não ocorreu a nenhum fascista, a nenhum nazista, a nenhum da lista que teve tantas assinaturas...

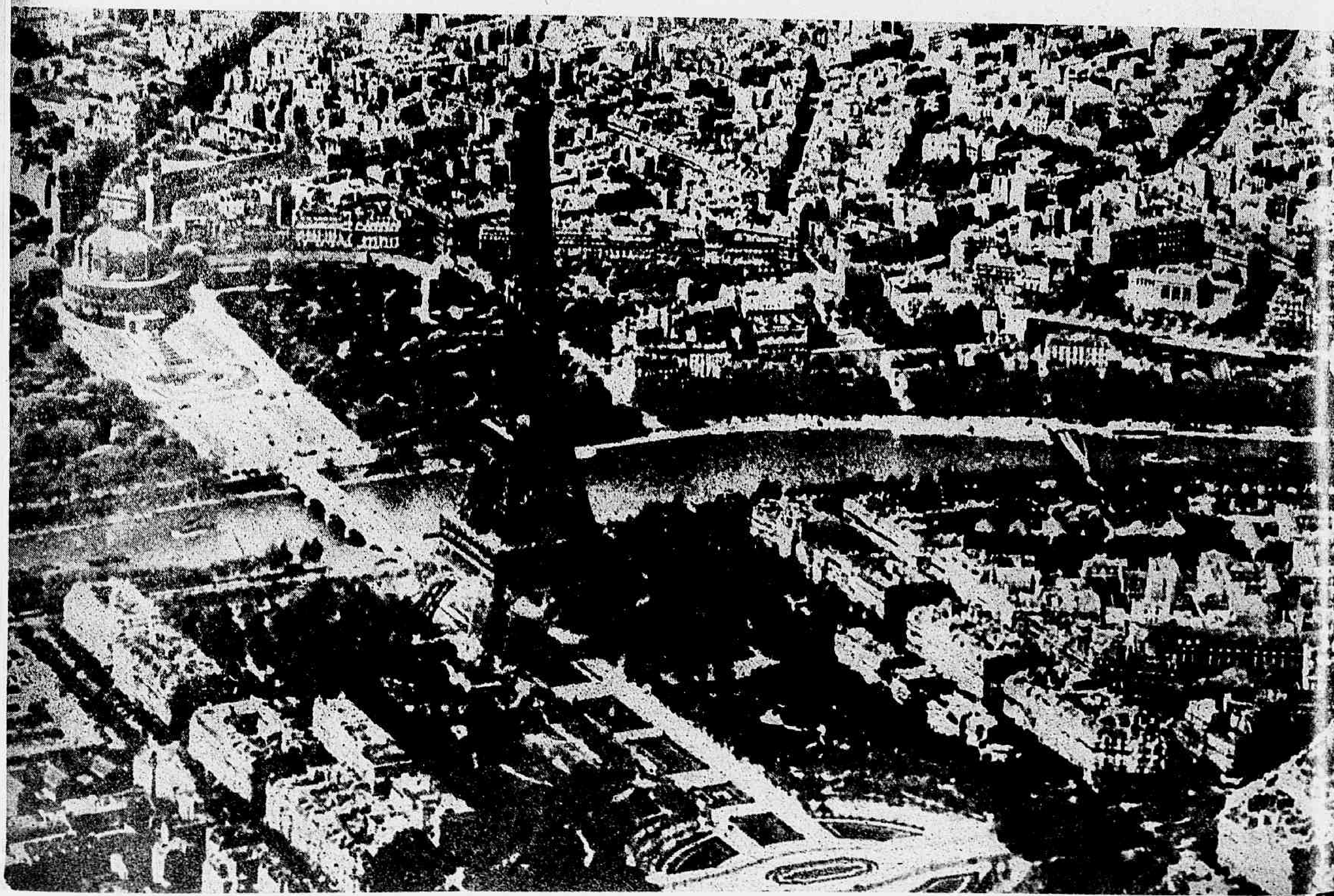
Ah, uma casa de campo! Uma casa longe da estrada... Sair de manhã pelos atalhos, andando com o vento bom, junto do riacho quieto, entre o sol e a sombra, até à fonte onde os pássaros ficam a ouvir, pequenos, calados, a cantiga um pouco triste da água... Voltar trazendo a melancolia de tudo, o prazer que se guardou... E ter carne, leite, ovos, legumes, frutas, e pão com manteiga, e água, água!

DIVAGAÇÕES

Por ALVARO MOREYRA



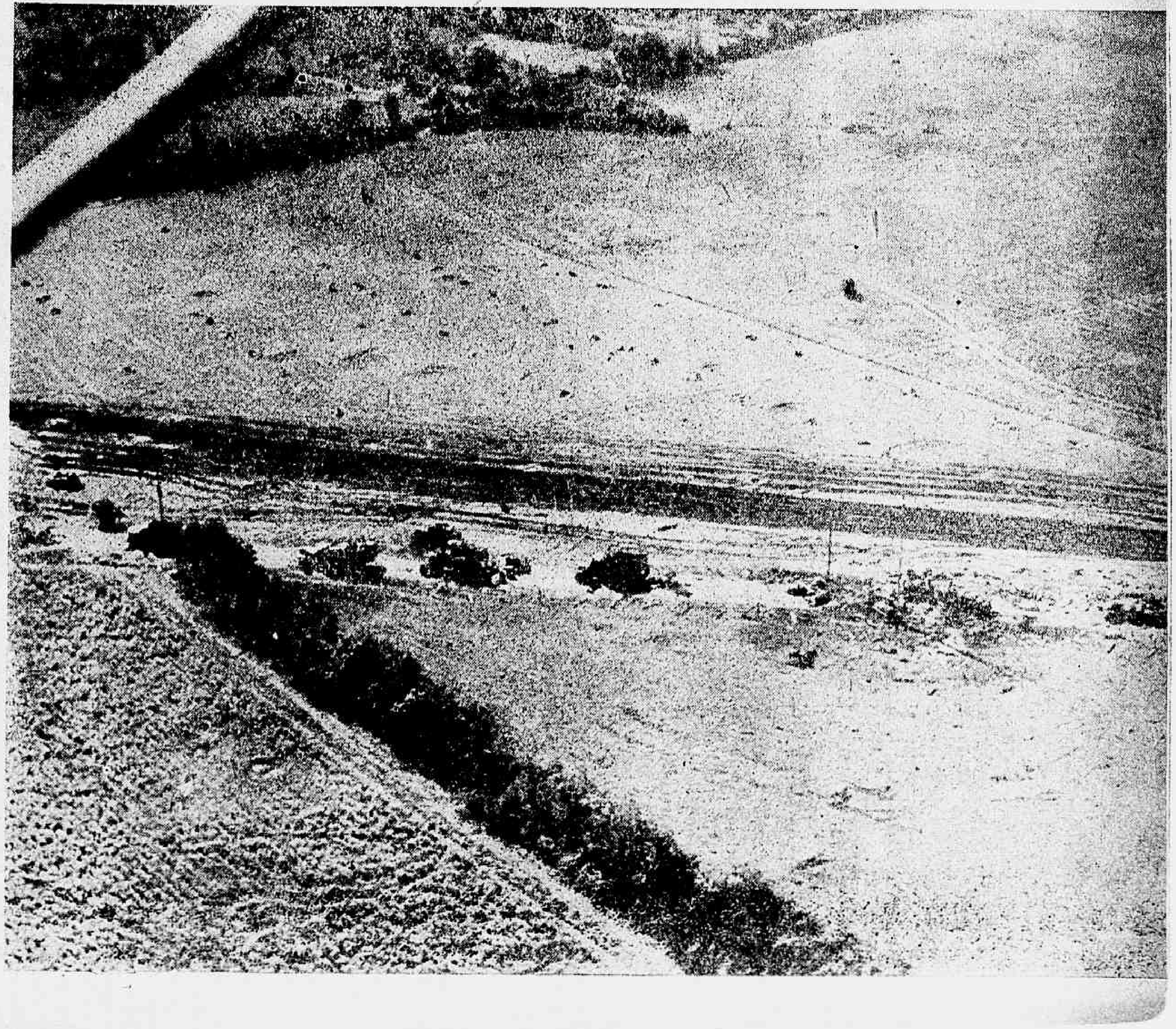
PARIS LIBERTADA — UMA DAS MAIORES ARTÉRIAS DE PARIS É A AVENIDA DA "GRAND ARMÉE", PROLONGAMENTO DOS "CAMPOS ELISEOS", DE QUE A PRFSENTE FOTO NOS MOSTRA UM BELO ASPECTO. FOI NESSA ESPLENDIDA AVENIDA, ORGULHO DA CAPITAL DA FRANÇA, QUE OS "MAQUIS" PARISIENSES DESENCADEARAM UMA DAS MAIS ARDOROSAS LUTAS CONTRA O INVASOR. O FLAGRANTE BATEU-SE JÁ DEPOIS DE RECONQUISTADA AO TACÃO NAZISTA, QUANDO A POPULAÇÃO DA CIDADE-LUZ PÔDE, ENFIM, PERCORRE-LA Á VONTADE. NA VISTA INFERIOR, DISTINGUE-SE A FAMOSA TORRE EIFFEL, O ANTIGO PALACIO DO TROCADERO, AO FUNDO, E O SENA ATRAVESSANDO A CIDADE SOB AS SUAS CÉLEBRES PONTES. HOJE, RESGATADA PELOS SEUS "MAQUIS" E PELOS AMERICANOS, JÁ COM O GOVERNO NACIONAL CONSTITUIDO, PARIS RESSUSCITA PARA SUA VIDA DE BELEZA E DE CULTURA.



A GUERRA EM MARCHA

ESTRADAS DE LAMA — SOLDADOS NORTE-AMERICANOS CAMINHAM POR ESTRADAS FRANCESAS, PROXIMAS Á FRONTEIRA DA ALEMANHA, QUE FICARAM CONVERTIDAS EM VERDADEIROS LODAÇAIS DEVIDO ÁS CHUVAS, DIFICULTANDO OS MOVIMENTOS DAS UNIDADES MECANISADAS. MESMO COM ESSES IMPASSES, AS ESTRADAS SÃO PERCORRIDAS E A CONQUISTA DO TERRITORIO INIMIGO JÁ VAI BEM ADIANTADA.

IMPEDINDO A FUGA DOS NAZISTAS DERROTADOS — ESTE COMBOIO DE VEICULOS MOTORISADOS NAZISTAS, QUE SE VÊ NA ILUSTRAÇÃO ABAIXO, FOI LOCALISADO QUANDO TENTAVA FUGIR PELAS ESTRADAS DO NORTE DA FRANÇA. OS DESTROÇOS ABANDONADOS PELA ESTRADA ATESTAM O RESULTADO DA PRECISÃO DO FOGO DE ARTILHARIA DO EXÉRCITO AMERICANO. ESSA TENTATIVA RESULTOU INUTIL, PORQUE O BOMBARDEIO DOS AVIÕES ALIADOS INUTILIZOU POR COMPLETO O ESFORÇO NAZISTA.



DEPOIS de recebermos alvíçareiras notícias do êxito das tropas expedicionárias do Brasil, que já ocuparam trinta localidades, cidades ou posições inimigas, chegaram-nos, esta semana, outras comunicações não menos agradaveis, do resultado das primeiras operações em que participaram os componentes da Força Aérea Brasileira. Não éram infundadas as nossas esperanças, sabendo-se que os nossos patricios estavam animados pelo entusiasmo da causa nobre que os levou ao campo da luta, e tambem conhecendo-se a fibra, além das condições de treinamento a que se haviam entregado. Sem exagerado orgulho nem delirantes atitudes que não se enquadram á época nem ás ocorrencias da Europa em fôgo, move-nos o propósito muito justo de encarecer o trabalho dos valorosos soldados que se incorporaram ao 5.º Exército americano. O noticiário de seus feitos heroicos está ocupando a primeira página dos jornais de todo o mundo e a repercussão estende-se ao Canadá, Estados Unidos, México, Paraguay, Uruguai e a outros países de onde continuam chegando aplausos aos feitos dos brasileiros. E' o próprio general Willis D. Crittenberger, comandante do IV Corpo do 5.º Exército Americano, que em telegrama endereçado ao general Zenobio da Costa afirma ter uma patrulha dos nossos provocado a fuga de outra alemã. A captura da cidade de Camaiore, feita tambem pelos nossos rapazes, coincide com a ação, no "front", dos aviadores que levam, no úniforme, as côres verde-e-amarelo. E sabe-se, agora, que mais de duzentos e trinta e seis quilometros quadrados de território italiano, até aquí em poder do inimigo, foram libertados pelos soldados de Caxias.

Em face a essas notícias, que reproduzem fátos concrétos e confirmados, devem estar realmente atordoados aqueles que duvidavam, a principio, do empreendimento das tropas do general Mascarenhas e que, proposital ou inadvertidamente, iam assim servindo aos interesses inconfessáveis da Quinta Coluna, sempre alerta para lançar mão de todos os recursos com os quais possam alquebrar-se o espírito e a vitalidade da população brasileira. Eis porque, hoje, dedicamos o espaço desta crônica ao registo das manifestações da alegria que nos invade, pelo brilho com que estão lutando os que se reunem em torno do pavilhão brasileiro.

Realizou-se no dia 24 de Outubro ultimo, em conclusão á Semana da Asa, o almoço oferecido pelo Jockey Club Brasileiro ás altas autoridades da nossa Força Aérea, adidos da Aeronautica e chefes da aviação civil. Na ausencia do ministro Salgado Filho, presidiu o ministro Thompson Flores que á sobremesa ofereceu aquele almoço com uma bela saudação. Começou explicando a ausencia do presidente da sociedade e agradecendo o comparecimento alí dos convivas. Disse de sua imensa satisfação por ter de prestar merecida homenagem a servidores civis e militares, vivos e mortos. Patenteou grande apreço do Jockey Club Brasileiro no culto pelas nossas gloriosas classes armadas e reportando-se ao velho mundo e em torno da frase "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos" ressalta a ação da Raf num belo paralelo com a nossa Fab para terminar levantando a sua taça pela grandeza e glória de nossa brava e já pujante aviação. As últimas palavras do ministro Thompson Flores foram abafadas por calorosa salva de palmas. Falou a seguir agradecendo a homenagem numa formosa oração o brigadeiro Trompowski que salientou muito sensibilisado o papel do Jockey Club no seu culto aos servidores da Pátria, á qual exalta em termos calorosos. Terminou bebendo á prosperidade do Jockey Club Brasileiro. O dircurso do brigadeiro Trompowski foi longamente aplaudido, sendo então dado fim ao almoço. Os convidados passaram em seguida para a tribuna de honra, de onde assistiram ao desenrolar da corrida. A's 17 horas realizou-se o chá dansante oferecido aos cadetes da aeronautica, decorrendo num ambiente de alegria e elegancia.

Jockey Club Mundano

Reproduzimos nesta página alguns instantaneos colhidos no Hipodromo da Gavea durante o "meeting" de domingo ultimo, que bem atestam o brilhantismo daquela notavel reunião.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 11-11-944 -- N. 46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 63,00; Seis meses — Cr$ 32,00
Registrada:... Um ano — Cr$ 80,00; Seis meses — Cr$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 170,00; Seis meses — Cr$ 90,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel.. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA "REVISTA DA SEMANA" ESTÁ ORGANISADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Divagações (Alvaro Moreyra) ... 3
O Imprevisivel (Edmond Pearson) ... 19
Impressões e Perfís (Escragnolle Doria) ... 22
Epilogo (Coelius Aulicus ... 23
Confusão (Denise Lorraine) ... 29
Livros Novos (J. L.) ... 36/37
As mulheres, as joias e as superstições (Francisco Leite) ... 40

REPORTAGENS:

Jockey Clube ... 6
Salve lindo pendão da Esperança (Sarah Marques) ... 9/14
Figuras e Fátos ... 31
Figuras populares de revistas ... 42/43

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos ... 25
Modas, figurinos ... 26/28
Outros Modêlos ... 38/44

CURIOSIDADES:

Verdes campos e jardins de Londres ... 20/21
Artes Plasticas ... 24
Marajó, a terra que faz o homem (Libero Luxardo) ... 32/35
Ainda a auto-entrevista de R. Magalhães Jr. ... 47

SEÇÕES:

A guerra em marcha ... 4/5
De Teatro (Anselmo Domingos) ... 45

CARICATURAS:

De Bom Humor ... 8
"Charge" de Raul ... 48

ANEXO:

SUPLEMENTO DE GUERRA COM NOVOS MAPAS.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dôr de cabeça, pêso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

A nossa Capa

Estudante de mocidade e beleza, Lynn Merrick, joven "estrelinha" da Columbia, está hoje em ordem do dia, mercê de sua encantadora pôse que o leitor já encontrou

na capa deste número. O contraste formado pelos hombros despidos e as mãos cobertas disfarçadamente em tenues luvas de renda preta, e ainda pelo fundo azul da página mais realçando o ouro-espiga-madura dos cabelos da tentadora "estrela", resultam nesse bonito efeito que, certo, ha de surpreender agradavelmente os leitores. Neste número, porém, eles encontrarão muitos outros motivos de surpresas, destacando-se a oportuna reportagem obtida com o maestro-compositor Francisco Braga na qual se evocam os tempos da confecção do Hino á Bandeira, o interessante trabalho sobre Marajó, a terra que faz o homem e o homem que domina a terra, — e, principalmente, o Suplemento de Guerra, que o leitor deve exigir ao adquirir este exemplar, contendo novos e palpitantes mapas das operações em todos os "fronts".

No entanto, por absoluta falta de espaço vemo-nos na contigencia de suprimir, neste número, o habitual capítutulo da rádio-novela de Berliet Junior, "Covardia", que tanto sucesso vem registando. Essa falta será sanada, porém, na edição vindoura, quando reencetaremos a publicação normal de "Covardia".

Numeros atrasados desta Revista em Sergipe

PROCURAR A

LIVRARIA REGINA

Um calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

Dois a um no "caso" Humberto de Campos

Voltou à baila o decantado assunto da literatura de além-túmulo, com a decisão do Tribunal de Apelação, confirmando a atitude assumida pela primeira instância, dando ganho de causa à Federação Espírita Brasileira. Julgou-se, assim, o recurso interposto pela família do saudoso escritor na ação declaratória proposta contra a Federação e Francisco Cândido Xavier. Na petição inicial da autora, representada pela viuva Catarina Vergolino de Campos, pleiteava-se o estabelecimento da relação jurídica entre os direitos autorais dos sucessores de Humberto de Campos e as obras psicografadas pelo médium de Pedro Leopoldo. No caso de ser reconhecida a autenticidade da obra psicografada, pleitearia a família os direitos autorais, em ação competente. Se, no entanto, fosse declarado o embuste, estariam os réus sujeitos ao pagamento de perdas e danos, além de se proceder à apreensão dos livros. Contestando a ação, os réus argumentaram, preliminarmente, com a ilicitude do pedido e, quanto ao mérito, pediram a improcedência da demanda. Foi quando o juiz da 8.ª Vara Civel, por onde transitava o feito, deu ganho de causa aos réus, sob o fundamento de que a inicial, da maneira como foi redigida, constituia mera consulta, não contendo nenhum pedido certo, sôbre o qual pudesse a Justiça se pronunciar. Não se conformou a família com essa decisão, recorrendo à instância superior. E o resultado do relatório, feito pelo desembargador Ribeiro da Costa, atuando como revisor o desembargador Oliveira Figueiredo, foi a confirmação da decisão da primeira instância.

Tem, assim, pela segunda vez, os réus ganho de causa. Sabe-se, porém, que o momentoso assunto não está irrevogavelmente decidido, de vez que a família de Humberto de Campos resolveria apelar para o Supremo Tribunal. Ao mesmo tempo, foi divulgado que a Federação Espírita, satisfeita embora com a conclusão do processo, espontaneamente decidira suprimir das edições vindouras o nome de Humberto de Campos, motivo inicial que levara os herdeiros do escritor a movimentarem-se. E' êsse o panorama atual do pleito de tanta sensação, que, por sinal, surgiu de uma reportagem levada a efeito por esta revista, nos primeiros meses do ano corrente. Resta saber si, apesar da atitude da Federação, a família do escritor maranhense vai ou não continuar a demanda. Certo, porém, é que não houve até agora o resultado positivo e ameaçador que se prenunciava, contra o espiritismo. E, diante da situação do pleito, não surpreenderá si outras obras psicografadas continuarem aparecendo, mesmo quando não editadas pela Federação. Quanto a Chico Xavier, êsse nem chegou a visitar o Rio, capítulo que se anunciava como dos mais animados de tôda a agitadíssima questão. Agitadíssima, porém, mais no seu aspecto exterior. Porque, a bem dizer, tudo se reduziu a proporções muito aquém das que esperavam os sensacionalistas ávidos de grandes lances públicos.

Que maravilhoso espetáculo se perdeu com a ausência de Chico Xavier, em juizo, psicografando!

Um lugarzinho para Franco na Conferência!

Segundo noticiou o semanário "El Español" — que muitas vêzes reflete a opinião oficial, acrescenta o telegrama — a Espanha pretende obter o seu lugar, certo, nas futuras discussões da Paz. "A Espanha considera-se preparada para levantar a voz e intervir com todo o pêso da sua responsabilidade e do seu equilíbrio moral nas decisões políticas que se vierem a tomar para a futura organização do mundo", adiantou a referida publicação. Nada mais natural que o govêrno dito neutro do generalíssimo Franco pleitear essa colaboração na Conferência da Paz, êle que tem agido com tanta habilidade em conservar-se dentro de uma suposta paz, si a tanto pode chamar-se o ambiente em que tem permanecido aquêle país. Mas, das intenções do generalíssimo à obtenção do seu firme propósito, a distância é muito grande. Ninguém se surpreenderia si os próprios Hitler, Mussolini e Hirohito pleiteassem outro tanto, em que pese a condição de vencidos na qual devem encontrar-se quando a Conferência tiver de realizar-se. Por isso mesmo, ninguém veiu a surpreender-se com o artigo de "El Español". Em nossa terra costumamos dizer que "o estrilo é livre" e, a exemplo do estrilo, também a vontade de participar da mesa onde devem reunir-se os mentores do futuro, cogitando do após-guerra, é um direito que assiste a qualquer suposto neutro. Seria muito pitoresco, entretanto, si os países em luta agora se estivessem sacrificando pela conquista da Paz e, amanhã ou depois, na hora de traçar as diretrizes de um mundo novo, dela participassem os que enviaram, por exemplo, a famosa Legião Azul para a Rússia, ou os que só conseguiram tornar-se govêrno com o auxílio do inimigo comum das Nações Unidas. Não, "caballero", a história não irá contar-se exatamente dêsse modo, mas de outro muito diferente. Não somos nós que o afirmamos, porém o próprio lord Vansittart, em Londres, membro do Parlamento e antigo secretário do Foreign Office. Ele apressou-se em informar que "não haverá lugar, na próxima Conferência da Paz, para as nações neutras, nem mesmo para aquelas cuja neutralidade esteja acima de qualquer suspeita", o que não será precisamente o caso do generalíssimo. Mas lord Vansittart não quis deixar a menor dúvida nas entrelinhas, acrescentando que "qualquer sugestão sôbre a possibilidade do govêrno de Franco vir a tomar parte nas discussões da paz não passa de simples fantasia, pois é preciso não esquecer que a Espanha foi uma das signatárias do Pacto Anti-Komintern". Feitas essas declarações por parte da Inglaterra, o que importa em dizer por parte de quantas nações, inclusive o Brasil, têm seus filhos enfrentado o inimigo nazista, que nunca o chegou a ser da Espanha, afastam-se todos os receios de um fracasso da Conferência da Paz, ao menos nesse particular. Que diriam os nossos soldados, e os seus irmãos de armas dos demais pavilhões desfraldados em campo aberto, sabendo que o resultado de seu sacrifício seria partilhado pelos neutros tipo general Franco?

Não, "caballero". A guerra em que nos empenhamos nada tem de parecido com um simples prélio de touros. E' muito, mas muito mesmo diferente, pois não!

O dia dêle chegou

O caso passou-se assim: o delegado de Defraudações e Falsificações aqui do Rio solicitou à polícia paulista a descoberta do paradeiro de um ilustre desconhecido, de nome por demais prosaico: Manoel Dias Filho. O homenzinho havia desaparecido há cêrca de vinte anos; agora o pai veiu a falecer contemplando-o no testamento com a respeitável herança de vários milhões de cruzeiros. Desde logo outros desconhecidos não menos ilustres puseram-se em campo para auxiliar as diligências policiais, na ânsia muito natural de abiscoitar um prêmio pelo excelente serviço prestado ao novo milionário, que andava longe, mas muito longe mesmo, de admitir semelhante hipótese, por dois motivos: primeiro porque ao desaparecer da companhia paterna, há quatro lustros, o "velho" não era dono dos milhões que agora veiu a deixar-lhe; depois porque esperava tudo menos êsse gesto liberal do autor de seus dias, em vista do procedimento que havia tido. De fato, os dois detectives amadores foram muito bem sucedidos em suas diligências e deram com o Manoel Dias Filho na cidade de Ituverava, no interior de São Paulo. Quando o cientificaram da notícia o Manoel há de ter pensado naquele anúncio dos jornais e terá dito de si para consigo: — "Ora graças que o meu dia finalmente chegou!". Guardou alguns pares de meias, dois ternos e umas camisas na maleta, comprou passagem para o Rio e aqui chegou alegre da vida, deslumbrando-se com os progressos da capital mas muito mais deslumbrado ainda com as perspectivas dos dias de confôrto e abastança que vai viver agora... Estamos vendo o bom homem acompanhado de perto dos seus descobridores, zelosos a mais não poder pela saude do milionário e fingindo não pleitear prêmio algum... Mas, dizem os jornais, parece que os investigadores escalados pela polícia paulista para encontrar o homem dos milhões também se julgam com direito ao prêmio e, para recebê-lo, teriam embarcado de São Paulo.

Assim foi relatado o caso pela imprensa. Tudo quanto pode existir de mais parecido com as novelas radiofônicas, ainda muito em moda, e tão parecido que, de início, houve quem pensasse em uma inteligente propaganda nesse sentido. De fato, "O Romance do Milionário Desconhecido", ou "Vinte Anos Depois", seriam títulos esplêndidos para um trabalho radiofônico nesse gênero. O episódio, porém, é autêntico, o milionário existe e, assediado pelos reporters, confessou não ter sonhado, nunca, com a fortuna que agora lhe sorriu. Não sabe em que vai empregar a herança mas está certamente aborrecido, a estas horas, com os vendedores de imóveis "em condomínio", os agentes de seguros de vida, os empreendedores de grandes negócios com lucro garantido, para os quais falta apenas capital, e com outras fatalidades que só podem acontecer aos homens ricos. Não será de estranhar si até manteiga o sr. Manoel Dias Filho tiver comprado... Seja como fôr, o milionário desconhecido será agora o mais popular, procurado e conhecido cidadão que o céu cobre. Mas si não tratar de esconder-se, a êle e aos milhões, é um homem morto. Morto na cabeça, em última hipótese, pelos oportunistas. Quanto terá lamentado não poder entrar na posse dos cruzeiros paternos e continuar vivendo o abençoado anonimato de até agora! Em parte, e só em parte, êle deve ser invejado. Porque, além dos negócios que lhe vão oferecer, e dos prédios e terrenos, dos seguros de vida e de tudo mais, ainda vai concorrer para quantas obras de caridade, porventura geradas em mercê da notícia que os jornais, com títulos pomposos, divulgaram por aí. Sem falar no imposto de renda, nos lucros extraordinários e em outras coisas enfadonhas que não acontecem aos pobretões. E, principalmente, sem falar no conflito entre os descobridores do milionário, que talvez cheguem às vias de fato, até apurar qual dêles viu, primeiro, e primeiro falou ao sr. Manoel Dias Filho. Não vá o pobre milionário ter de dividir a fortuna pelos que o descobriram. E, no final da história, pleitear, de cada um dêles, por sua vez, uma gratificaçãozinha...

O significado de uma grande vitoria

A vitória de Roosevelt nas urnas norte-americanas constituiu em si mesma um triunfo absoluto da própria Democracia. Não houve nenhuma surpresa no resultado do memorável prélio de terça-feira, mas apenas a confirmação do interêsse que o mundo em pêso manifesta por tudo que diz respeito à grande nação amiga e aliada. E' preciso não esquecer que se trata de um país tipicamente da liberdade, onde a opinião pública tem seus direitos respeitados. Sete milhões de homens em armas, fora do território nacional, e mais alguns milhões dentro das fronteiras, de par com a população civil, de ambos os sexos, reelegeram o homem a quem a Humanidade tanto deve na hora presente, e a quem os vindouros hão de render a mesma justiça. Não foi um simples acontecimento norte-americano o que se registrou no dia 7, mas uma ocorrência de feição internacional, sinão mesmo universal. A derrota dos nazi-nipo-fascistas, que tanto desejavam servir-se dêsse pretexto para lançar mão das suas costumeiras armas de dissidência e desarmonia, foi uma derrota fatal e irreparável. Agora, mais do que antes, nós podemos contar com a Vitória, tão ampla e esmagadora, nos setores da guerra e em todos os sentidos políticos, quanto ela o foi dentro dos próprios Estados Unidos. As derradeiras esperanças dos totalitários cairam por terra.

SALVE LINDO PENDÃO DA ESPERANÇA!

TRÊS VELHINHOS CONTAM UMA HISTÓRIA — AS GLÓRIAS E AS VICISSITUDES DO HINO À BANDEIRA — O COMPOSITOR TEM UM AMIGO ARQUIVISTA — O LONGO CAMINHO DE UM PRÊMIO — ADVERTÊNCIA DO VELHO MESTRE.

SARAH MARQUES

escreveu para a "Revista da Semana"

Fotos de ARNALDO VIEIRA

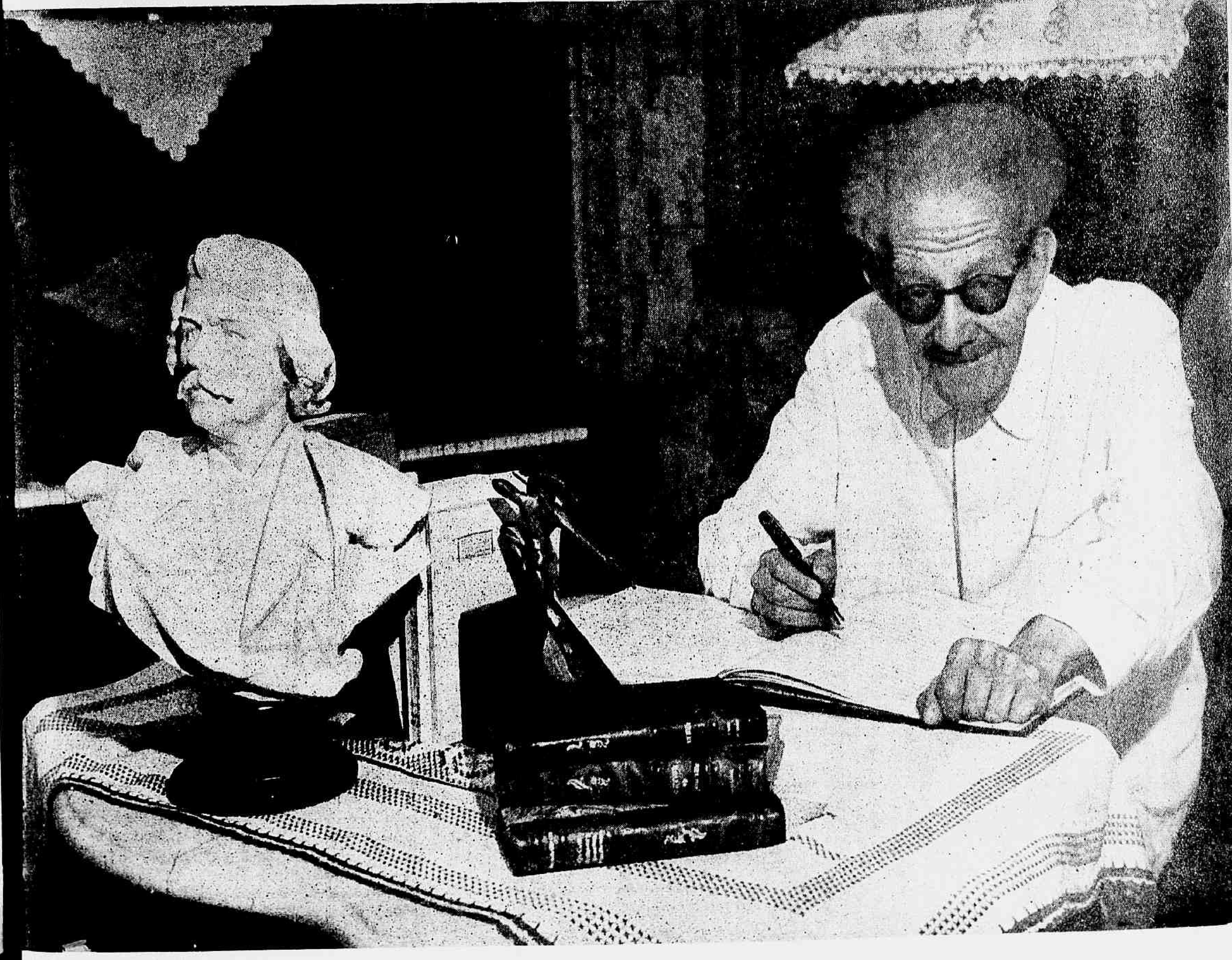
Rua Barão de Itapagipe, 87. A casa, vista de fora, é velha e feia. Dizem que foi côr de rosa. Agora é côr de coisa desbotada ao sol, à chuva, ao pó. Quatro janelas sem graça na fachada. Um portãozinho de ferro fechando o jardim lateral. Deve estar desligada a campainha; o sr. Agostinho d'Almeida já apertou três vêzes o botão e nem um som veiu da casa recolhida numa enorme paz de cansaço. Olho o jardim maltratado, o jardim ingênuo e provinciano, com flocos de trepadeiras brancas despencando da sebe de bambús, moitas de flôres azuis e raras mimosas amarelas repontando na grama. O sr. Agostinho d'Almeida perde a paciência, força o portão. Subimos três degraus de ladrilho, batemos à porta. Uma senhora de límpidos, brilhantes olhos negros — ah! que luz estranha flutua em certos olhos cegos! — vem abrir. Oferece cadeiras e vai para o interior da casa num passo rápido: — "Titio, visitas para você!"

Em cima do sofá, a bandeira nacional no tampo de uma almofada; retratos, muitos retratos; desfilam multidões de sombras desaparecidas, pela saleta. Uma estante de metal em forma de pauta com os primeiros compassos de uma partitura: "Cauchemar". Ao canto, junto da janela que raramente se abre, o piano solene, belo, faustoso. Em frente, a biblioteca preciosamente encadernada. Os livros e o piano são as únicas coisas ricas na peça onde estou esperando o maestro Francisco Braga.

Ele não demora. E' miudo e franzino. O pijama branco e os chinelos de lã repetem o que eu já sabia: não anda muito bem de saude o compositor do Hino à Bandeira. Mas os olhos brilham ricos de inteligência e bondade, a voz é firme e cheia sublinhando com fôrça certas frases, chispando graça e entusiasmo ao relembrar velhos fatos.

Estou assistindo a um acontecimento histórico. Pela primeira vez na vida — uma vida longa, de 76 anos — Francisco Braga toma nas mãos que comandaram ondas de harmonia, arrastaram em lentos "smorzando" os violinos românticos, ergueram em tempestades de sons as trompas e as flautas, o retângulo frio e branco de um "carnet" de cheques.

Agora devo explicar quem é o sr. Agostinho d'Almeida que aparece nesta história, sentado numa poltrona à minha frente. Para todo mundo é o gerente do Hotel Avenida, um cavalheiro expansivo e polido, de rosto sadio emoldurado entre os fartos bigodes brancos e os cabelos branquíssimos e menos fartos. Na realidade, é um sujeito de pouco miolo e muito coração: deixa de realizar bons negócios, assiste ao Fla-Flu e joga pif-paf para cuidar de interêsses alheios. Agora, o seu grande interêsse é o maestro Francisco Braga; tomou a peito fazê-lo entrar na posse dos sessenta mil cruzeiros destinados pelo Govêrno como prêmio ao autor do "Hino à Bandeira". Perdeu muitas horas de muitos dias emaranhado na nossa complicadíssima burocracia para receber o cheque, na qualidade de procurador do amigo prêso em casa pelos achaques da idade. E garante que ainda estaria afogado em fichas e em respostas displicentes de funcionários, se não fôsse o dr. Montojos, diretor da Divisão de Ensino Industrial e seu amigo. Recebido o cheque, tirou uma fotocópia para o arquivo, foi



FRANCISCO BRAGA EM SEU GABINETE DE TRABALHO, SENTADO À MESA ONDE AINDA CONSEGUE, POR VEZES, ENTREGAR-SE AO SEU LABOR. UM BUSTO DE CARLOS GOMES AO FUNDO A BANDEIRA CUJO HINO ELE COMPÔS, LIVROS E PEQUENOS OBJETOS DE ESTIMAÇÃO.

O MAESTRO RECEBE A VISITA DE DOIS VELHOS E INSEPARAVEIS AMIGOS. Á ESQUERDA, O MAESTRO CORBINIANO VILAÇA, GRANDE ADMIRADOR DE FRANCISCO BRAGA. Á DIREITA, APONTANDO RECORTES PRECIOSOS DE JORNAIS, O SR. AGOSTINHO ALMEIDA QUE HOJE SE DEDICA POR INTEIRO Á VENERAÇÃO DO VELHO COMPOSITOR PATRICIO, E QUE NOS ACOMPANHOU NO DESENROLAR DESTA REPORTAGEM.

ao Banco do Brasil e, em vez de retirar o dinheiro, fez questão de depositá-lo em conta corrente. Agora, está entregando o "carnet" a Francisco Braga, explicando como se assina um cheque:

— "Não ponha "maestro"! Só Francisco Braga."

— "Eu nunca assino maestro."

Antes de pôr sôbre a mesa o talão, observa:

— "Tenho um amigo que vai tomar nota do número para jogar no bicho."

A cena é tão isenta de patético, há tanta calma nas mãos, nos olhos, na voz do compositor, que pergunto:

FRANCISCO BRAGA NASCEU AQUI NO RIO, EM 15 DE ABRIL DE 1868. PAUPERRIMO. EDUCADO NUM ASILO. MAS DONA GLORIA NEM SEMPRE É SENSATA, APAIXONA-SE POR GENTE SEM VINTEM. ESTE RETRATO FOI TIRADO EM PLENA LUA-DE-MEL, EM 1909, POUCO DEPOIS DA NOITE TRIUNFAL DE "JUPIRA" E DA TARDE DE 15 DE AGOSTO NO LIRICO.

— "E' mesmo a primeira vez que está vendo o seu "carnet"? E a fotocópia do cheque e do recibo?"

— "E' sim."

— "E não está muito contente?"

O muchocho que êle faz, e que é uma de suas expressões típicas, não traduz pouco caso. E' muchocho de sabedoria, a amarga sabedoria da experiência sem revolta, quase irônica na sua infinita compreensão:

— "Muito contente? Emocionado? Não. E' muito tarde para grandes alvoroços. Se eu tivesse saude, iria gastá-lo em três tempos com alegria."

Mas o maestro está doente. Parece que os frutos do trabalho nunca adoçam os lábios de quem semeia, e só servem para coisas melancólicas: garantir a tranquilidade dos últimos dias, para o futuro da prole quando não estiver mais presente o trabalhador.

— "Deixarei, pelo menos, alguma coisa à minha sobrinha, diz o maestro."

Ele nunca se casou. Pela dificuldade da escolha, diz gentilmente, à reporter. Entretanto, acrescenta que não se arrepende do celibato... Teve uma bela e gloriosa mocidade numa época em que os verdadeiros talentos se impunham com mais facilidade porque não havia tantas trombetas chamando a atenção para os falsos e reclamando para êles as graças do público e os favores do Govêrno. O hino da Bandeira, por exemplo, nasceu quase por acaso. O sr. Agostinho relembra a história, aparteado pelo maestro, que vai acrescentando detalhes, corrigindo minúcias.

Em fins de 1905 inaugurava-se a Escola Tiradentes. Francisco Braga compusera com Bilac o hino oficial, executado naquela ocasião, em presença de Pereira Passos e Manuel Bonfim. O prefeito observou que não tínhamos nenhuma canção patriótica para o ato do hasteamento da bandeira, que se processava ao meio-dia em tôdas as escolas do Distrito Federal. E como estivessem no grupo Braga e Bilac, o compositor e o poeta mais gloriosos da época, resolveu, alí mesmo, o problema. Oito dias depois Bilac mandava ao amigo as estrofes que todos nós decorámos na escola e que nos veem ao coração, claras e cantantes, cada vez que a bandeira se desdobra aos nossos olhos enamorados:

— "Salve lindo pendão da esperança!
Salve símbolo augusto da paz!..."

Francisco Braga costuma dizer que não foi preciso compor a música: ela já estava nos versos de Olavo Bilac. Não é verdade. Música e versos fundem-se no hino, tão bem, que, logo após a revolução de 30, quando alguém propôs a adoção da nova música para a poesia de Bilac, os protestos choveram de tôda parte. Augusto de Lima Junior escreveu um artigo famoso contra os reformadores apressados que, na ânsia de inovar, não sabiam respeitar as tradições santificadas pelo tempo e pelo sentimento popular.

Em pouco mais de vinte anos a canção composta para as escolas do Distrito Federal se fizera a expressão do culto de todos os brasileiros ao lindo pendão da esperança.

Vêzes sem conta o maestro ouviu a sua música em claras festas de escola, em imponentes cerimônias militares. Entretanto, nunca ela lhe trouxe tanta emoção como no dia de sua primeira execução pública, em 15 de agosto de 1906. (Esse ano poderia ser chamado o ano do Hino à Bandeira. No dia 6 de fevereiro a casa editora ultimava a primeira edição. No dia 19 de março — dia de São José, friza o maestro — Manuel Bonfim fazia chegar às mãos do autor cem exemplares impressos na Casa Vieira Machado e um ofício comunicando ter sido adotado o hino em tôdas as escolas para a cerimônia quotidiana do hasteamento da bandeira).

E voltamos ao 15 de agosto de 1906, ao Concêrto Sinfônico oferecido pela Prefeitura aos membros do III Congresso Panamericano. Elihu Root, secretário de Estado do govêrno de Washington, está presente. Consta do programa a primeira audição do Hino à Bandeira sob a regência do autor e acompanhado por grande orquestra. O Instituto

Profissional Masculino, o Instituto Profissional Feminino e a Escola Tiradentes formam o côro de 300 vozes:

"Recebe o afeto que se encerra
em nosso peito juvenil!
querido símbolo da terra
da amada terra do Brasil!"

O côro estava num pequeno palco interior, separado do grande por uma cortina. Outra cortina fechava o recinto do lado do poente. E' de tarde. E pelas frestas dos panos mal unidos entra a claridade difusa do crepúsculo. Um halo de luz tremula no ambiente, aureola os cantores, resplandece na batuta. Agora, 38 anos passados sôbre essa tarde memorável, num outro crepúsculo melancólico, Francisco Braga fala dêsse raio de luz como da maior emoção de sua vida. Poeta!

Entretanto, apesar do muchocho amargo, vou descobrindo outras emoções poderosas nessa grande vida que até ao fim guarda a nobreza suprema do espírito. Quando do concurso para o Hino da República, em 15 de janeiro de 1890 — concurso em que se inscrevera a instâncias de Medeiros e Albuquerque, a música de Francisco Braga foi a mais ovacionada pela multidão; prevalecesse o voto do povo — voto expresso em palmas e vivas — e Leopoldo Miguez, então diretor do Instituto de Música, talvez não alcançasse com os vinte contos do prêmio as honras do triunfo. A Francisco Braga foi concedida, como reconhecimento dos méritos revelados na sua composição, uma bolsa de estudos em Paris. Foi aluno de Massenet e de Taudou. Com Massenet estudou composição; e o mestre descobriu no aluno tantos méritos que pediu a Piza e Almeida, nosso representante em Paris, que conseguisse do govêrno brasileiro uma prorrogação no prazo de quatro anos fixados pela primitiva pensão.

Em Paris, Francisco Braga ficou amigo de Corbiniano Vilaça, tenor, desenhista e pintor. Do maestro êle fez a bela cabeça que encima a vasta galeria da saleta. E é tão fiel à velha amizade que diariamente bate no portãozinho de ferro da rua Barão de Itapagipe. Ainda agora, chegou e está ajudando o final da entrevista.

Foi na ilha de Capri, num verão luminoso do Mediterrâneo, enquanto Batista da Costa, seu companheiro de vilegiatura errava entre as rochas fixando côres e alongando perspectivas, que o compositor criou "Jupira", sua única ópera representada até hoje. Em outubro de 1900 a Companhia de Zansoni arrastava no Lírico uma temporada difícil. Os coros e a comparsaria entraram em greve porque não tinham visto níquel há muito tempo; o empresário, sem dinheiro e sem idéias, não sabia como dar a última récita de assinatura. "Jupira", regida pelo autor, foi a tábua de salvação. Os artistas desistiram da greve diante daquele artista novo e entusiasta que confiava no sucesso. Mas não o esperava tão grande quanto êle veiu: o povo alucinado, carregando em charola o compositor, uma verdadeira procissão rumando para Vila Izabel, onde êle morava. Nessa noite, vendo o amigo nos ombros da multidão, Bilac atirou-lhe, num corredor do Lírico, esta frase lapidar: "A glória também amarrota, Braga".

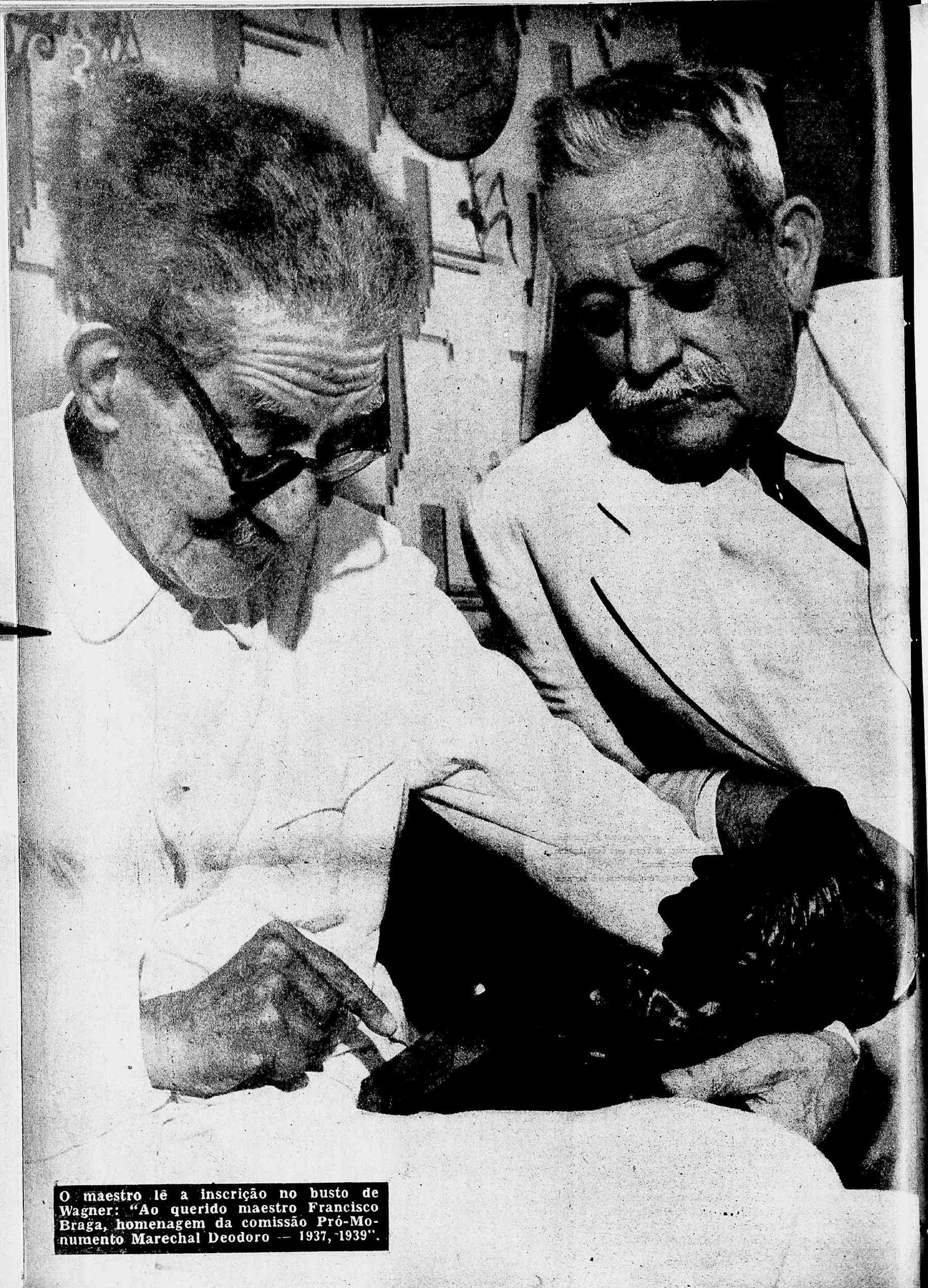
Agora, neste crepúsculo, outra glória bateu à porta da casa de Francisco Braga: por decreto de 6 de outubro, o Presidente da República concedeu ao autor do Hino à Bandeira um prêmio de Cr$ 60.000,00.

A história dêsse decreto, quem sabe muito bem é o sr. Agostinho d'Almeida, que mexeu céus e terras para documentar a autoria e propriedade do hino e ofereceu às repartições interessadas uma pasta de fotocópias do seu arquivo pacientemente organizado. Na Biblioteca Nacional, secção de manuscritos, registrado sob o número 18/44 e catalogado sob o número 1 — 8, 4, 38, folheamos todos êsses papeis que constituem a verdadeira história do Hino à Bandeira.

Pelos boletins da Intendência Municipal — quarto trimestre de 1905 e primeiro trimestre de 1906 — fica provado por a + b que letra e música foram encomendados pelo diretor de Instrução Pública, Manuel Bonfim, a Olavo Bilac e Francisco Braga, que então eram, respectivamente, inspetor de ensino e professor do Instituto João Alfredo. A primeira edição foi encomendada pela Prefeitura à Casa Vieira Machado e tem a rúbrica de "propriedade reservada". Logo, é um patrimônio da Municipalidade; aliás, está no Museu da Cidade o original dos autores. A carta de 19-3-906, em que Manuel Bonfim comunica ao maestro a aceitação do hino e oferece 100 exemplares da partitura, é muito clara, muito explícita. Não é certo que o autor tenha recebido 500$000 pelo trabalho; essa importância foi destinada pela Prefeitura às despesas de transporte do maestro, que se

AUTOGRAFO QUE NOS CONCEDEU O MAESTRO. DEVE SER ESTE O SEU TRECHO PREFERIDO NO HINO Á BANDEIRA. NO TITULO, VAI UMA HOMENAGEM A BILAC, AUTOR DOS VERSOS. A FRASE PREDILETA: "RECEBE O AFECTO QUE SE ENCERRA EM NOSSO PEITO JUVENIL..."

VELHO, REALMENTE ENFERMO, AINDA ASSIM FRANCISCO BRAGA ENCONTRA ALGUM TEMPO PARA MATAR SAUDADES DO PIANO. SEUS DEDOS TEEM AINDA FORÇA E VIGOR PARA PERCORRER O TECLADO. O HINO Á BANDEIRA, EXECUTADO POR ESSES DEDOS, ARREBATA AINDA MAIS. ELES O TOCARAM PRIMEIRO...



O maestro lê a inscrição no busto de Wagner: "Ao querido maestro Francisco Braga, homenagem da comissão Pró-Monumento Marechal Deodoro — 1937, 1939".

Nº 657258
Serie O-3
Cr$ 60.000,00
BANCO DO BRASIL S.A.
AGÊNCIA CENTRAL
RIO DE JANEIRO
PAGUE POR ESTE CHEQUE A Francisco Braga
OU A SUA ORDEM A QUANTIA DE Sessenta mil cruzeiros
Rio de Janeiro 30 DE Outubro DE 1944
Departamento de Administração do Ministério da Educação e Saúde
BANCO DO BRASIL S.A. Nº 657258 SERIE O-3

O CHÉQUE N. 657.258, DO BANCO DO BRASIL, NA IMPORTANCIA DE SESSENTA MIL CRUZEIROS, ENTREGUE AO MAESTRO FRANCISCO BRAGA POR ORDEM DO PRESIDENTE DA REPUBLICA, NO DIA 30 DE OUTUBRO ULTIMO. TARDOU MAS VEIO O PREMIO JUSTISSIMO CONCEDIDO AO INSPIRADO COMPOSITOR DO HINO À BANDEIRA.

oferecera para percorrer as escolas primárias ensinando à criançada os versos de Bilac e a sua música.

E' verdade que em certas edições do Hino aparece a indicação de "propriedade reservada dos editores, etc.", mas são coisas que acontecem a obras muito divulgadas e que, neste caso, atrasaram bastante a concessão do prêmio ao velho mestre.

A história do prêmio começou com uma sugestão apresentada na reunião de uma das comissões interministeriais designadas para estudar e definir os símbolos nacionais. Carlos Drummond de Andrade, que eu admiro imenso como poeta e estimo como homem leal, me contou que o prêmio não foi concedido imediatamente porque não seria um só: Francisco Braga, Assis Republicano e Luiz Antão estavam na lista dos contemplados, e houve necessidade de esperar verbas, etc. Afirmaram-me que o ministro Gustavo Capanema não poude, há mais tempo, levar avante a sugestão porque os direitos publicamente proclamados por certos editores podiam chegar à pretensão de, pelo menos, partilhar o prêmio. E evidentemente o inegável senso de justiça de S. Excia. não podia admitir êsse absurdo. Não pude, infelizmente, averiguar a veracidade dessa informação. Sei por experiência própria o quanto é difícil conseguir uma entrevista de S. Excia. E já há filas de mais na Cidade para que as minhas curiosidades de reporter se alinhem em formação indiana à porta do gabinete do titular da Educação. Uma coisa eu sei com absoluta certeza: o telegrama em que a 15 de setembro p.p. o sr. Gustavo Capanema comunicava a Francisco Braga a decisão presidencial foi cordialíssimo. Telegrama de quem compartilha sinceramente uma vitória que julga merecida.

Agora, um pouco de maledicência. Pessoa de responsabilidade presente à aludida reunião me contou um "potin" delicioso. Francisco Braga devia presidir a uma das sessões em que se discutiria a orquestração do Hino Nacional; atrasou-se um pouco e ao entrar na sala encontrou o lugar tomado por certo cavalheiro, famoso pelo talento original que muitos lhe atribuem e, ainda mais, pela presunção que todo mundo lhe reconhece. Mal Francisco Braga entra na sala, êle diz, sem que nem por que: — "Maestro, estamos tratando de um assunto em cuja discussão não pode tomar parte. Não lhe peço que saia da sala, mas gostaria que ficasse calado nesse cantinho". Houve um grande espanto entre os membros da comissão, que não tinham tratado de nenhum assunto vedado ao voto do maestro Braga. Entretanto, da cadeira da presidência, o outro, sem o mais leve desconcêrto, continuou: — "Meus senhores, como estava falando ainda há pouco, é mister propôr ao Govêrno um prêmio para o autor do Hino à Bandeira. E etc.". Disse-me êsse informante que com isso se pretendia comover Francisco Braga para fazê-lo votar pela oficialização de certa orquestração arranjada para o Hino Nacional... Estou vendendo o peixe ao preço da compra. O certo é que dessa reunião partiu a idéia do justo prêmio que agora vem às mãos do glorioso compositor.

A idéia dormiu muito tempo; só não dormia o sr. Agostinho coligindo documentos, formando uma enorme pasta de originais e fotocópias. Corbiniano Vilaça entregou uma dessas pastas a Olegario Mariano para que o poeta a levasse ao Presidente. Não foi preciso isso. Quando o Presidente foi à Academia, à hora em que os outros imortais se aglomeravam para a solenidade do "jetton", o cantor das cigarras levou S. Excia. à biblioteca e lembrou-lhe o projeto do prêmio tão útil à velhice de Francisco Braga. Tiro e queda. Poucos dias depois tudo estava consumado, com o telegrama do ministro Capanema chegando à rua Barão de Itapagipe dando a grande notícia.

O sr. Agostinho d'Almeida — o homem do arquivo — mostra um recorte de "O Globo", edição final de 6 de outubro p.p.:

"Logo que teve conhecimento da assinatura do referido decreto-lei, o maestro Francisco Braga escreveu ao presidente Getúlio Vargas a seguinte carta, confiada, ontem, à Academia Brasileira de Letras, pelo acadêmico Olegario Mariano, afim de que seja a mesma entregue a S. Excia. pela própria Casa de Machado de Assis:

"Senhor Presidente — Sou daqueles que nunca duvidaram da grandeza do coração do grande homem que orienta os destinos do Brasil. Quando meu amigo Olegario Mariano me falou da conversa que teve com V. Excia. na Academia, sentí uma quase certeza de que a minha velhice ia ser amparada. Não foi preciso muito tempo para ver tornada realidade a esperança que vinha, como certos motivos musicais, embalando a tristeza das minhas horas. Afinal, uma vida laboriosa que tudo deu ao Brasil, desde a coragem dos verdes anos até o cansaço dêste fim de jornada, bem merecia uma recompensa. Cada um dá o que tem e eu me orgulho, senhor Presidente, de ter dado tudo que pude dar à minha terra dentro das minhas possibilidades.

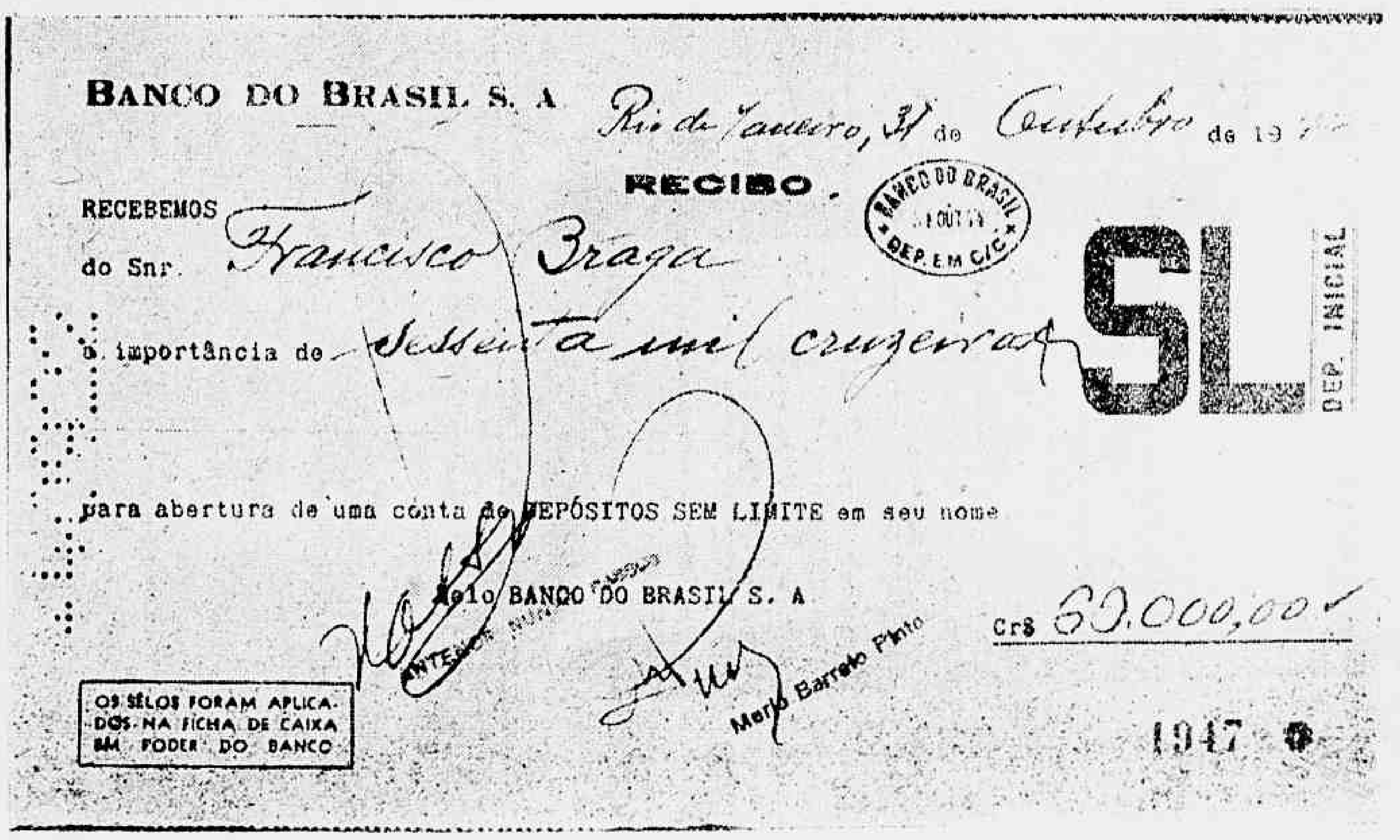
Creia, portanto, V. Excia. na expressão do meu reconhecimento, que é grande e sincero, como sempre foi sincero e grande o meu entusiasmo pelo homem que tanto tem feito pelo Brasil.

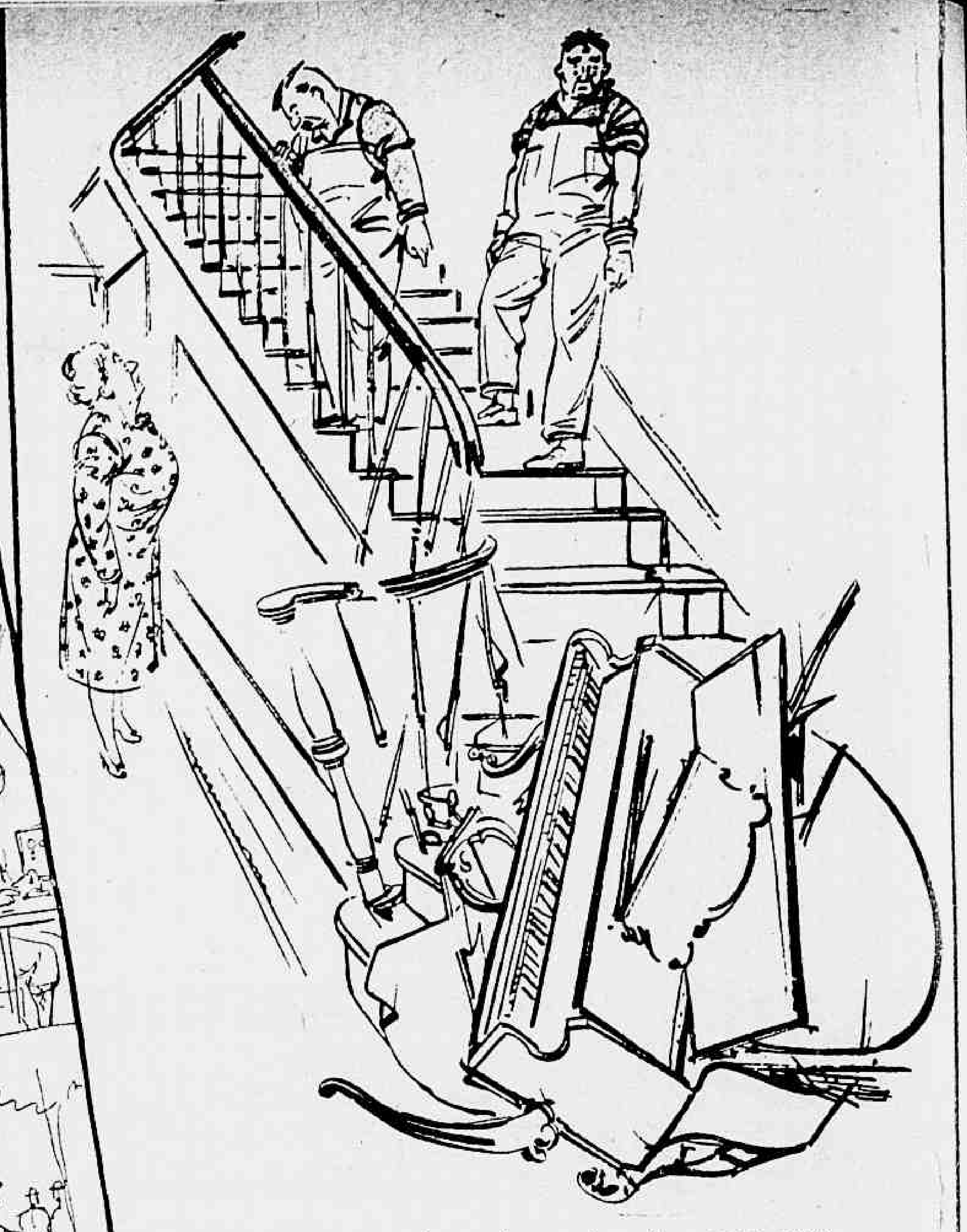
Sou de V. Excia. grande admirador e amigo devotado. (a) Francisco Braga."

Está aí a história do Hino à Bandeira. Não inteira. Porque o hino está vivo e vivendo a vida. Cada vez que um bando de crianças repete na velha música os velhos versos; cada vez que as trompas e os clarins o arrancam da glória rútila dos metais sonoros êle vive mais um capítulo. Conto ao maestro quantas vêzes o tenho ouvido nesta semana, em festas escolares, reuniões proletárias, comemorações cívicas. E êle, como um pai ansioso pelas notícias de um filho ausente: — "E como estava o hino: lento? presto?"

E aqui fica uma advertência do velho mestre: "Cantai-o com entusiasmo, meninas das escolas! Tocai-o em tempo de marcha, músicos de batalhões! O maestro não gosta dos compassos se arrastando em lento cantochão. E' hino. Exaltação. Alegria. Vida. E' num impulso de amor que se deve saudar a Bandeira: "Salve lindo pendão da Esperança!"

O DINHEIRO, EM ESPÉCIE, NÃO CHEGOU A PASSAR PELAS MÃOS DE FRANCISCO BRAGA. NO DIA IMEDIATO, 31 DE OUTUBRO, ÉRA FEITO O DEPOSITO LÁ MESMO, NO BANCO DO BRASIL, CONFORME RECIBO CUJA REPRODUÇÃO APARECE NO *cliché* ABAIXO DE N. 1947, "PARA ABERTURA DE UMA CONTA DE DEPOSITOS SEM LIMITE EM SEU NOME". PELA PRIMEIRA VEZ O MAESTRO PODIA DEPOSITAR EM UM BANCO TÃO ELEVADA QUANTIA.


BANCO DO BRASIL S. A. Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 19
RECIBO
RECEBEMOS
do Snr. Francisco Braga
a importância de Sessenta mil cruzeiros
SL
DEP. INICIAL
para abertura de uma conta de DEPÓSITOS SEM LIMITE em seu nome
Pelo BANCO DO BRASIL S. A
Cr$ 60.000,00
OS SÊLOS FORAM APLICADOS NA FICHA DE CAIXA EM PODER DO BANCO
1947

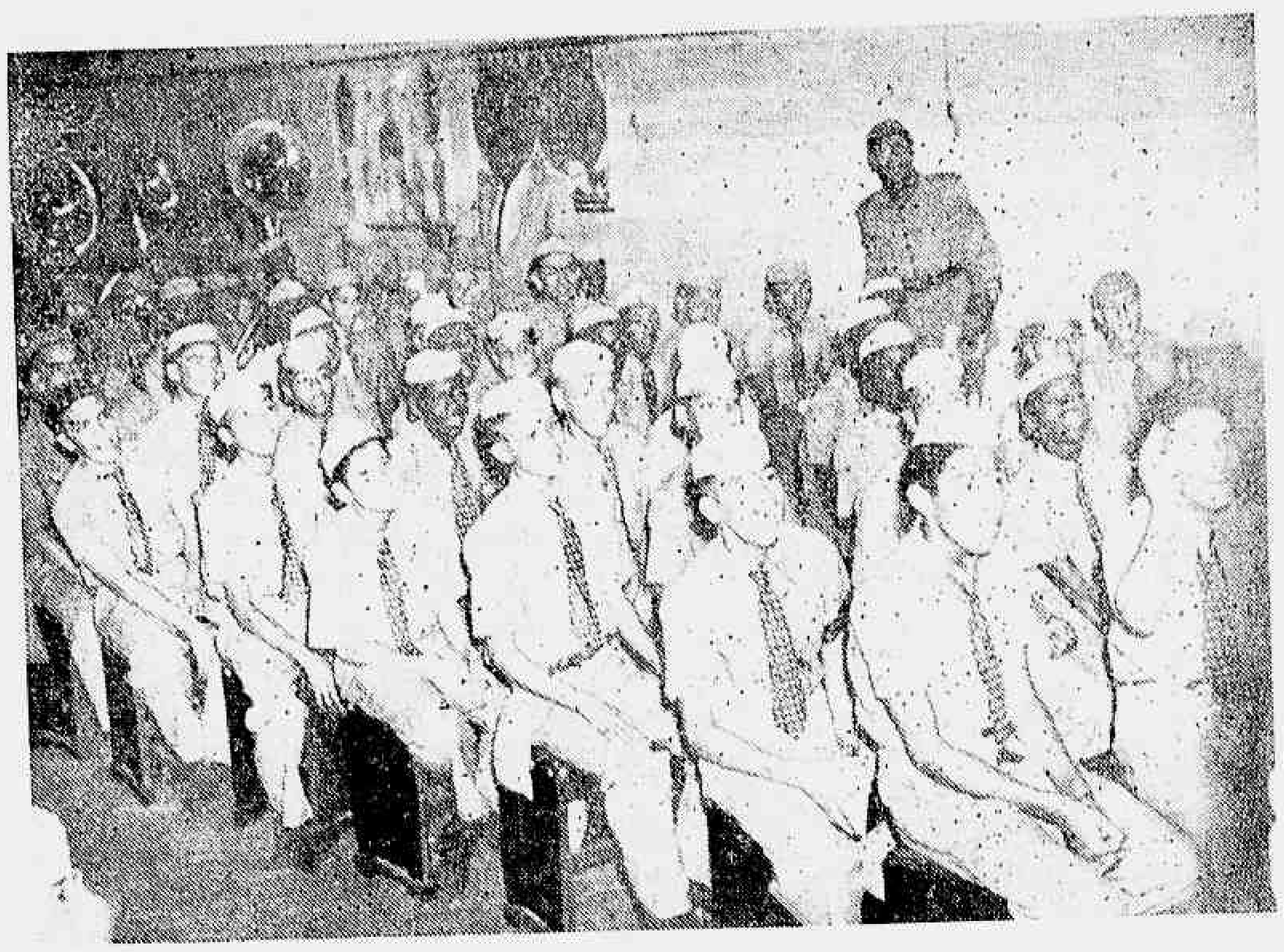


Não se aborreça, minha senhora, nós o levaremos para cima de qualquer modo.

DE BOM HUMOR

E' para você

O SR. CARLOS LUZ DANDO INICIO Á ENTREGA DOS PREMIOS AOS PEQUENOS JORNALEIROS; SÃO CADERNETAS DE ECONOMIA QUE LHES ENSINARÃO A POUPAR, GUARDANDO PARA AMANHÃ O QUE SOBRAR DO PRODUTO DAS SUAS LABUTAS DIARIAS.



A CASA DO PEQUENO JORNALEIRO PARTICIPA, ANUALMENTE, DAS COMEMORAÇÕES DA "SEMANA DA ECONOMIA". EI-LOS SORRIDENTES E FELIZES, NA BONITA CERIMONIA DO DIA 28 DE OUTUBRO, Á ESPERA DO MOMENTO DE RECEBER OS SEUS PREMIOS.

A "SEMANA DA ECONOMIA" DE 1944

Prosseguindo na reportagem das festividades da SEMANA DA ECONOMIA de 1944, encerrada a 31 de Outubro p.p., cujo transcurso assinalou mais um legitimo sucesso desse certame anual promovido pela Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, registramos agora as solenidades dos dias 28 ao do encerramento, todas realisadas com grande brilho, despertando enorme interesse em todas as classes sociais.

NA CASA DO PEQUENO JORNALEIRO

No dia 28, pela manhã, na Fundação Darcy Vargas (Casa do Pequeno Jornaleiro), teve lugar uma interessante festa, para distribuir premios a esses preciosos auxiliares da imprensa carioca, que se beneficiam do acolhimento daquela instituição. Foram distribuidas numerosas Cadernetas de Economia aos jornaleiros que mais se distinguiram durante o ano por suas virtudes, tendo, no final, os pequenos vendedores de jornais ofertado um brinde ao sr. Carlos Luz.

A FESTA DO CURSO PRIMARIO

A 29 realisou-se, no Teatro Municipal, a festa do "Curso Primario", para a entrega dos prêmios do Curso de Desenho" e do Torneio Escolar", seguindo-se uma festa cívico-teatral infantil, organizada pelo Departamento de Educação Nacionalista da Prefeitura. A essa festa compareceram representações de alunos de todas as escolas primarias do Distrito Federal. Foi uma cerimonia que despertou enorme entusiasmo na criançada das nossas escolas primárias, que lotou completamente o nosso principal teatro.

A FESTA DOS TRABALHADORES

No Parque Proletario da Gavea teve lugar, a Festa dos Trabalhadores, promovida pela Caixa Econômica, em prosseguimento das cerimonias da "Semana da Economia". O ato foi presidido pelo Dr. Carlos Luz, que elogiou a ação da Prefeitura, no Parque, e manifestou o seu contentamento em premiar aqueles que mais se distinguiram nos trabalhos coletivos.

A' direita — O SR. CARLOS LUZ, PRESIDENTE DA CAIXA ECONOMICA, DIRIGINDO-SE AOS TRABALHADORES PELO MICROFONE DA RADIO MAUÁ.

NO INCANSAVEL PROPOSITO DE DIFUNDIR EM TODAS AS CAMADAS SOCIAIS O HABITO DA POUPANÇA, A "SEMANA DA ECONOMIA" PENETRA ONDE SEJA ACONSELHAVEL LEVAR OS SÃOS ENSINAMENTOS QUE ESPALHA, VISANDO O BEM COLETIVO. NOS *clichés* ABAIXO VEMOS DOIS ASPECTOS DA VISITA FEITA AO RESTAURANTE DO SAPS, NA PRAÇA DA BANDEIRA, QUE REGISTRAM A DISTRIBUIÇÃO DE BRINDES E FOLHETOS DE PROPAGANDA, FEITOS NO GRANDE REFEITORIO, PESSOALMENTE PELO SR. CARLOS LUZ, Á HORA DE MAIOR MOVIMENTO ALI.

A "Semana da Economia" de 1944

O Côro Orfeônico da Escola Primaria executou varios e interessantes numeros, findo o que foi feita a entrega de premios aos trabalhadores estudantes, assim como do material escolar para ser utilizado no estabelecimento de ensino ali existente. O Hino Nacional encerrou a primeira parte da solenidade. Logo depois, no Teatro Getulio Vargas, executado pelos operarios do Parque, em suas horas de folga, o secretario do Clube Recreativo local referiu-se à inauguração da referida casa de diversões como fator de estímulo ao preparo intelectual e artístico dos operarios. Foi executado um programa recreativo, no qual tomaram parte varios colegiais. A festa dos trabalhadores encerrou-se com o Hino Nacional. Foi ela uma das cerimonias mais expressivas, no sentido popular, das realizadas, até agora, pela Caixa Econômica do Rio de Janeiro durante a SEMANA DA ECONOMIA. Terminada a solenidade, que provocou imensa alegria entre os habitantes do Parque, os presentes dirigiram-se ao restaurante SAPS, na praça da Bandeira, onde distribuiram brindes aos trabalhadores ali presentes.

A FESTA DO CURSO SECUNDARIO

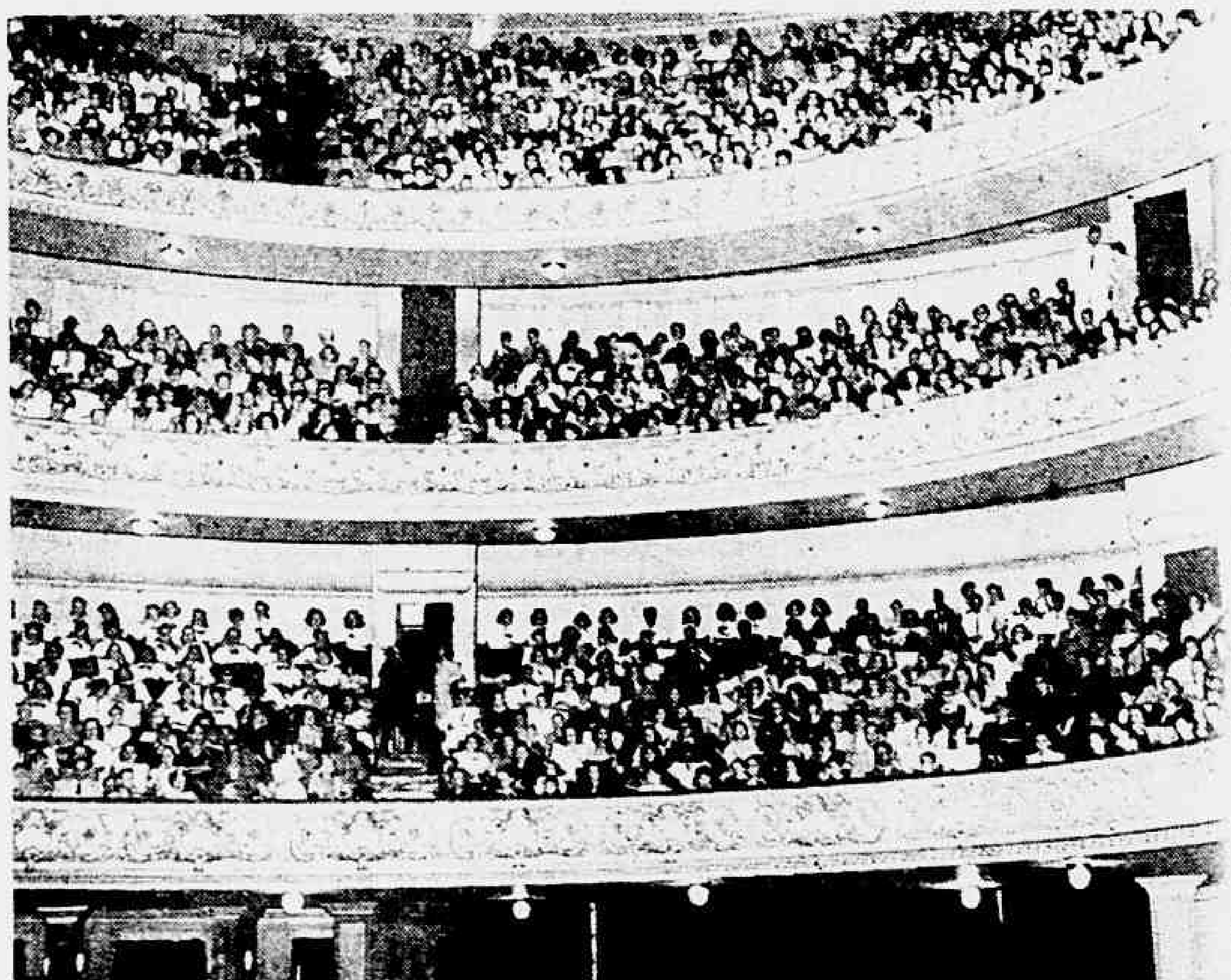
No Teatro Municipal, a Caixa Econômica do Rio de Janeiro fez realizar a FESTA DO CURSO SECUNDARIO com a qual encerrou a série de cerimonias constantes do programa da SEMANA DA ECONOMIA. A solenidade foi presidida pelo Dr. Carlos Luz, diretores da Caixa Econômica, representantes do prefeito e do ministro da Justiça, e figuras proeminentes do magisterio, e constituiu uma festa de grande elegancia e distinção. Na primeira parte dos trabalhos, foi feita a en-

FASE FINAL DO LINDO BAILADO "TEREZINHA", ORIGINAL DE PEDRO BLOCH E RAPHAEL BATISTA, EXECUTADO POR ALUNOS DE VARIOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO, SOB A ORIENTAÇÃO DE YUCO LINDENBERG, NUMERO ESTE DOS MAIS APLAUDIDOS ENTRE OS QUE FORAM LEVADOS À CENA NA FESTA DE ENCERRAMENTO DA "SEMANA DA ECONOMIA".

O PRESIDENTE DA CAIXA ECONOMICA INAUGURANDO O TEATRO "GETULIO VARGAS", DO CLUBE RECREATIVO DO PARQUE PROLETARIO DA GAVEA

NO PARQUE PROLETARIO DA GAVEA A GAROTADA EXULTOU COM O DESENROLAR DA FESTA QUE A "SEMANA DA ECONOMIA" ALÍ LEVOU A EFEITO.

QUADRO DE GRANDE EFEITO REPRESENTADO POR ALUNOS DAS ESCOLAS PRIMARIAS ENCENADO DURANTE A FESTA DOS CURSOS PRIMARIOS, REALISADA A 29



ASPECTO DAS GALERIAS DO TEATRO MUNICIPAL, TOMADO NO DECORRER DA FESTA DO CURSO SECUNDARIO, COM QUE FORAM ENCERRADOS OS FESTEJOS DA "SEMANA DA ECONOMIA".

O DIRETOR DO COLEGIO "ARTE E INSTRUÇÃO" RECEBE O DIPLOMA CONFERIDO A ESSE ESTABELECIMENTO DE ENSINO, COMO VENCEDOR COLETIVO DA MARATHONA INTELECTUAL DE 1944

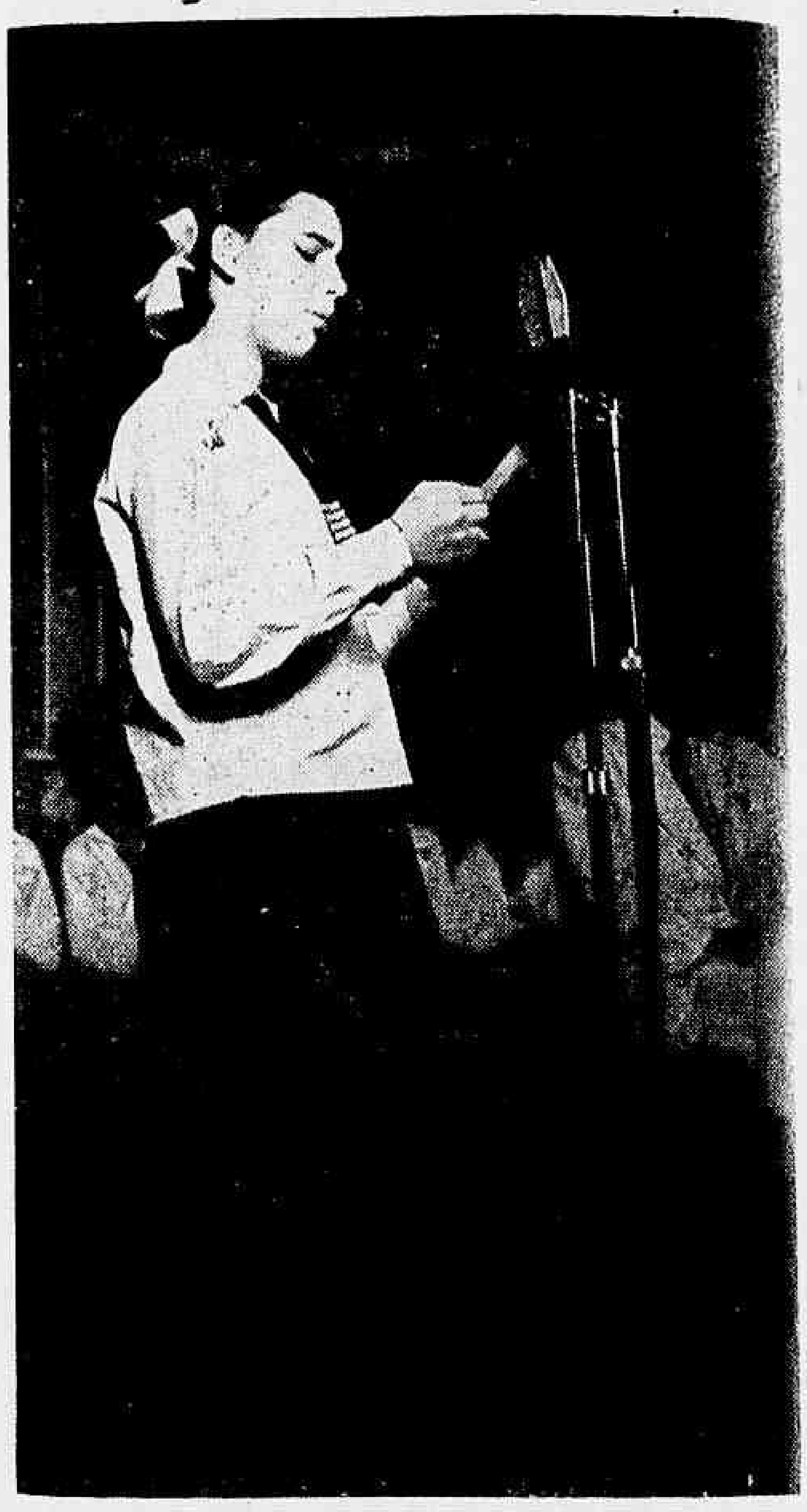
PASSAGEM DO QUADRO INTITULADO "EXALTAÇÃO À BAHIA", REPRESENTADO NA "FESTA DA PRIMAVERA", PARTE ARTISTICA DA FESTA DO CURSO SECUNDÁRIO, DA "SEMANA DA ECONOMIA".

O SR. CARLOS LUZ CUMPRIMENTA A ALUNA SYLVIA MARIA MONTEIRO DE BARROS, DO INSTITUTO LA-FAYETTE, 1º LUGAR DA PROVA ESCRITA, 3ª SÉRIE DA "MARATHONA INTELECTUAL."

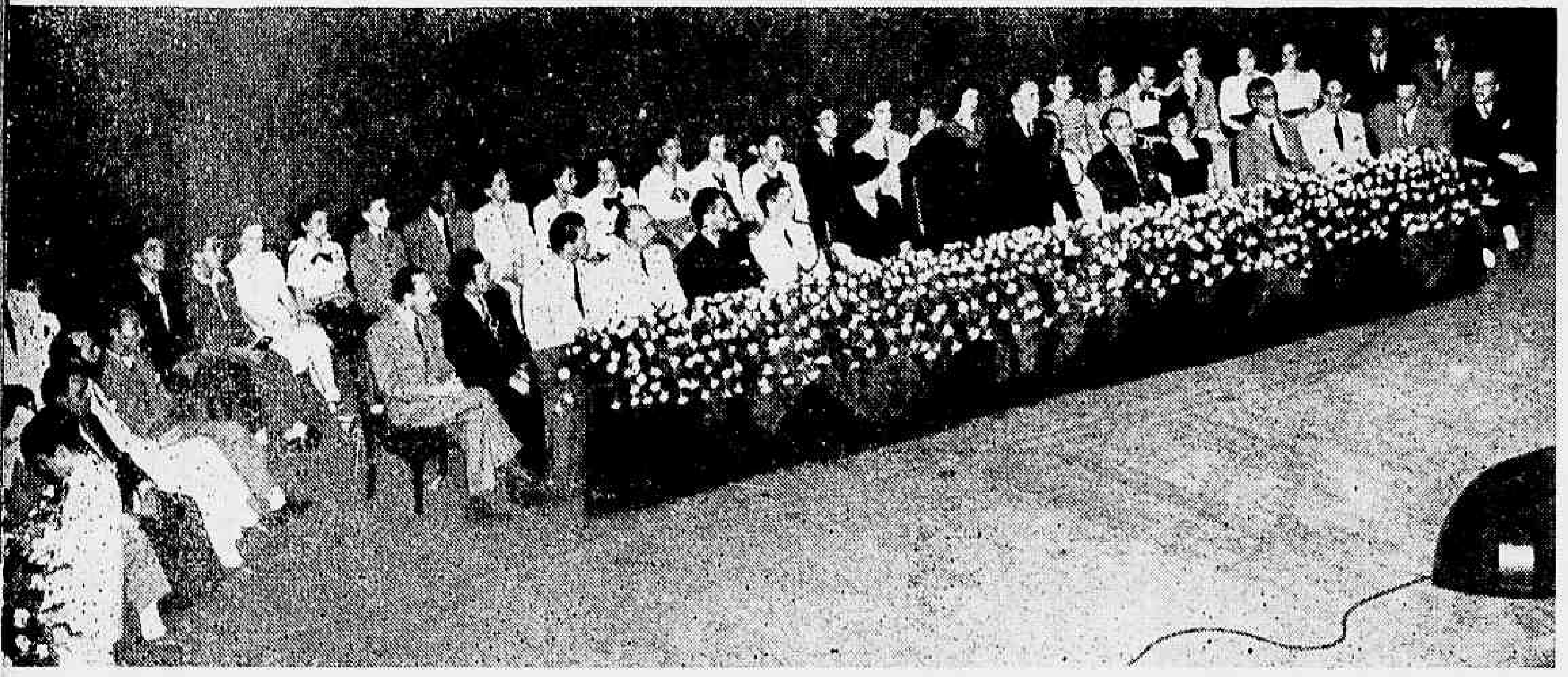
DURANTE A "FESTA DO CURSO PRIMÁRIO", UM DOS VENCEDORES DOS CONCURSOS INSTITUIDOS PELA CAIXA ECONOMICA RECEBE O PREMIO QUE LHE FOI CONFERIDO EM JULGAMENTO.

A "AFESTA DA PRIMAVERA", PARTE ARTISTICA DA SOLENIDADE DOS CURSOS SECUNDÁRIOS, FOI UM BELISSIMO ESPETACULO DE ARTE, DO QUAL SE DESEMPENHARAM ALUNOS DE DIVERSAS CASAS DE ENSINO DESTA CAPITAL, SEMPRE MUITO APLAUDIDO. EM BAIXO VEMOS UM ALEGRE GRUPO DE PARTICIPANTES.

APOTEOSE FINAL DA "FESTA DA PRIMAVERA", CHAVE DE OURO QUE ENCERROU A ESPLENDIDA PARTE ARTISTICA DA "FESTA DO CURSO SECUNDÁRIO", CUJOS APLAUSOS RECEBIDOS DA ENORME ASSISTENCIA FORAM CONSTANTES E ENTUSIASTICOS.



UMA ALUNA DAS ESCOLAS PUBLICAS MUNICIPAIS DIZENDO O AGRADECIMENTO DOS SEUS COLEGUINHAS.



A MESA QUE PRESIDIU À "FESTA DO CURSO SECUNDARIO". NO MOMENTO FALAVA O SR. CARLOS LUZ.

A "Semana da Economia" de 1944

trega dos premios aos alunos vencedores da Maratona Intelectual de 1944 e dos diplomas de honra aos diretores e professores dos alunos premiados. Em nome dos alunos beneficiados, falou a jovem Silvia Maria Monteiro de Barros, do Instituto La-Fayette, que louvou a ação da Caixa Economica do Rio de Janeiro. Encerrando essa parte, o Dr. Carlos Luz pronunciou breve discurso, fazendo um interessante retrospecto da SEMANA DA ECONOMIA, evidenciando as cerimonias, realizadas pela prestigiosa instituição do crédito popular e o valor das economias depositadas no grande banco dos pobres. O orador foi ouvido com muita atenção, sendo aplaudido ao terminar. Seguiu-se a segunda parte da solenidade, constante da representação da revista intitulada FESTA DA PRIMAVERA, de autoria de Pedro Bloch, dividida em dois atos e quadro final. O espetáculo constituiu um autêntico sucesso, agradando imenso à seleta a sistencia que enchia totalmente aquela casa de espetáculos. Com essa festa, de admiravel relevo social, a Caixa Economica fez encerrar, na SEMANA DA ECONOMIA, a série de grandes solenidades.

TRES ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE DESENHO DA ECONOMIA ESCOLAR, QUE FUNCIONOU NO "FOYER" DO TEATRO MUNICIPAL.

OS GRAFICOS DEMONSTRAM O PROGRESSO QUE ESSE SERVIÇO DA CAIXA ECONOMICA VEM EXPERIMENTANDO DE ANO PARA ANO, REGISTRANDO, EM 23 DE OUTUBRO ULTIMO, 446.578 DEPOSITOS ESCOLARES NO VALOR DE CR$ 3.368.278,00.

JUNTO À MONTRA DE DESENHO A CAIXA ECONOMICA EXPOZ À CURIOSIDADE DOS VISITANTES A PRIMEIRA "CAIXA FORTE" UTILISADA PELA INSTITUIÇÃO, EM CONFRONTO COM OS MODERNOS COFRES HOJE EM USO.

UM CRIME PERFEITO? NÃO EXISTE TAL COISA. COMO EM TODOS OS CASOS, O CRIMINOSO ERROU.

O IMPREVISIVEL

Adaptação de uma novela de
EDMUND PAERSON

E' isso o que, afinal de contas, derrota o criminoso mais ardiloso. O imprevisivel, o pequeno detalhe que escapa, na ansia de pôr em pratica o plano mais minuciosamente arquitetado. Uma coincidência que poderia, á primeira vista, parecer sem importancia vem revelar o responsavel por uma morte horrenda. Um álibi, pacientemente construido póde ser, em alguns segundos, destruido por uma pessoa que descuidadamente, impremeditadamente, olha por uma janela.

Um crime perfeito? isso não existe. O criminoso erra sempre. O único crime perfeito que existe é aquele em que o criminoso tem a autoridade necessária para mandar executar a vítima. Esse é um crime perfeito sancionado pela lei.

Tomemos, ao acaso, um exemplo. Sabeis qual o crime que causou mais sensação nos últimos tempos, não é verdade? Lestes, sem dúvida alguma, nos jornais a história do ardiloso assassino que planejou durante um ano a morte de sua esposa, com o fito de cobrar o seguro de vida que fizera para ela. Pois bem. Era um plano simples na ação e complicadíssimo no planejamento, que o cérebro desequilibrado de um maníaco inteligentíssimo arquitetou. Não foi um crime apressado, que, na irreflexão do momento de cólera pudesse buscar, se não a sua desculpa, pelo menos uma justificação. Nada disso. Foi um crime planejado, cuidadosamente, minuciosamente, detalhadamente. E nada resultou.

O crime encheu de pavor uma cidade inteira, não por trazer uma ameaça á sua tranquilidade, mas pelo choque terrivel que é sempre o fáto de encontrar-se, entre os homens, quem seja capaz de um crime desses e essa vaga inquietude que nos traz a tragédia alheia, que pensamos poderia talvez ser nossa.

A história é longa e remonta a época muito remota. Começa, exatamente, numa bela manhã de verão quando um jovem empregado em um banco vai visitar, pela primeira vez, a casa de seu patrão, convidado pelo chefe, em virtude das ótimas qualidades que tinha demonstrado. Dizia sempre o chefe que ele seria alguma coisa na vida e ele de fáto foi: foi um assassino.

✤

Contemplai-o a descer a rua, procurando o número da casa. Parece inofensivo, porém isso contribue para tornar o caso ainda mais tremendo. E, além disso os pensamentos que o acompanham são suficientes para prová-lo. Desce ele a rua, assobiando, calmamente. E que pensa ele? Pensa em muitas coisas. Entre outras planeja um crime. Não tem ainda na cabeça a vítima que deseja, mas o crime já está pronto até no menor detalhe, inclusive o menor de todos, justamente o mais importante e aquele, em virtude do qual ele foi condenado e executado.

Ei-lo que caminha despreocupadamente, assobiando. Na sua aparencia nada trae o que lhe vai no cérebro. No seu íntimo nada ha que faça prever a sua aparência externa. Ele tem ar sensivel e é na realidade um grosseirão. Parece um rapaz idealista e, na verdade, é mais prático do que se poderia imaginar. O movel mesmo de seu crime é dos mais vergonhosos e dos mais desprezíveis. E' um crime simples, de motivo pouco complexo. Matará por dinheiro.

Chega, agora, á casa do patrão. Bate á porta e vem um criado vestido de libré recebê-lo. Ele faz-se anunciar e, dentro em breve, troca no salão cumprimentos respeitosos. E' apresentado á familia do chefe, que o elogia.

— E' um rapaz de valor!

E Carlos faz um gesto de modéstia, mais convencional do que sincero, porque está convencido do próprio talento e a tal ponto seguro da sua superioridade e da sua capacidade de dissimulação que prepara um golpe sensacional. Tenciona, nada mais, nada menos, do que casar com a filha do patrão. O projéto que era vago ainda tomou finalmente corpo á vista da linda jovem que o acolheu com um sorriso encantador.

— Minha filha Maria... Carlos de Morais um de meus melhores empregados....

— Muito prazer, senhorita...

— Muito prazer cavalheiro...

E assim conheceram-se. Ela fez uma reverência e ele uma curvatura discréta.

Mais tarde, após o jantar, enquanto conversava respeitosamente com o pai sobre o estado dos negócios, ouvindo pacientemente, as queixas do velho, Carlos planejava seu casamento e seu crime. Olhava para a moça que estava alí, bem perto dele, e não sentia remorsos por antecipação ao vê-la tão linda e jovem e predestinada a morrer moça, primeiro satisfazendo a cobiça que nele despertara sua beleza e, mais tarde, quando se cansasse dela, satisfazendo a cobiça que lhe despertara o dinheiro.

O plano de campanha era simples. Era dissimular até o fim e finalmente lançar a coisa aos olhos do patrão atonito obtendo uma decisão antes que este tivesse tempo para refletir. Era simples, muito simples...

✤

Se alguem possuisse o dom da previsão poderia empregá-lo com resultados muito proveitosos. Essa reflexão, se nada tem de original, tambem não deixa de ser interessante, pela quantidade de reflexões que nos sugere. Quanta desgraça poderia ser evitada por uma previsão.! A morte de Maria, por exemplo.

Depois de alguns meses de namoro, Carlos foi falar ao chefe no seu gabinete.

— Carlos! Que há?

— Preciso falar com o senhor...

— Muito bem...

— Sr. Brandão...

O patrão sorriu.

— Você está com um ar solene. Será que houve alguma coisa? Alguma dificuldade? Precisará de dinheiro?

— Não senhor. O caso é mais sério.

Preocupado o patrão, disse:

— Nesse caso, fale. Fale logo.

— Sr. Brandão. Já mais de uma vez o senhor teve ocasião de dizer que estava satisfeito com os meus serviços e que na primeira ocasião elevarme-ia a um posto de responsabilidade. Tranquilize-se. Não é esse posto que eu venho pedir. E' outra coisa, talvez mais preciosa.

— Você me faz curioso...

— Sr. Brandão, desde que o senhor me deu a honra de convidar-me a visitar sua casa e como as visitas se amiudassem eu criei para com o senhor uma amizade que me permite a audácia desse ato. Não foi, entretanto, sòmente ao senhor que os laços de uma amizade me prenderam. A sua senhora tambem me cativou imediatamente e uma afeição respeitosa se desenvolveu. Ainda, porém, não foram sómente o senhor e sua esposa que em mim despertaram sentimentos de humilde e respeitosa estima: sua filha tambem, com sua graça e sua beleza, deu lugar a um sentimento que eu, consciente da minha posição de subalberno, esforcei-me por reprimir, mas, apesar de tudo, não me foi possivel impedir que crescessem, com um vigor e uma violência inominaveis... Sr. Brandão, eu estou sendo verboso, quando meu intuito é ser sincero e falar com simplicidade. Amo sua filha e venho pedir-lhe a sua mão...

Brandão ficou em silêncio, durante alguns minutos. Finalmente disse:

— Se fosse outra pessoa que me tivesse feito esse pedido, se fosse algum empregado da mesma condição que você a quem, entretanto, não me ligasse a estima que lhe dedico, recusaria terminantemente. Porém, diante da sua confissão sincera de uma afeição legítima e respeitosa, partindo de um rapaz de sua correção e de seu valor, não posso adotar essa atitude. Não nego que sonhara para minha filha uma aliança mais brilhante mas acho, que, de qualquer maneira, aceitando-o ela terá um ótimo marido...

— Não sei como...

— Não diga nada. E faça a ela mesmo o pedido. Tem meu consentimento para isso...

— E' com a maior alegria que eu deixo de chamá-lo sr. Brandão para dar-lhe o nome carinhoso de pai...

O velho enxugou furtivamente uma lágrima. Estava comovido Carlos exultou. Ao saír do escritório ia pensando:

— Como é imbecil esse velho. Comeu, inteirinha, a minha conversa cheia de palavrório. Mais um passo para o sucesso, "seu Carlos". Essa humanidade é muito estúpida mesmo!

✤

O casamento foi celebrado com toda a pompa que o Brandão imaginara para sua filha.

Foi uma festa que deixou uma recordação inesquecivel na cidadezinha onde esses acontecimentos eram raros.

O casal de recem-casados foi morar numa linda casa que o velho mandara construir para eles. Viviam na maior felicidade.

✤

— Carlos!

— Hum?

— Onde é que você está?

— Estou aquí em cima, preparando as tintas...

—Não demore hein? O automovel já está á porta.

— Não há perigo.

Foi com um sorriso irônico que ele disse isso, porém ela, lá de baixo, naturalmente, não poderia vê-lo ou ter-se-ia assustado.

(Continua na pág. 39)

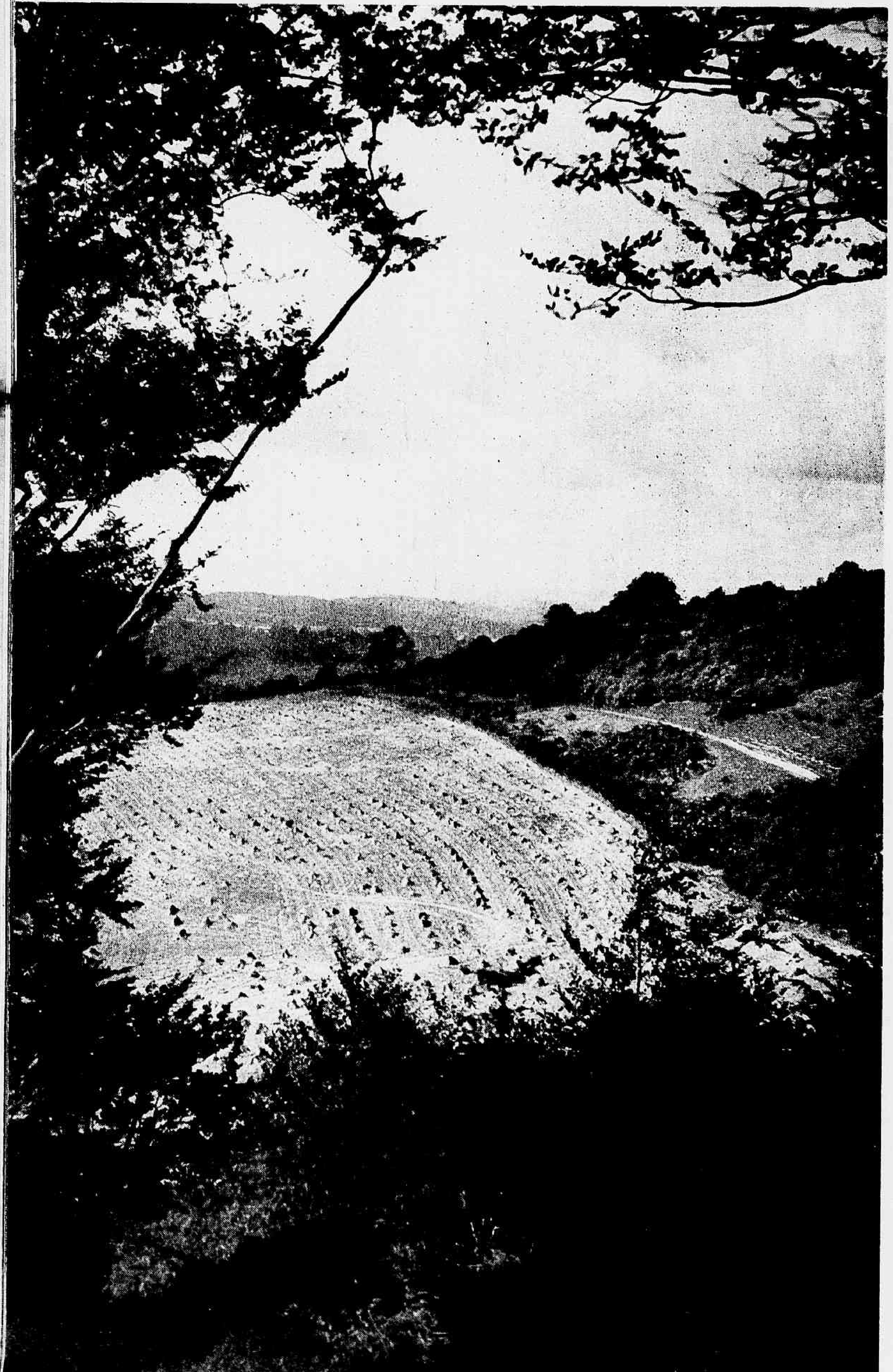
Verdes campos e jardins de Londres

Londres a maior cidade do mundo, não sacrificou toda a sua beleza natural aos tijolos e ao cimento, tendo em abundancia, parques públicos e amplos espaços cobertos de árvores copadas e lindos jardins.

Apesar de seus extensos subúrbios residenciais, é possivel atingir-se os campos, a uma distancia de 6 quilometros em qualquer direção. Os condados de Essex, Kent, Surrey, Middlesex, Buckinghamshire e Hertfordshire oferecem grande variedade de encantadores cenários, de fácil acesso, dotados de rápidos meios de comunicação.

Neste artigo, Augustus Muir descreve a "Verde Orla de Londres", suas belezas que a tornaram uma herança de que se ufanam todos os londrinos.

OS SUBURBIOS DE LONDRES, APRASIVEIS E BONITOS, SÃO O ETERNO REFUGIO DOS CITADINOS. O "WEEK-END" É PRATICADO COM TODO O RIGOR. AQUI ESTÁ UMA VISTA DA PEQUENA CIDADE DE SURREY DISTANTE QUINZE MILHAS DE LONDRES, TOMADA DE ASSALTO POR ALGUNS MILHARES DE LONDRINOS QUE NÃO SE PREOCUPAM MUITO COM O "BLACKOUT" NEM AS AMEAÇAS DE HITLER.



Por
Augustus Muir.

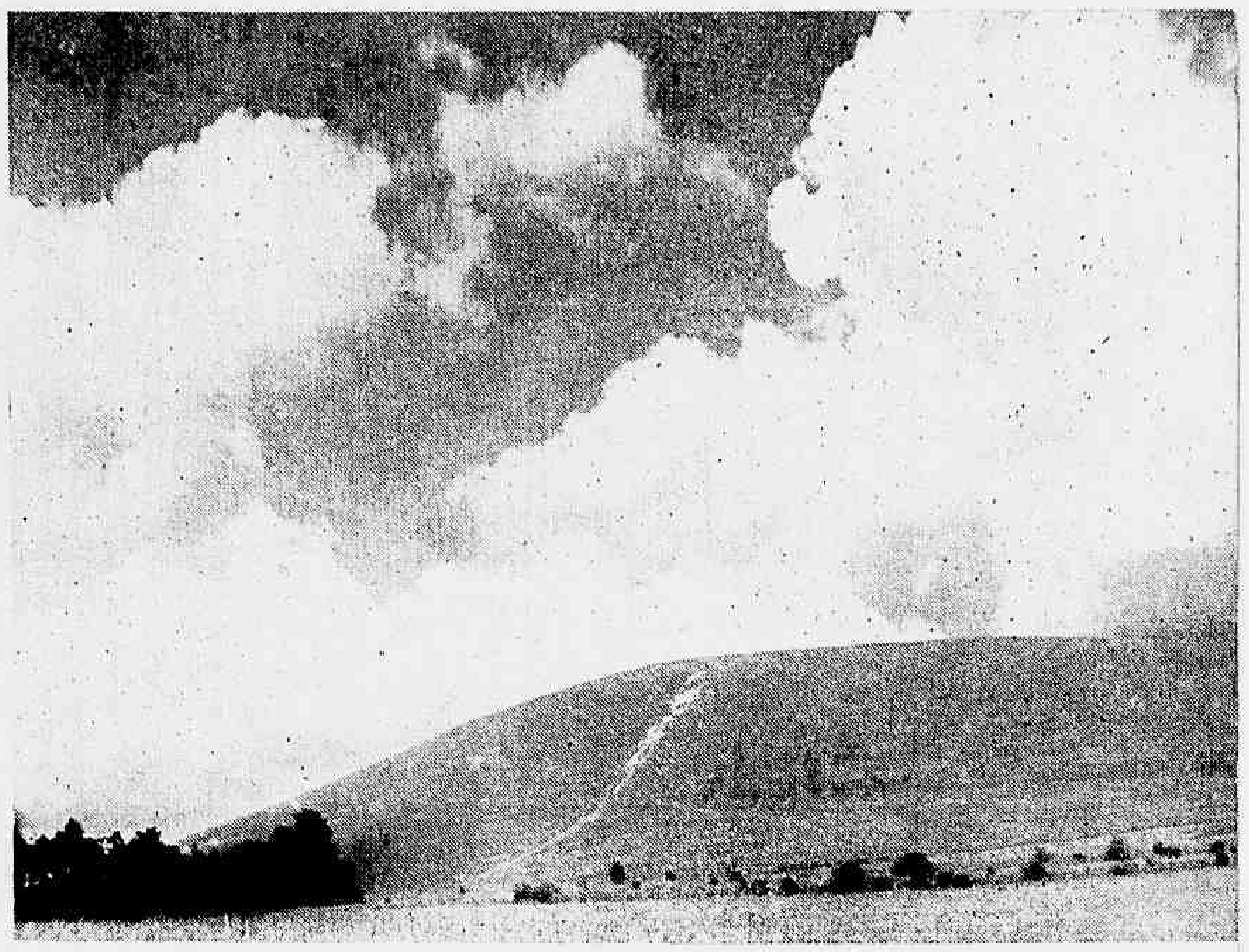
SE bem que o "black-out" tenha trazido, durante algum tempo, a benção do silêncio ás ruas de Londres após a meia noite, um homem poderá se deter num centro como Piccadilly Circus e atentar ao som do tráfego das ruas, contínuo durante as horas diurnas. O ruído do tráfego e dos passos humanos, eis a música da cidade a verdadeira voz da metrópole, tão variada quanto a sua arquitetura, tão característica quanto o seu horizonte. Entretanto, uma excursão a cêrca de 16 quilômetros de distancia,em qualquer direção, pode levar á permanente paz das zonas rurais inglesas, onde se torna possível caminhar sôbre a relva ou nas florestas, encontrando o procurado repouso de espírito.

Londres é, na verdade, uma cidade cheia de surpresas. O londrino, não menos do que o forasteiro, delicia-se sempre com alguma nova descoberta, pois é impossível esgotar a magia dessa cidade de recantos inesperados e de atalhos romanticos. Igualmente encantadora é a auspiciosa descoberta de alguma nova faixa de verdura além dos subúrbios externos. Londres, como é sabido, não foi bem planejada. Cresceu espalhando-se cada vez mais, numa louca prodigalidade, pêlos condados vizinhos. Foi feliz no que concerne aos parques públicos, que são muitos e extensos. Apenas ao sul do Tamisa há Woolwich Common, Greenwich Park, Black Heath, os terrenos do Palácio de Cristal, e os amplos espaços de Dulwich (onde se encontra mesmo um campo de golf, compreendido entre terraços de tijolos e cimento). Clapham tem o seu parque comunal, bem como Brixton e Tooting, com o Mitcham Common um pouco mais ao sul. Quanto a Wimbledon Common e Putney Heath, juntamente com Richmond Park, formam um oasis verde e refrescante na orla a sudeste de Londres. E, caso se acrescente o vizinho Old Deer Park, bem como Kew Gardens, encontram-se amplos espaços, cuja exploração pormenorisada exigirá um tempo bastante longo.

Mas êstes parques públicos não são a única herança de Londres na orla meridional, coberta de árvores verdes e copadas. Quer pêlo trem subterraneo, pêlos bondes ou ônibus, pode-se chegar às zonas rurais em que é possível vagar ao acaso durante horas, esquecendo que as Casas do Parlamento ficam situadas a menos de 19 quilômetros de distancia. Para o sudeste, aproximadamente entre Erith e Croydon, encontram-se vários bosques. Bastaria mencionar Joydens Wood, em Bexley e os campos nas vizinhanças de Chislehurst, inclusive Pett's Wood, atualmente uma recordação do homem que introduziu a "Hora do Verão". Mas talvez um dos mais agradáveis passeios nesta região de Kent seja o de Addington Park, onde os Arcebispos de Canterbury tiveram, outrora, a sua residencia rural, e onde os bosques de vidoeiros e pinheiros oferecem ao caminhante, uma série de quadros inesquecíveis. E um pouco mais para o oeste, pode-se atravessar a velha propriedade de High Elms. Menciono-a, pois foi ai que Lord Avenbury, o grande banqueiro, imaginou a instituição dos Feriados Bancários que tornaram possível a tantos milhares de londrinos visitar os campos situados á volta da metrópole.

Algumas milhas mais distante de Londres, chegamos á amena encosta de North Downs. Essas colinas calcáreas têm um encanto todo especial — calmo e discréto — com uma atmosfera de paz. Suton, Epsom e Leatherhead acham-se ao sopé dessas colinas, e, entre Epsom e Weybridge, há milhares de acres de

Um hotel para repouso de fim de semana, em Epping Forest, ponto terminal da linha de onibus procedente de Londres. Dois mil hectares de floresta rodeiam esse hotel para repouso. Não são apenas os velhos e crianças, mas os que trabalham, ali passam dois ou tres dias por mês.



Ha quem prefira a beira-mar, ou beira-rio. Outros querem galgar montanhas e descansar nas alturas. Aqui está Ivinghoe Beacon, em Buckingham, a 250 metros de altitude onde as amarguras da guerra se dissipam por alguns dias. É aí que os londrinos retemperam os nervos.

bosques e parques, se bem que grande parte tenha sido hoje submetida ao arado. Ainda mais próximo de Londres temos os amplos espaços de Hampton Court e Bushy Park, com sua famosa avenida de castanheiros e seus veados ariscos. Hounslow conserva as suas charnecas cortadas por uma das principais estradas de rodagem, onde ressôa não só o ruido do tráfego veloz, mas o de várias dezenas de novas fábricas, construidas em estílo moderno. A estrada que leva a Slough é uma nova "Via Appia" — uma estrada industrial com a atmosfera do século XX e várias inovações notáveis no que concerne á arquitetura funcional.

Perto de Ealing e Brentford encontramos verdes campos, em Osterley por exemplo. Alguns quilômetros mais para oeste, em Uxbridge, estamos no limiar de um distrito que apresenta facetas múltiplas, onde as estradas parecem ignorar sua direção e destino, e cada paróquia está embebida em tradição, desde Stoke Podges, onde o poeta Gray escreveu a sua Elegia, no cemitério, até Jordans, com seu antigo sepulcro Quaquer e o túmulo de Penn, o fundador do Estado Americano de Pensylvania. Chalfont St. Giles será sempre associado a John Milton, cuja casa de campo é hoje propriedade nacional. Aproxìmamo-nos, aquí, das encostas das Chiltern Hills, um longo bastião a nordeste de Londres, encontrando-se entre estas colinas e os subúrbios uma região que proporciona prazer ao visitante: a região das urzes, em Batchworth, Ruislip Common, Bishop's Woo e Oxhey Woods. Barnet, o centro encantador para o forasteiro, tem a sua grande "Feira de Cavalos" em setembro, — uma das maiores e mais interessantes vendas de equinos realizadas na Inglaterra em tempo de paz.

Entre Enfield e Londres, há uma faixa industrial, mas, uma milha ao sul, chega-se ao país de Isaac Walton, pois foi nas margens do rio Lea que o autor de *The Compleat Angler* (O completo pescador) encontrou tanto prazer piscatório e tantas hospedarias verdadeiramente hospitaleiras. As margens do rio sofreram modificações desde os dias de Isaac Walton, mas ainda restam muitos recantos pinturescos e, não longe de Epping Forest, mais de dois mil hectares de bosques, colinas e planícies. Este trecho foi adquirido por meio milhão de libras esterlinas pêla Corporação de Londres, para prazer dos londrinos de todas as épocas e nas clareiras desta grande floresta encontram-se obras dos dias dos romanos e de épocas ainda mais remotas que enchem de entusiasmos os antiquários, ao lado de oportunidades para o naturalista, atalhos para os que apreciam a marcha e muita sombra para os que desejam apenas repousar.

Tentei mostrar, dentro de um curto raio, a riqueza da orla externa de Londres, em rústicos campos de prazeres dotados de tradição e encantos. Os pensamentos dos que viveram no coração da cidade e que talvez se encontrem hoje em terras distantes retornam com uma avidez nostálgica não só ás velhas ruas familiares, onde a música do tráfego raramente silencia, mas também aos cenários além dos limites da metrópole, de grata memória como séde de paz e socego.

Vida ao ar livre, no campo, para os pequeninos britanicos. Eles podem entregar-se ao esporte da pesca, do remo, da natação, em logradouros publicos, instalados para esse fim. Hampstead Heath é um dos mais procurados. Emquanto os pais sofrem as tormentas da guerra, na cidade ou no campo de batalha, eles distraem-se e tomam proveitosos banhos de sol. Londres precisa continuar e continuará com outra geração, mais experimentada ainda, mais sadia também.

ESCRAGNOLLE DORIA

Impressões e perfís

NOVEMBRO

Em cada ano onze mezes pertencem aos viventes e ao bulício deles, apartado um mez para memória de mortos, mez de sombra em breve espancada pelo Natal luminoso.

Sobretudo no seu segundo dia, Novembro diz os que já se foram aos que ainda esperam vez incerta na insosfismavel democracia E' a das necropoles, nas quais a terra e os vermes não distinguem, fazendo a sua exterminadora obrigação tanto no mausoléo pesado de marmores e rico de esculturas como na cóva rasa apenas numerada, quando não na horrivel vala comum.

Os povos orientais não se apavoram com a idéa e a imagem da mórte, nem nela prolongam as vaidades mundanas. As necropoles de Genova e de Constantinopla, ambas famosas, são de exemplo duplo e oposto.

Em Genova o cemiterio de Staglieno branqueja em museu de escultura, os tumulos servindo sobretudo de pretexto à exibição do Carrára e à perfeição dos cinzeis.

Em Constantinopla outro celebre cemiterio, o de Eyoub, não tem tumulos pomposos, sim originais, enfileirados em vasto campo onde à sentinéla altos ciprestes, onde moldura de paizagem feérica. Quanta pagina de grande escritor Eyoub tem inspirado!

Basta lêr De Amicis ou Loti.

Outro escritor, Georges Lenotre, escreveu livro de primor, *Le Jardin de Picpus*, contando a historia da necropole de Picpus. Nesta o Terror enterrou mais de mil de suas vitimas na epoca em que viver era problema passado a milagre.

A necropole de Picpus em terreno de convento, o de freiras agostinianas, foi conservada. Tem-a zelado associação mais que centenaria, a Sociedade do Jardim de Picpus, da qual principais membros os descendentes dos guilhotinados pelo Terror e sepultos em Picpus.

Alguem que procurava sempre Paris nos seus reconditos, defesos ao vulgo turistico de hora marcada, em nota de diario consignava quanto via e ouvia. Deu-nos assim impressão de visita ao Jardim de Picpus em dia bem significativo:

"2 de Novembro de 1911 — Finados. Desde hontem a chuva lava copiosamente Paris, empapando a cidade toda. Venta, aguaceira, estia, destolda-se o céo, rechóve.

Aproveitando melhóra do tempo, comemóro Finados visitando Picpus, unico cemiterio do Terror existente em Paris.

Cento e dezoito anos após 1793, da praça da Nação, pela rua Fabre d'Eglantine, me vou á rua de Picpus nela buscando o numero 35.

Ao perpassar de vento detenho-me ante a porta do antigo convento agostiniano ora das Irmãs da Adoração Perpetua e do Sagrado Coração de Jesus.

Ao toque de campainha no portão uma menina vem abri-lo, sem esforço, como quem está habituada a abri-o.

Alguns passos adiante do portão eis um pateo, dele no centro uma estatua de bronze, a da Virgem, de mãos postas. No fundo do pateo, à esquerda, novo portão. Aberto, entremostra o jardim do convento, de verdura empobrecida pelo outono, em quéda de folhas, juncando sólo de amarelos.

Atravessado o jardim, à direita, encravado em muro baixo, surge novo portão. Atraz dele dormem os mortos de Picpus.

O ingresso no funebre recinto deixa vêr desde logo tumulos com maior ou menor conservação. Aproximar-se deles, lêr muitos nomes inscritos nas lápides, é reconhecer nomes da mais alta nobreza de França, aqui Montaubert e Noailles, alí Vauguyon, alem Pimodan e mais e mais.

Num angulo, certo tumulo chama atenção, por sobre ele tres estreladas bandeiras norte-americanas, homenagem dos Estados Unidos a cooperador da sua Independência tão de dôr e luta para metrople inglêsa.

A vála comum em Picpus na qual foi sepultado André Chénier

No muro junto ao qual se encosta o tumulo, o de La Fayette, alvejam placas de marmore. Uma é dedicada a setuagenaria abadessa guilhotinada durante o Terror. Outra placa recorda dezesete religiosas, com o mesmo fim da superiora na mesma época de patíbulo.

Terceira placa. Diz:

Fils de la France et de la Grèce
Il a servi les Muses
Il aima la sagesse
Il est mort pour la vérité.

A quem se refere a placa comemorativa? A André Chénier, o mais helenico dos poetas francêses, subido á guilhotina a 25 de Julho de 1794. Dois dias depois findava o Terror, decaido e guilhotinado Robespierre, horas antes Chénier, ele como tantos, atirado em promiscuidade na terra ensangentada de vala comum em Picpus.

No muro das placas uma abertura. Dá espaço a grade baixinha deixando a mostra outro campo onde acima das quatro colunas de marmore. Alguns ciprestes esverdeiam no local onde sepultos tantas centenas de supliciados: a antiga Praça do Trono desde Messidor até Thermidor do ano II da republica una e indivisivel. Em quarenta e cinco dias Indivisivel separara mil e trinta cabeças de seus corpos.

A relva tapisa o quadrado de tantos mortos e a custo os olhos se desviam dos grandes metros de terra dentro dos quais se desfez André Chénier.

E ao peso de reflexões os passos são mais tardos ao sahir-se do Jardim de Picpus, de certo no dia de Finados.

AFONSO XIII

Madrid! Que cidade alegre, que centro rumoroso antes da Grande Guerra. Toda a alegria, o rumor todo da capital hispanica afluiam à Puerta del Sol, outróra o sol sem ordem de deitar-se na extensão dos dominios do rei das Espanhas repartidas pelo mundo universo a poder de conquistas.

Em 1909 a Espanha já nem mais tinha Cuba, contentando-se sobretudo em Marrócos com um retalho de Africa, malgrado a corôa espanhola adornar-se com o titulo ipotético de imperio nas Indias Orientais e Ocidentais passadas a outros.

Em 1909 reinava na Espanha Afonso XIII, representante moderno do ramo francês de Anjou enxertado na Espanha por Luis XIV a poder de simples frase — Não ha mais Pirineus — destruida assim a barreira orografica entre Espanha e França.

No dia do nascimento de Afonso XIII, corôa real lhe ficou no berço, velado por mãe em crepes de viuvez recente e no exercicio de regencia.

Rainha em mãe admiravel, Maria Cristina, arquiduqueza austriaca, tinha entre varios nomes o de Felicidade. Mas quão poucas as suas venturas em confronto com suas tristezas e seus deveres, estes arduos no resguardo pessoal e dinastico de *el rey niño*. Na minoridade deste, acautelada por mãe, o povo espanhol se mostrou fidalgo ante uma criança e uma mulher.

Em Maio de 1902, Afonso XIII tomava governo, em Maio de 1906 desposava Vitoria Eugenia, neta da rainha Vitória. No dia nupcial o véo da noiva recebera salpicos de sangue quando a princeza e o rei passavam de carruagem depois de receber as benção da Igreja. De sobrado, um anarquista, Moral, atirára ao par nupcial uma bomba oculta num ramo de flôres!

O atentado regicida causou vitimas sem atingir o visado. Afonso XIII e a noiva descidos da carruagem acudiram a feridos, Vitoria Eugenia nervosa, Afonso XIII calmo. Repara que nos estão olhando, disse á noiva.

Em Madrid mais, e parece que em todo o paiz, a atitude do rei, o seu destemor foramlhe titulos para simpatia popular, na terra do Cid Campeador. Aquela simpatia o acompanhava quando em 1909 pelas ruas de Madrid, de carro aberto, sem escolta, ia ao palacio do Pardo, em toda a Europa de então o anarquismo pesadelo de grandes e sobresalto de policias.

Os turistas, raça muito de olhos ao ar, viam não raro Afonso XIII à janela do Palacio Real, o edificio da rasgada praça do Oriente aberta por José Bonaparte quando, rei intruso, reinára, como foi dito, sobre as Espanhas, mas não sobre os Espanhois, na peninsula iberica a estrela de Napoleão começando a empalidecer.

Em Madrid, um dos espetaculos mais apontados a turistas por cicerones a tantas pesetas por hora, por guias de viagem, era a rendição da guarda no Palacio Real, cena na verdade curiosa e a muitos respeitos.

Aos domingos muito madrileno, muito provinciano, muito turista havia formando alas numa galeria para esperar a saída da familia real da capela do palacio, o fim da missa anunciado por fórtes sons de orgão.

Ao recolherem-se ao interior do palacio, mais à frente da familia real passava Afonso XIII, alto, magro, de traços angulosos, de ar simples, sem perder majestade no fisico desfavorecido.

Ao lado do rei a rainha, britanica no porte, no rosto, no louro. Um pouco atrás a mãe Maria Cristina, austera sem altivez, à face um quê de melancolía. Junto dela a filha, a infanta Maria Tereza, de tipo bourbonico, e Fernando, o genro, principe bávaro, fardado de oficial de cavalaria espanhola.

Em 1909 tinha Afonso por primeiro ministro um dos mais nomeados politicos do reino, Antonio Maura, que no seu ministerio confiára pasta da Guerra a futuro ditador, a Primo de Rivera

Afonso XIII, esse, em 1909 não estava muito longe do seu brilhante se esquecido papel na Grande Guerra, papel a relembrar em desconto de quaesquér erros eventuais do rei.

Em 1914 as classes altas da Espanha, os seus partidos eram pela Alemanha, Afonso XIII pelos aliados, sobretudo pela França.

Os *Souvenirs* de Poincaré, citados por Jean Bernard, dizem que, no principio de 1915, a Alemanha ofereceu a Espanha Portugal e Gibraltar. Afonso XIII recusou, não sem exprobração de muitos.

O embaixador espanhol em Paris, Quinones de Leon, sustentou sempre a opinião do seu rei, tomando sob sua proteção os franceses prisioneiros na Alemanha. Poincaré, o presidente, Delcassé, o ministro dos Estrangeiros, o reconheceram e, agradecendo, Delcassé declarou a Quinones de Leon que a França, após a vitoria, não esqueceria o auxilio de Afonso XIII.

No terreno da justiça e da imparcialidade as opiniões dos homens de bem, de qual quer crédo, encontram-se nobremente.

Daí Marcel Plaisant, senador francês, do partido radical, escrever depois da Grande Guerra: "Quanto a mim, néto de proscrito, tendo a Republica por unica religião, exprimo a minha gratidão ao rei Afonso XIII, em nome de milhares de francêses encarcerados nas prisões alemãs, durante a guerra, pelo rei efetivamente protegidos e socorridos".

Afonso XIII morreu no exilio.

EPILOGO

Conto de
CELIUS AULICUS

Ilustração de
MIGUEL H.

A primeira onda cobriu-lhe a cabeça, veio outra em seguida, alta e tumida, que o levou mais para junto das pedras; voltou porém, trazendo-o para o meio da corrente que o arrastava, forte e irresistivel como a sedução de uma mulher. Ainda tentou algumas braçadas firmes, mas o mar ia puxando cada vês para mais longe da praia o seu corpo ferido.

No alto do rochedo, via agora o pessoal que ainda mantinha a estupefação provocada pelo salto sensacional. No meio do grupo distinguiu o "maillot" vermelho de Irene, que agitava as mãos, num aplauso entusiastico.

Olhou com saudade o multicolorido das roupas de banho, enquanto a água se infiltrava pela ferida do ventre, salgando-lhe as entranhas. Ao rasgar-se de encontro ás pedras do fundo, não sentia a dor que agora o atormentava violenta e agúda. Já se esvaiam todas as suas forças, os membros amortecidos já não podiam movimentar-se. Então, os seus olhos procuraram novamente a pedra onde Irene ficara a acenar-lhe.

Mas haviam com certeza adivinhado o que estava acontecendo, pois dispersara-se a pequena multidão e notava-se já, para os lados do posto de socorro, um movimento atropelado de banhistas e curiosos.

A corrente o impulsionou mais para a entrada da barra, a pedra se intercedeu entre ele e a praia, sua cabeça voltou-se para o outro lado; diante de si agora, se estendia infinito o lençol azul das águas e muito acima, como um adeus sentido, desdobrava-se um vôo placido de gaivota.

❋

O que faria Irene ao se certificar de sua morte?

— Iria com certeza vê-lo estendido sobre a pedra funeraria do necrotério com a cabeça reclinada sobre o soco de madeira, á esperar que o Dr. Elisio, o Abdias e Silvio viessem com o instrumental da autopsia rasgar-lhe mais ainda o ventre ferido, dentro do qual os siris chocalhavam numa festa macabra.

Na sala ao lado, os internos estariam nervosos, impressionados de ver o corpo do colega roido pelos peixes.

Viriam depois os outros amigos, os parentes, o pessoal da assistencia, mais colegas.

Nina olharia com pesar para os seus olhos mortos recordando a primeira aula pratica de anatomia, quando ele a amparara discretamente, ao pressentir o seu desmaio. Depois, iria tambem para a sala ao lado, lamentar o ocorrido e discutir com Leopoldo teorias dietéticas.

A essa hora, ocupando o melhor lugar da salinha, Irene estaria fumando Luckstrick, sob os olhares luxuriosos de Roberto. Depois ele não se conteria mais e iria direito a ela. Com a sua "papa" não poderia levar o contra. Mais uma conquista seria feita pelo galã da faculdade e Irene, esquecida a tragédia, só teria olhos para a cara bonita de Tirone Power que se debruçava sobre o seu rosto moreno de praiana.

Depois chegaria Antero chorando a morte prematura do irmão querido e maldizendo a vaidade que o fizera lançar-se do rochedo. Abraçar-se-ia com Tio Pedro, que chorava tambem discretamente a um canto, longe dos outros. Uma onda de pranto percorreria então a salinha branca da morgue. Até Irene enxugaria uma lágrima na ponta macia de seu lenço de seda.

❋

Por trás das nuvens negras que lhe turvavam a vista via já aproximar-s em velocidade a lancha salva-vida. Mas a impetuosidade da corrente parecia sussurar-lhe ao ouvido que tudo era inutil e que já havia chegado o seu último momento.

Veio outra onda, embalou-o docemente e cobriu-lhe a cabeça como uma aureola de espuma branca.

Lembrou-se então, sentindo o sal queimar-lhe os lábios sedentos, do dia em que caíra do jambeiro, na Fazenda Piedade. Haviam-lhe posto na bóca então uma compressa de salmoura. Naquele tempo andava pelos seus dezesseis anos e estava apaixonado por Marissa, a filha do administrador, que vira uma manhã banhando-se em baixo da cachoeira. Quando a virgem deixando a água fria do riacho saíu a correr, nua e escultural, sob os tamarinos da margem, o seu coração parecia querer forçar a prisão toraxica.

E viveu o sonho mais doce de sua vida. Mas um medo extranho, uma timidez nunca sentida deante de outras mulheres, o impedia de aproximar-se da menina e falar-lhe de amor. Estava lendo os romanticos e isto talvez fosse a causa.

Mas quando voltou de novo á Fazenda nas férias posteriores, Marissa estava mudada.

Ainda era bela e cativante, mas já não corria nua sob a copa dos tamarinos, nem se banhava no riacho. Estava noiva do seu Oliveira, representante de uma empresa do Rio de Janeiro. Um partidão. Ele tambem estava modificado. Tinha uma amante na Capital e fazia farras em companhia de intelectuais. Eça de Queiroz o ajudou a esquecer Marissa.

E raramente a lembrava. Agora porem ela veria a notícia de sua morte nos jornais e, á hora do almoço, diria ao marido: Oliveira morreu um filho do Dr. Honorato. Precisamos ir até o necrotério, senão podem reparar. E iriam os dois, dariam os pesames, apertariam a mão do Tio Pedro e depois de algumas conversas ocas, se assentariam na salinha com os demais.

❋

Sentiu de subito como que um peso preso aos pés e submergiu lentamente. Sabia que havia chegado o último minuto.

Via-se novamente na sala mortuaria, cercado de amigos, de mestres e de colegas.

Mas Nelita não estava alí. Se ela soubesse do fáto iria por certo, esquecida já das rusgas e dos ciumes. Não poderia porem ficar na salinha, ao lado "daquela sirigaita" de Copacabana que tinha o cinismo de fumar num quarto de defunto". Conservar-se-ia á sua cabeceira, choraria sentidamente pedindo perdão pelas suas impertinencias e pelos seus ciumes. Mas no fundo sentiria que, se ele se levantasse da pedra e fosse para os braços de Irene, ela o tornaria a insultar e as cenas se repetiriam novamente.

❋

Quando voltou á superfície, tentou ainda um grito de socorro. A voz entretanto estava morta e nada lhe restou senão o consolo de um extertor ciciado.

A sala da morgue voltou a se projetar na téla da imaginação.

Seis homens levavam agora o caixão dourado para fóra.

Quando o colocaram sobre o coche, um guincho arrepiante marcou a sua entrada nos trilhos.

Os carros se puzeram em marcha lenta e o inspetor de veículos da escolta ac'onou por tres veses sem resultado o magneto de sua mocicleta. A máqu'na pegou por fim e ele se poz ao lado do cortejo.

O último calafr o percorre-lhe a espinha. Um medo terrivel se apodera de todo o seu ser. Vai afundando, afundando. Um peixe roçou-lhe as pernas semi-amortecida. Seria tubarão?

Agora caem sobre ele as pás de cal dos coveiros. Todos comentam o discurso do diretor da Escola. Um brilhante necrologio. Ele não o ouviria, mas podia ter certeza de que o havia chamado "rapaz de peregrinas virtudes".

Fechou-se porém a cova. Todos se retiraram. Irene deixa o cemitério na limousine azul de Roberto. O Tio Pedro leva Antero para o hotel em seu gazogenio renitente. Nina, de braço dado com Leopoldo, atravessa o portão apressada para pegar o primeiro bonde, discutindo com o companheiro o valor das vitaminas B-1 e dos sais minerais. Marissa e seu Oliveira se foram ha muito, em carro de praça pois estavam atrazados para o almoço do comendador, que os honrara com um amavel convite. Nelita não viéra ao enterro, como não fôra á morgue. Soubera do fáto na manhã do dia dos funerais, pela leitura de um matutino. Mas não podia acompanhar o antigo namorado. Não tinha dinheiro para o carro e não podia perder um dia de trabalho. Naquele dia, como em todos os dias de sua vida, venderia laranjada na portinha da Rua Larga e, quando os freguezes lhe dessem uma folga, choraria sobre o balcão algumas lágrimas de saudade.

❋

A onda sobe, a onda desce. Tornou á tona ainda uma vês. Uma gaivota descia num piquet elegante sobre um pobre peixe desprevenido. O último flagrante da vida. O derradeiro adeus ao afogado.

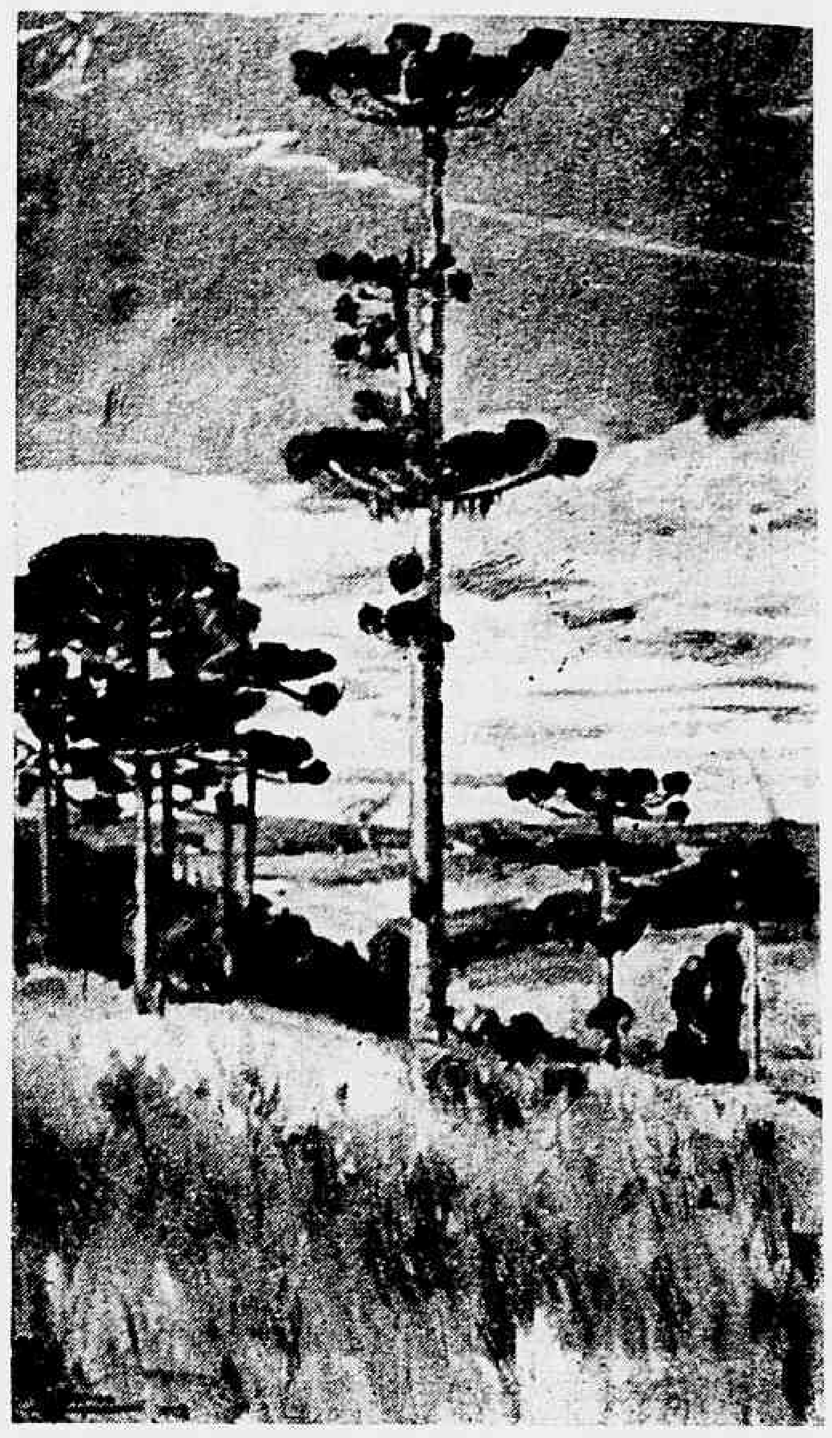
Agora ele desce serenamente para o seio claro das águas com os cabelos soltos a lhe cobrirem os olhos.

Os marimbás curiosos vêm farejar-lhe o corpo. Pela ferida do abdomen escoam-se as últimas gotas de sangue. Um tubarão nervoso e magro se aproxima.

❋

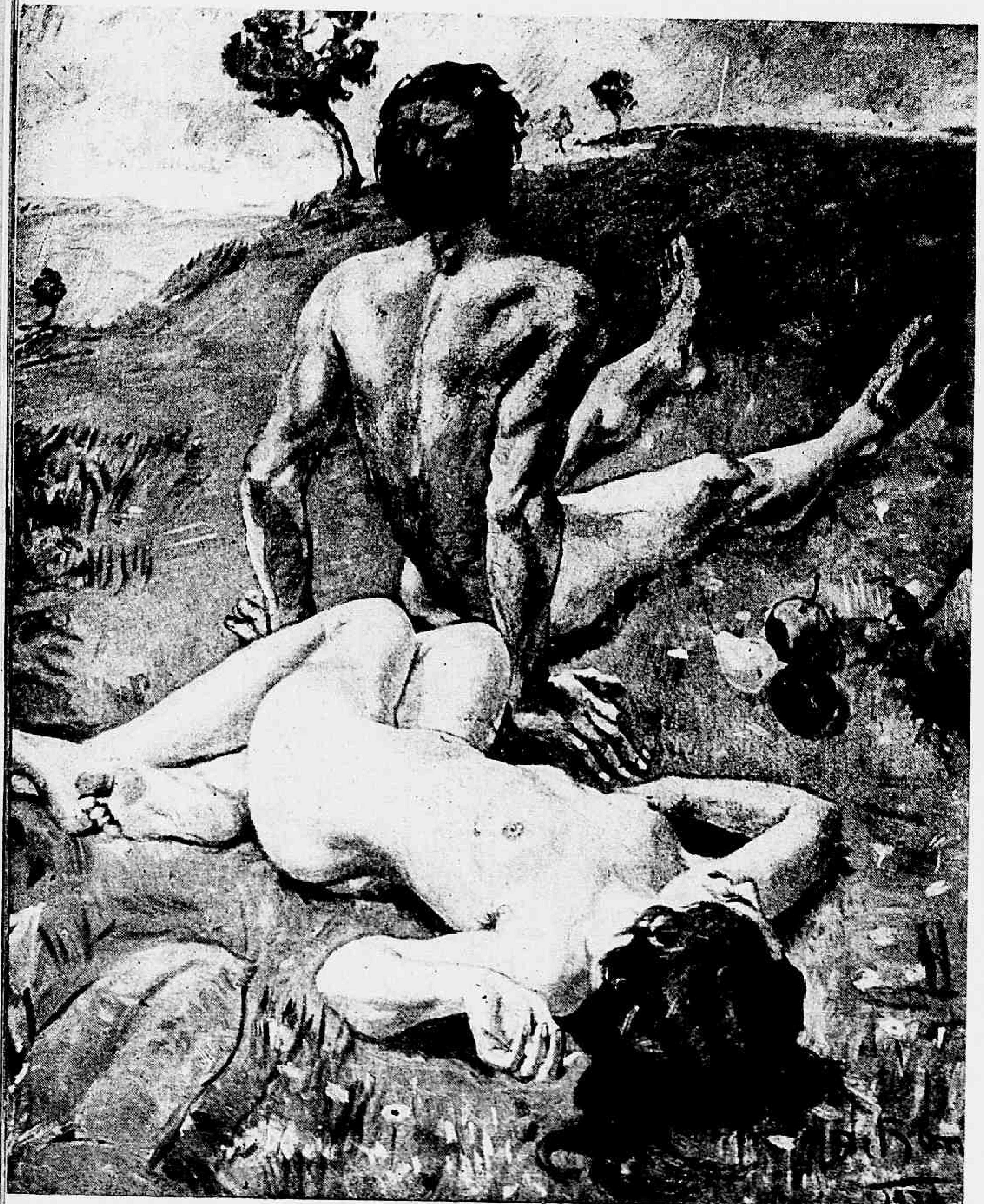
Testamento do afogado: "Lego meu coração aos peixes".

AVE-MARIA.



O IMPERADOR

"PARAISO PERDIDO" (Museu N. de B. A.)



Recentemente, o pintor brasileiro Th. De Bona levou a efeito uma exposição de cinquenta de seus melhores trabalhos, no Museu Nacional de Belas Artes. São dessa mostra de pintura que damos, nesta página, a reprodução de quatro quadros, tiradas ao conjunto de telas que "valem por uma visão iluminada da terra paranaense, concretizando o ideal de arte forte e serena de um "mestre autêntico", no sentido medieval e renascentista do vocábulo", como escreveu Andrade Muricy.

Ainda referindo-se ao pintor De Bona, o mesmo escritor adiantou: "Th. De Bona saiu da patriarcal Morretes, na raiz da Serra do Mar, do Paraná. Dalí saira Rocha Pombo e o simbolista Silveira Neto. No planalto curitibano encontra-se com o legendário nórdico Alfredo Andersen, um mestre autêntico, e já tinha uma forte e larga visão das côres e das formas, quando rumara, com uma subvenção do govêrno do Paraná, para a Itália, onde Vicenzo de Stefani e Ettore Tito lhe transmitiram a nobre tradição latina da pintura. Veneza foi o seu grande atelier europeu. Logo, na "Regional e na Bienal" da cidade das lagunas, apareceram obras de decisivo mérito assinadas pelo jovem brasileiro. Na Inter-Regional de Florença, na Latino Americana de Roma, tornou a afirmar uma personalidade marcada e rigorosa. Alí, em 1934, concorrendo com 898 artistas, foi premiado com um trabalho tendo como assunto um episódio da guerra de 1914-18, trabalho que hoje figura na galeria do "Risorgimento".

Esse o ilustre pintor paranaense, intérprete seguro da alma nova e viril que já se afirma nos altiplanos da Terra dos Pinheirais, e cuja exposição marcou um legítimo acontecimento artístico da estação.

ARTES PLASTICAS

NOS BASTIDORES FEMININOS

A HORA DA MULHER

Apesar do magnifico exemplo que a mulher vem dando da sua capacidade de inteligencia e da sua rigida energia, no cenário trágico do mundo ninguem acredita na sériedade de sua atitude quando soar a hora das grandes renuncias.

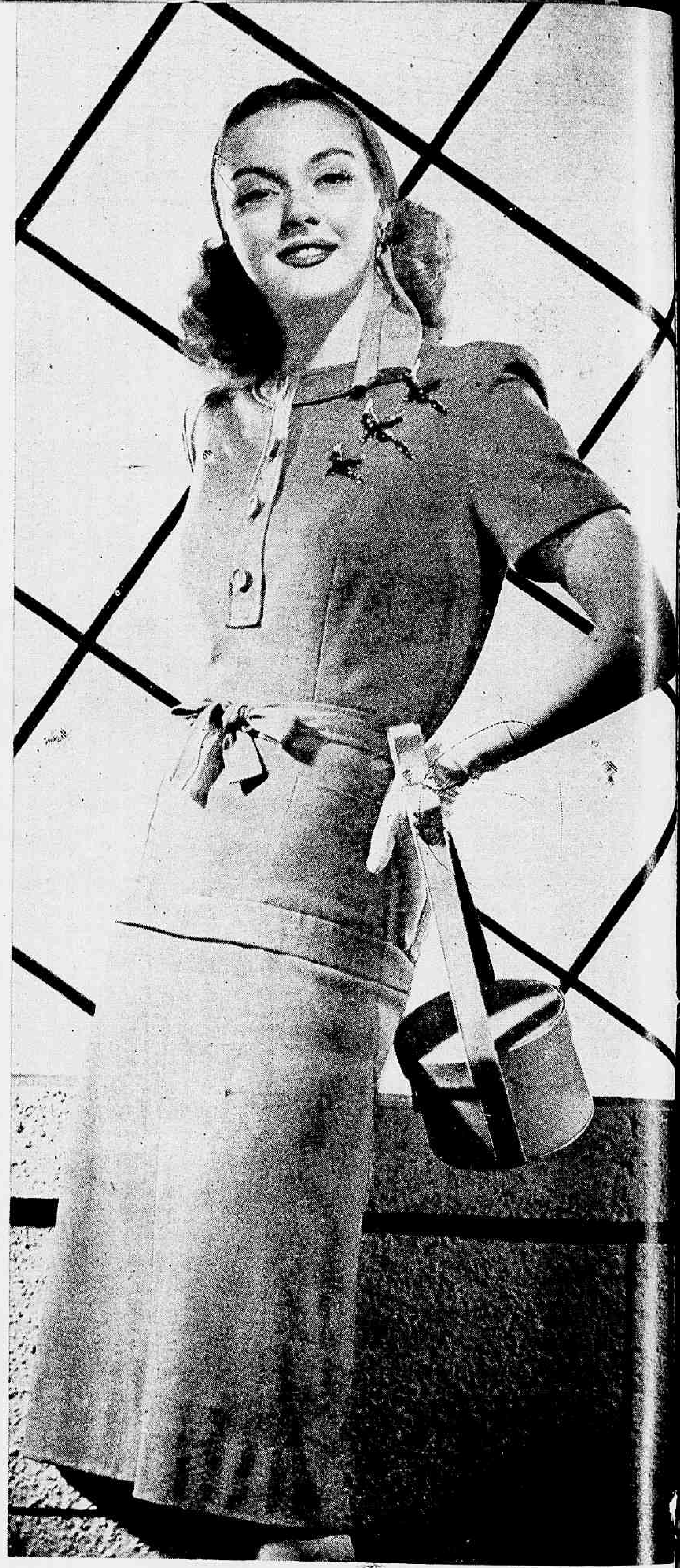
Os homens *monetarios* estão aproveitando, em todos os setores, sua capacidade de produzir... *dinheiro*, mesmo à custa da dignidade humana. E, na reconstrução da nova fáse, é sobretudo a reeducação do homem que mais importa para melhorar o mundo e torná-lo digno da *liberdade* tão almejada. E não será, de certo, nas fábricas, nos escritórios, no "maelstrum" do "struggle for life" que ela poderá reeducar uma léva de homens atingidos pelas neuroses da guerra, estropiados e descrentes da misericordia divina. Não será no turbilhão do capitalismo reorganisado e indestrutivel que ele poderá modelar o novo Adão para uma nova tragédia no planeta.

Sua missão será doméstica mais do que nunca, porque é desse minusculo núcleo familiar que sáe para a arena da vida o lutador.

Renunciar à situação de vantagens materiais, faceis e comodas, e tornar-se dependente novamente, será para a mulher de hoje o maior dos sacrifícios. E' o patriarcado com todo o seu egoismo tiranico, mas será esse o único caminho capaz de formar homens do futuro.

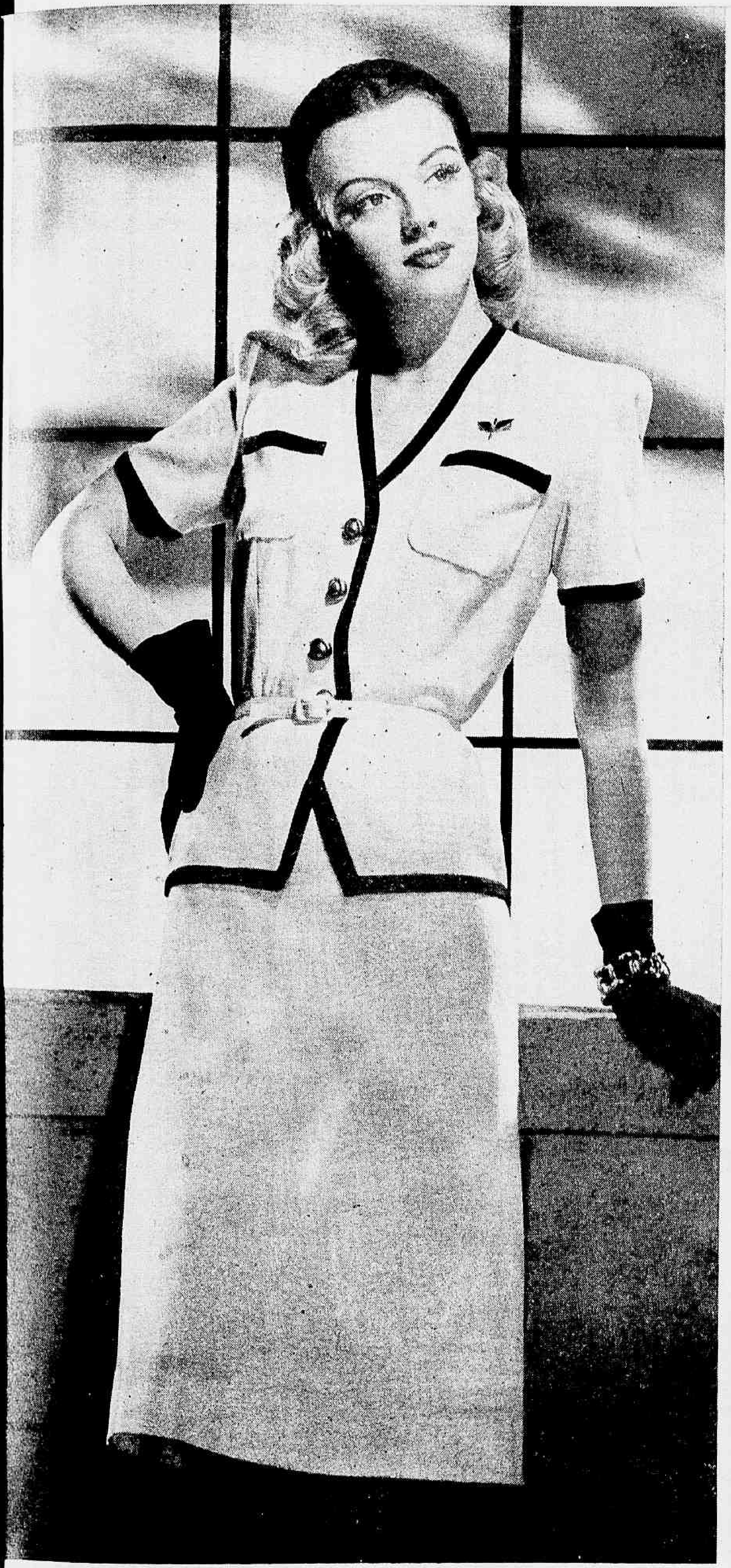
A hora para a mulher soará, como um tóque de convocação para uma guerra maior.

SIMONE SIMON (RKO).



LESLIE BROOKS, ELEGANTE ATRIZ DA COLUMBIA, VESTE UM BONITO COSTUME EM FAILLE DE SEDA BRANCA. OBSERVEM O CINTO, NA PARTE DETRAZ ENFEITADO COM DOIS BOTÕES DE FANTASIA DE CADA LADO. O REALCE É MUITO MAIS SUGESTIVO. A FRENTE, INTEIRA, COM UMA FILA DE BOTÕES. A MANGA OSTENTA UM GRANDE PUNHO ARRENDONDADO E VIRADO. SERVINDO DE COMPLEMENTO, UM ORIGINAL CHAPÉUSINHO DE PALHA, COM A COPA PLANA E CIRCULAR DE DIMENSÃO MUITO MAIOR QUE A COMUM. SAIA DE QUATRO PANOS, RÉTA. O EFEITO, EM CONJUNTO, É, COMO SE VÊ NA GRAVURA ACIMA, DOS MAIS SURPREENDENTES. LESLIE BROOKS APARECE, NAS GRAVURAS SEGUINTES, EM OUTROS FIGURINOS, CADA QUAL MAIS BONITO. E TODOS APROPRIADOS PARA A ESTAÇÃO ENTRANTE, SE FOREM OS VESTIDOS CONFECCIONADOS EM TECIDO LÉVE.

NOVAMENTE A REFERIDA "ESTRELA" MAS AGORA EM UM ELEGANTE E SI-
PLES CONJUNTO. REPAREM NO ARZINHO PETULANTE, GRACIOSO, REALMEN
BONITO, DA JOVEN ATRIZ. ELA APARECE, AGORA, EM JERSEY AMAREL-
LIMÃO, CÔR MUITO EM MODA. A SÁIA, JUSTA. O CASACO, EM FORMA DE BL-
SÃO, COM UM VIÉS AO REDOR DA GOLA E DESCENDO NA FRENTE, COM BOTÕ
BEM MARCADOS. TRES ANDORINHAS DE OURO E ESMALTE AZUL ENFEITAM O
LADO. E COMPLETANDO ESSE HARMONIOSO CONJUNTO, UM BOLSO SOBREPOS
NA ABA DO CASACO, EMPRESTANDO-LHE UM COLORIDO MAIOR. SEMP
QUE SE REQUER UM NOVO MODELO FEMININO, HOLLYWOOD ESTÁ PRON
A SERVIR-NOS. E QUEM SABE SI O MESMO ACONTECERÁ, AINDA DEP
DA GUERRA, QUANDO PARIS QUISER RECUPERAR O CÉTRO DE CAPITAL
ELEGANCIA? EIS O QUE SO' O TEMPO LHE HA DE DIZER.



ESTE É UM DOS MUITOS ELEGANTES DE "COVER GIRL", FILME QUE EM NOSSO IDIOMA SE INTITULA "MODELOS". LESLIE BROOKS VESTE DUAS PEÇAS EM JERSEY BRANCO COM VIVO AZUL-MARINHO E BOTÕES DOURADOS. ESTE ANO, O BRANCO PARECE QUE VAI DISPUTAR O PRIMEIRO LUGAR NA PARADA DAS CORES, SEMPRE COM DETALHES-'AZUIS, VERMELHOS E DOURADOS. O TOUCADO, UM VERDADEIRO ENCANTO EM PRETO OU AZUL. LUVAS PRETAS, DE CANO CURTO. UMA PULSEIRA, SOBREPONDO-SE A UMA DAS LUVAS, FAZ QUE O EFEITO SEJA AINDA MAIOR. O ENFEITE DE VIVO, NOS BOLSOS E NO CONTORNO DO CASO, INCLUSÍVE NAS MANGAS, E PODE SER INÉDITO, MAS DÁ SEMPRE UM ENCANTO MAIOR AO CONJUNTO. LESLIE BROOKS ESTÁ EM GRANDE EVIDENCIA NA EXIBIÇÃO DESTES MODELOS, CADA QUAL DE MAIORES POSSIBILIDADES ELEGANTES.

E AQUI ESTÁ, FINALMENTE, A ULTIMA E "REVOLUCIONARIA" NOVIDADE DA MESMA BONITA "ESTRELA": CASACO DE LINHO AZUL-ÁGUA, DE CORTE RÉTO E AMPLO, COM BOTÕES BRANCOS E GRANDES, PARA SEREM USADOS COM VESTIDOS DE VERÃO DE PREFERENCIA BRANCOS. BOLSOS GRANDES EMBUTIDOS. TOQUE COM PASTILHAS DE CORES. MAS A NOTA DE MAIOR SENSAÇÃO É DADA, POSITIVAMENTE, PELO CORTE AMPLO DO CASACO, PELA DISPOSIÇÃO DOS BOTÕES E PELA MANEIRA EXUBERANTE POR QUE UM FIGURINO TÃO "AVANÇADO", É EXIBIDO SABENDO-SE QUE NÃO SE TRATA DE GUARDA-ROUPA PARA FILMAGEM E SIM PARA A "TOILETTE" COMUM. PROVAVELMENTE, ESTE É O MAIS ATRAENTE DE QUANTOS VESTIDOS REUNIMOS NESTAS PÁGINAS, POR ISSO MESMO SERÁ O MAIS RAPIDAMENTE COPIADO. E ¡QUEM QUIZER FAZE-LO NÃO TERÁ QUE PAGAR DIREITOS, NÃO...

Para intimidade, quando todas as convenções são deixadas de lado, aquí estão figurinos de real encanto. Ao lado, Laraine Day. Em baixo, á esquerda, Elaine Shepard e, á direita, Frances Langford, todas da RKO-Rádio Pictures. Elas conhecem o segredo de vestir bem, com simplicidade e muito gosto. Os motivos e adereço, tanto podem servir para filmagens como para uso particular. São encantadores *déshabillés*, confeccionados em tecidos leves, vaporosos, deixando os movimentos livres. Tudo que de mais singélo e simpático podemos oferecer ás leitoras elegantes da nossa Revista.

— Você tem certeza de que ele não se recusará?

— Claro.

Maria olhou para a amiga com um ar desconfiado.

— Como é que você está certa disso?

— Ora, ele é muito bonzinho. Você pede a ele, com geito...

— Você compreendeu que, se eu não estivesse numa situação dessas, eu...

— Está claro. Sei que, se você não estivesse nessa situação, não se atreveria a pedir a um extranho um emprego...

— Lógico.

— Mas experimente.

— A que horas ele está no escritório?

— Depois das duas da tarde até ás seis. E' só pedir para falar com ele. Ele atende...

— E você está lá?

— Não. E' claro. Quantas vezes preciso repetir que ele é chefe da firma e eu trabalho para um dos seus auxiliares. O escritório em que eu trabalho é em outro andar...

— Mas...

— Vamos. Não tenha medo. Enfrente o homem com coragem...

❁

— ...Um malandro, um palerma, um imbecil!

— Mas, titio...

— Mas titio, mas titio... E' só isso que você sabe dizer. Vem aquí para pedir dinheiro e volta... para pedir dinheiro...

— Escute aquí titio, eu já não disse ao senhor que estou disposto a trabalhar?

— Se eu lhe pagar as dívidas...

— E'...

— Pois não pago. Não pago que é desaforo. Desde que seus pais morreram e que minha irmã Irma pediu, morrendo, que cuidasse de você eu tenho satisfeito todos os seus caprichos, pago todas as suas dívidas; mas agora, assim é demais. Desta vez pague-as você para variar...

— Mas, titio, o senhor não vê que eu não posso pagar? Com que capital?

— Trabalhe!

— Antes de juntar o dinheiro, já estarei na prisão por não pagar o que devo...

O velho chefe da firma parou, de repente. Estivera a andar para cima e para baixo, enquanto o sobrinho, acomodado na cadeira do tio, se balançava, tentando justificar-se.

— Escute aquí, seu malandro...

O rapaz fez uma careta gaiata.

— Escute aquí. Eu vou pagar essas dívidas. Vou dar-lhe um emprêgo, mas a primeira que você me fizer... *a primeira*, entendeu? será o fim. Você não me porá mais os pés aquí. Está combinado?

— Feito! Titio, o senhor é um grande homem.

— E você um imbecil.

— Se o senhor soubesse como eu gosto dêsses elogios!...

— Saia da minha cadeira, seu malandro!

— Pronto. Pronto.

Com exagerada polidez e ar de deboche o rapaz levantou-se e ageitou a almofada para que o tio pudesse instalar-se mais comodamente. O velho ligou o ditafone e disse:

— Senhorita Graham... Há alguem á minha espera?

— Uma moça que deseja falar-lhe.

— Bem. Mande-a entrar.

E virando-se para o sobrinho:

— Vem aí uma jovem que deseja falar comigo. Atenda-a. Pergunte o que quer e faça uma nota. Eu preciso sair.

— O. K.

— E veja como se porta!

— O senhor pensa que eu sou uma criança?

— Não. Penso que você é um debil mental!

Foi tudo um mal entendido. Mas há males que veem para bem...

— Como o senhor é carinhoso, titio!

— Cale-se!

— Quando o senhor falou eu já estava calado. Fez um esforço inutil!

— Se você quer continuar aquí precisa aprender a respeitar-me, entendeu?

— E a Mimi, do Café Paris? Ela tambem vai respeitar o senhor?

— Chiu! Fale baixo! Não quero que ninguem saiba que...

— Conte comigo titio, eu sou um poço. Mas seja generoso hein?

O tio disse um desaforo e bateu a porta.

●

— Tenha a bondade de entrar.

Maria aproximou-se lentamente.

Ouviu uma voz clara que disse:

— Entre! Entre. Esteja á vontade.

— Muito obrigada.

Levantou os olhos. E encontrou dois olhos azuis, maliciosos, que a contemplavam com admiração e desrespeito... A amiga não dissera que o patrão era um rapaz. Não poderia ter mais de vinte e cinco anos!

— Tenha a bondade...

— Obrigada...

— Em que lhe posso ser util?...

— Dr., eu...

— Não me chama doutor, senhorita. Eu prefiro um nome mais íntimo. Sabe que meu nome é Mário? Bonito nome, não é verdade?

— Muito...

— Pois é. Chame-me Mário...

Houve uma pausa cheia de constrangimento:

— Mais uma vez pergunto. Em que posso serví-la?

— Bem... Eu procuro um emprego...

— Coisa natural. Todos nós procuramos um emprego. Quando não é para nós, é para os outros. E eu garanto, senhorita, que vale mais procurar colocação para si do que pedir a amigos colocações para outros amigos...

— Sim, senhor...

— Mas, diga-me: que fê-la deixar seu último emprego?

— Eu nunca me empreguei...

— Se não é indiscreção posso perguntar como alimentou esse belo corpo até á presente data?

— Vivia com meus pais. Eles morreram e...

— Muito triste. Meus pais tambem estão mortos. Ambos...

CONFUSÃO

Adaptação de um conto de DENISE LORRAIN

— Oh!...

— E' triste, não é verdade? Acha conveniente chorarmos um pouco em memória de nossos santos velhos?

— Oh! O senhor não está falando sério.

— Sério, senhorita? Deixemos a seriedade para os imbecís. A senhorita já teve a oportunidade de contemplar um animal mais sério do que o burro? Entretanto, senhorita, não creio que o burro viva melhor por isso. O sério é ou imbecil que esconde a falta de imaginação detraz de uma máscara de seriedade ou o hipócrita que quer passar pelo que não é. Quando a senhorita vir um cavalheiro muito sério, desconfie. Esses são os mais perigosos... Mas, vamos ao que interessa, quais são as suas habilidades?

— Habilidades?

— Sim... Que faz? Escreve á máquina? Sabe inglês? Tem curso de comércio?

— Eu... eu....

— Não sabe nada disso?

— Mas...

— Não se envergonhe, senhorita. A ignorancia é um consolo. Todo aquele que é menos inteligente e mais ignorante diz. Se eu fosse mais culto, poderia demonstrar a minha inteligência... Sempre é um consolo que não resta ao que muito estudou e, se é burro, é burro mesmo, apezar de saber até quantos piolhos tinha madame de Pompadour entre os mimosos dedinhos do seu pé!

— O senhor quer dizer que eu não sou inteligente?

— Não disse isso. Disse que "se" a senhorita não for tão inteligente...

E, de qualquer forma, que vale a inteligencia diante da beleza? A senhorita é encantadora. Se fosse inteligente, seria menos encantadora. A mulher, quanto menos inteligente, mais bonita. A senhorita já viu uma mulher inteligente? Não? Pois não sabe que espetáculo perdeu. A mulher inteligente é um passo na direção do nivelamento, não dos direitos mas das aparências dos sexos, senhorita. A mulher inteligente, minha amiguinha, usa pincenez e tem bigode. Cita autores clássicos e fuma charuto. Uma coisa pavorosa. A senhorita, por outro lado, pode não escrever á máquina, pode pensar que Shakespeare foi um antepassado do Tyrone Power, mas em compensação... em compensação...

— Em compensação o que há?

— Em compensação é encantadora, tentadora, apetitosa...

— Oh!

— Porque se escandaliza? Uma mulher bonita não deveria se escandalizar nunca quando um homem lhe mostra que ela o tenta...

— Porque?

— Porque é o pior insulto que pode fazer a esse homem...

— Como?

— Um homem que não se sente tentado por um pedacinho de costela delicioso com a senhorita... bem... é uma coisa que nem merece ser mencionada... Não é normal...

— E o senhor julga que seus paradoxos justificam suas audácias?

— Nem sempre. Por exemplo, eu estou prestes a cometer uma audácia para a qual eu não encontro justificativa a não ser no prazer que me proporcionará...

E, sem pedir licença, ele inclinou-se e beijou-a.

— Oh!

O tio estava à porta, estupefacto...

— Como ousa! perguntou ele, quasi sem respiração...

O sobrinho disse, com um sorriso:

— O senhor mandou-me saber do que ela estava precisando... que desejava ela... Eu estava fazendo uma experiência... Meu tio, cheguei a uma conclusão. Essa moça precisa é... é... é disso que o senhor viu. E eu, como rapaz regenerado, estou disposto a proporcionar-lhe tudo isso com a benção da Santa Madre Igreja...

— Como?!

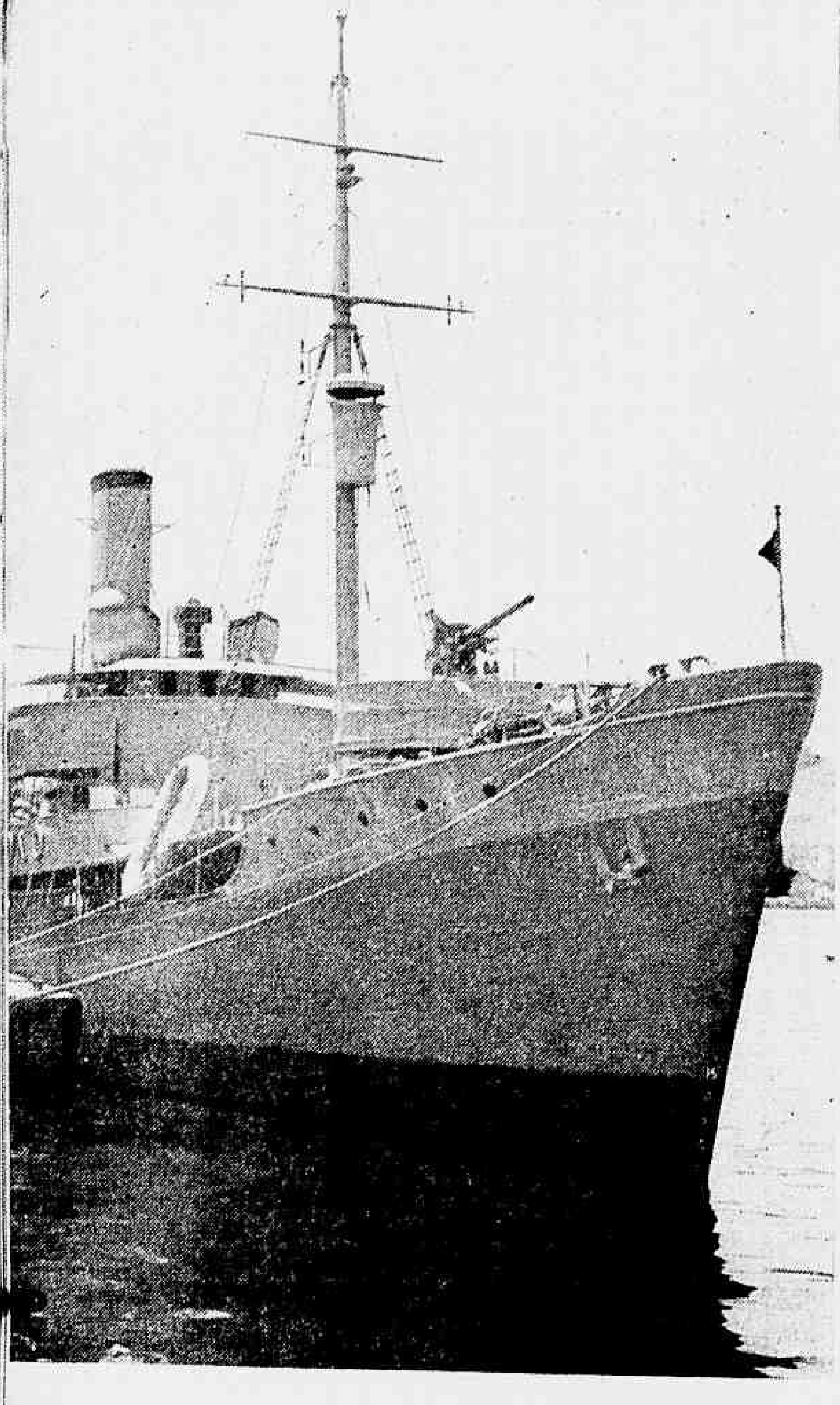
Maria, em tudo isso, era a mais estupefacta.

— Isso é lá maneira de se ficar noivo assim, sem mais nem menos?

— Meu tio, francamente! Lembre-se de titia e diga: De outra qualquer maneira, um homem que tem a cabeça no lugar e que não passou do décimo copo de uisque pediria alguem em casamento?

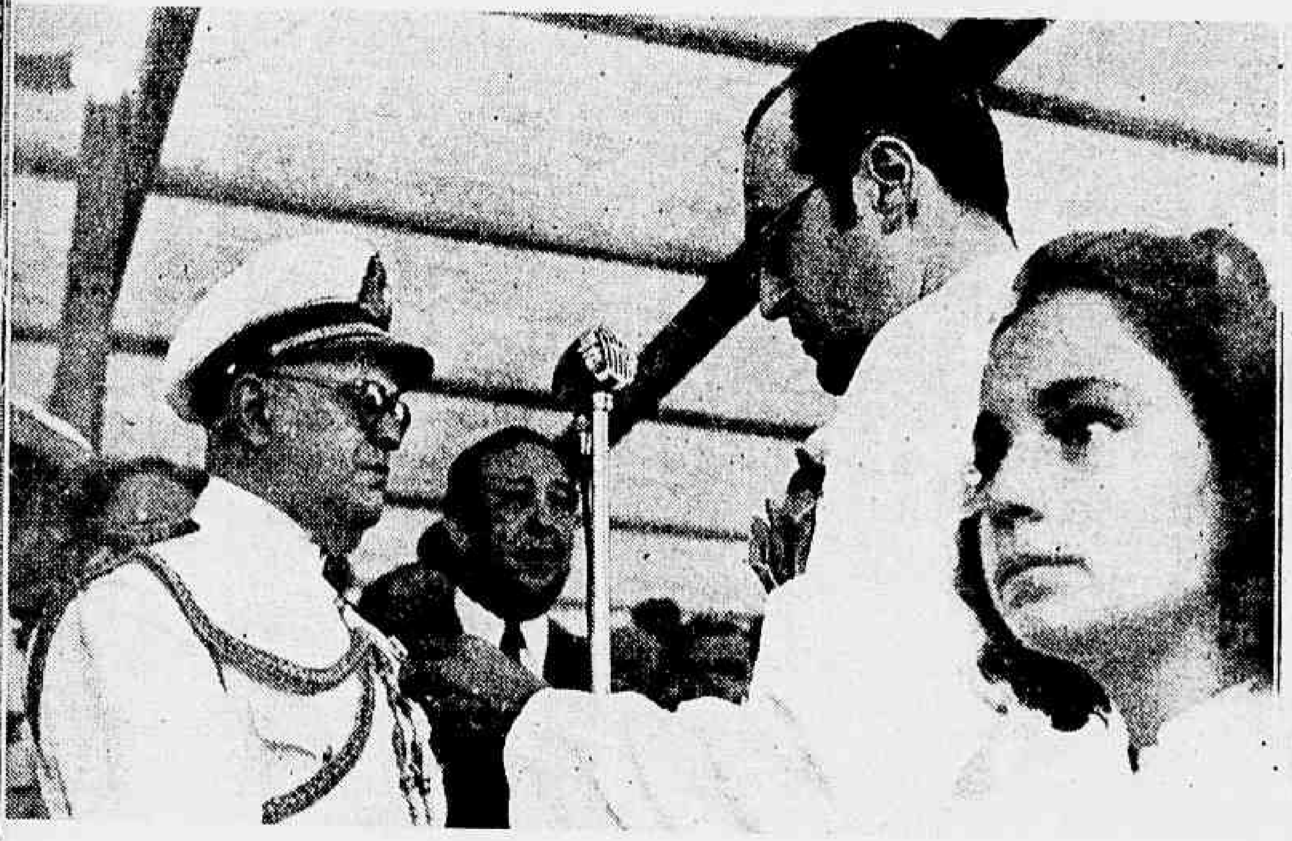
— O tio abaixou os olhos e sorriu.

BARRETO DE MENEZES, HEROI DE DUAS PATRIAS

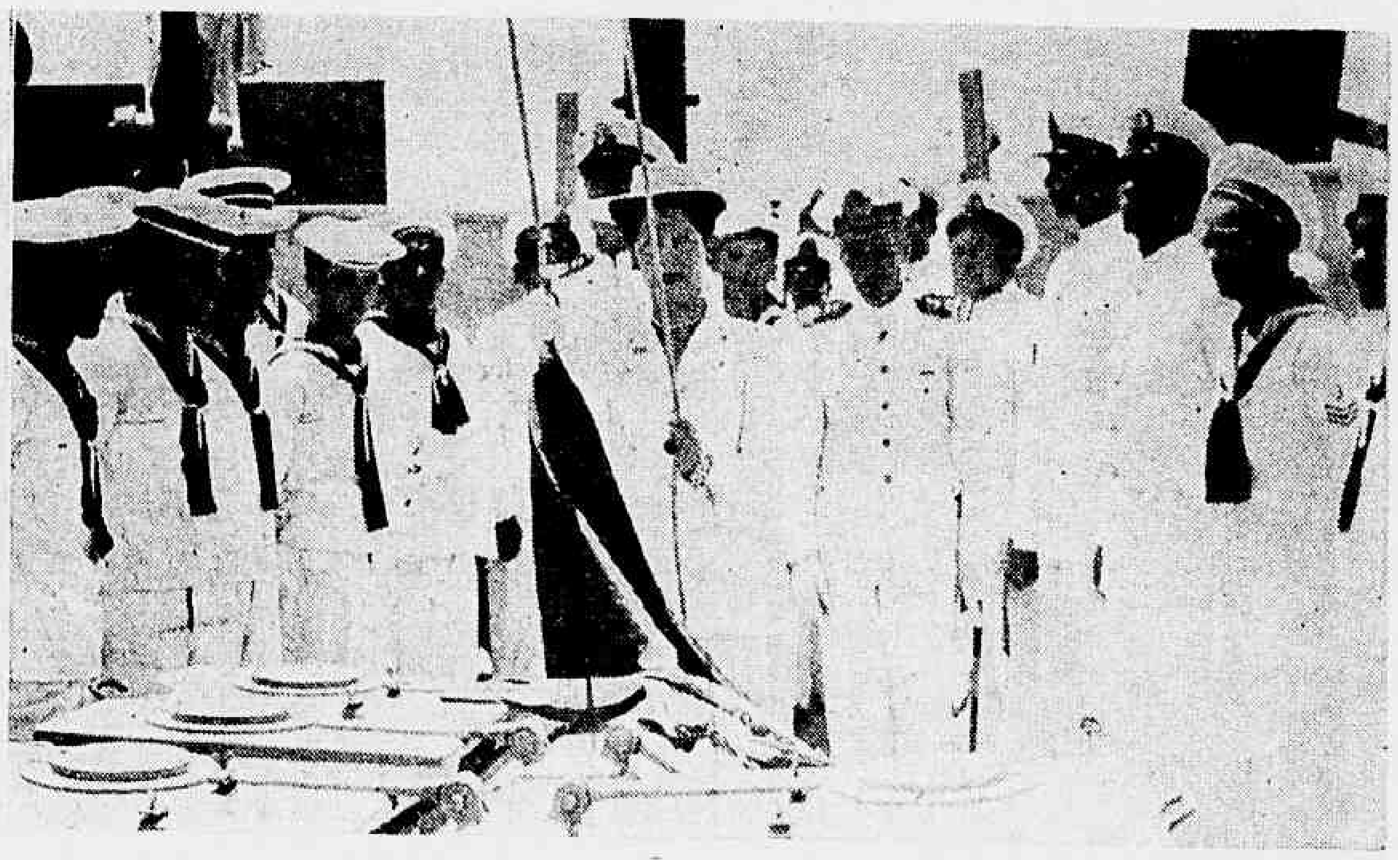


A NOVA BELONAVE FLUTUANDO NA BAÍA DE GUANABARA. UMA SENTINELA MAIS DA SOBERANIA DA PÁTRIA E DA LIBERDADE DOS MARES.

O EMBAIXADOR NOBRE DE MELO AGRADECE A HOMENAGEM PRESTADA A PORTUGAL, NA FIGURA DE SEU IMORTAL SOLDADO BARRETO DE MENEZES.



O SR. PEDRO BRANDO QUANDO DISCURSAVA, FAZENDO A ENTREGA DA "BARRETO DE MENEZES" Á GLORIOSA MARINHA DE GUERRA DO BRASIL.



MME. FERNANDO FALCÃO, MADRINHA DO NOVO VASO DE GUERRA, HASTEANDO O PAVILHÃO NACIONAL NO MASTRO DA BELONAVE.

GRUPO FORMADO DURANTE A SOLENIDADE, VENDO-SE O EMBAIXADOR DE PORTUGAL, O SR. PEDRO BRANDO, GAL. MIGUEL HENRIQUEZ GUSMAN., CHEFE DA MISSÃO MILITAR MEXICANA, MINISTRO ARISTIDES GUILHEM E S. EXCIA. O EMBAIXADOR DO MÉXICO.

A Organização Henrique Lage, representada pelo seu superintendente, sr. Pedro Brando, vem de entregar á nossa Armada mais uma belonave construida nos estaleiros da Ilha do Viana, a corveta "Barreto de Menezes", que recebeu o nome do herói português, numa eloquente demonstração da amisade luso-brasileira.

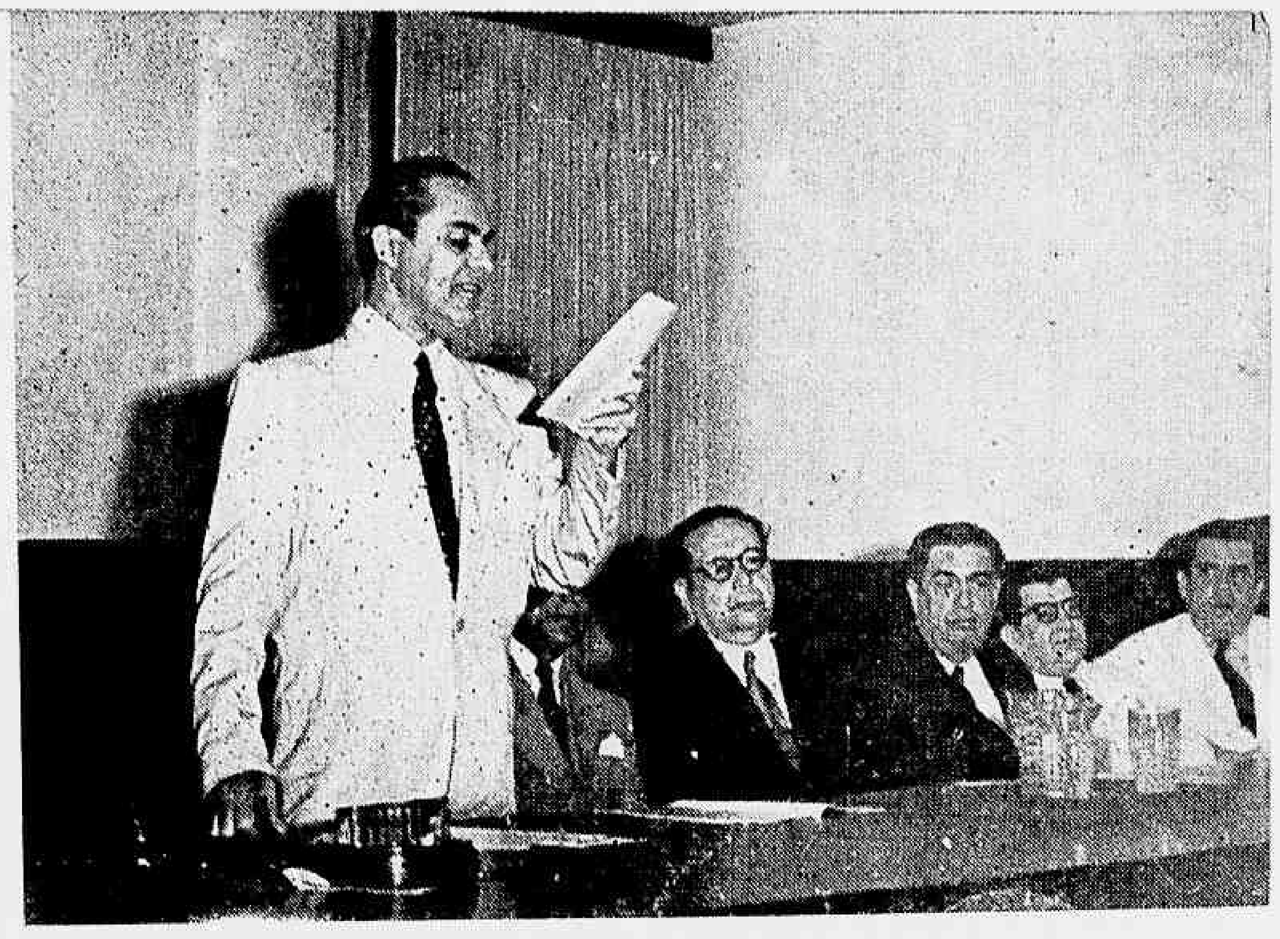
O ato da entrega da nova corveta á nossa Marinha de Guerra, que se revestiu de brilhante solenidade, contou com a presença de altas autoridades civís e militares, elementos os mais destacados na nossa alta sociedade, dentre os quais queremos destacar S. Excia. o representante do presidente da República, chefes do Estado Maior da Armada e das Missões Naval Americana e Mexicana, ora em nosso país, embaixadores de Portugal e do México, representantes de todos os ministros de Estado e do ministro presidente do Supremo Tribunal Militar e todos os almirantes em serviço nesta guarnição.

Falou, dando início a cerimonia, o Sr. Pedro Brando, que saudou o embaixador de Portugal, sr. Nobre de Melo. Este agradeceu de improviso. Discursou em seguida o ministro Aristides Guilhem.

Com a incorporação da nova corveta á Armada Brasileira, ficou imortalisado o nome do heroico soldado que foi Barreto de Menezes que, após bater em terras lusitanas as fortes hordas de Castella, e depois de permanecer por nove meses prisioneiro nos carceres de Nassau, conseguiu evadir-se e juntar-se ás tropas pernambucanas, celebrisando-se pela sua bravura e destemor, revelados na batalha de Guararapes.

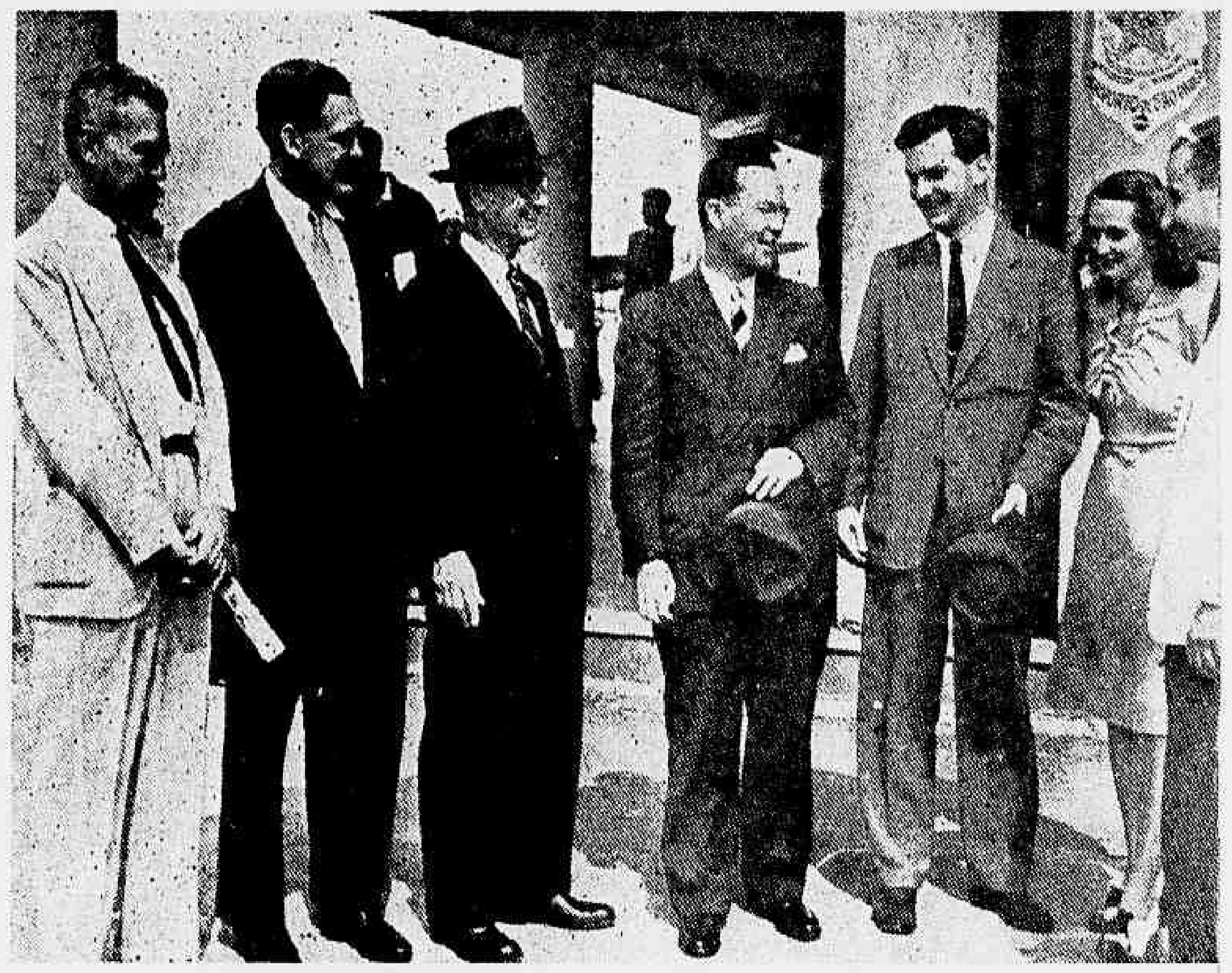
E' este nome glorioso de um antigo herói de duas pátrias, que será levado aos sete mares, gravado na proa da nova belonave brasileira.

A EXMA SRA. D. ECILA ROCHA DO BRASIL SALGADO, FINO ORNAMENTO DA ALTA SOCIEDADE CARIOCA, EM UMA FOTOGRAFIA FEITA NO DIA DE SEU ENLACE MATRIMONIAL REALIZADO RECENTEMENTE NESTA CAPITAL.



CONSTITUIU NOTA DE RELEVO SOCIAL E CULTURAL A CONFERENCIA QUE O ESCRITOR FRANCISCO LEITE VEM DE REALIZAR NO AUDITORIO DA A.B.I., A CONVITE DO INSTITUTO NACIONAL DE CIENCIA POLITICA, SOB O CURIOSO TEMA FOLCLORICO — "SÃO TOMÉ, O CHIMARRÃO E OS SORTILÉGIOS DO AMOR" VÊ-SE NA FOTO ACIMA O CONFERENCISTA QUANDO FALAVA 'A UMA GRANDE E SELETA ASSISTENCIA.

FIGURAS E FATOS



ENCONTRA-SE NESTA CAPITAL, DEVENDO AQUI PERMANECER POR POUCOS DIAS, O SR. F. A. RALL, GERENTE DE VENDAS DA WESTINGHOUSE ELECTRIC INTERNATIONAL COMPANY, PRESTIGIOSA ORGANIZAÇÃO NORTE-AMERICANA. PUBLICAMOS ACIMA UM ASPECTO DA CHEGADA DO ILUSTRE VISITANTE, QUE PROCEDE DOS ESTADOS UNIDOS, AO CAMPO DE CONGONHAS, NA CAPITAL PAULISTA, ONDE FOI RECEBIDO PELOS SRS. OTTO K. CHRISTOPH E SRA., E EVERARDO KIEHL, DIRETORES DA PAUL J. CHRISTOPH COMPANY, DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA DOS RÁDIOS E REFRIGERADORES WESTINGHOUSE; CÁSSIO M. KIEHL, GERENTE DA MESMA FIRMA EM SÃO PAULO, E OS SRS. LARRY MC. QUARRY E WILLIAM CHAPMAN, ENGENHEIRO E REPRESENTANTE DA WESTINGHOUSE, RESPECTIVAMENTE.

CONSTITUIU UM ENCANTO PARA OS PEQUENOS ALUNOS A FESTA DA CRIANÇA REALISADA NO DEPARTAMENTO PRELIMINAR DO INSTITUTO LA-FAYETTE, COMEMORATIVA DA SEMANA DA CRIANÇA. O PLANTIO DA ÁRVORE SIMBOLICA, OS HINOS Á ARVORE E ÁS ÁVES, A GINASTICA RITMICA BASEADA EM PRESCRIÇÕES EDUCATIVAS DE REAL VALOR, AS DANSAS TIPICAS REGIONAIS, A INTERPRETAÇÃO DE FABULAS, OS JOGOS E A SOLTA DE POMBOS-CORREIO, TUDO ISSO FEZ VIBRAR OS EDUCANDOS, DEIXANDO-LHES RECORDAÇÃO INDELEVEL DE TANTO SIMBOLISMO EDUCATIVO. A GRAVURA Á ESQUERDA MOSTRA CAMPONESES EM DANÇAS TIPICAS REGIONAIS E A DA DIREITA NUMEROS DE GINÁSTICA RITMICA.

Tipo clássico do homem marajoára. O mais escuro é autentico mameluco

Todos nós temos um grande sonho na adolescência, um sonho que é um anseio, um anseio que chega a ser quasi ideal: — conhecer a Amazônia! — Já o dizia o presidente Getulio Vargas, em memoravel discurso, e para conhecer êsse mundo multiforme em constante dinamica, necessário se torna examinar a sua primeira página, que em verdade é a última da sua elaboração geofisica: — A ilha de Marajó! — Ao percorrer os seus 47.964 quilômetros quadrados, o itinerante curioso procura sondar a história da terra, devassar nos estirões imensos de campos razos que ondulam levemente, os restos de uma civilização extinta de que nos dão notícias as magníficas ceramicas de Marajó. Estes achados que têm o poder elucidativo das velhas pedras do tempo de Salomão, embora sem hieroglifos ou simbolos de linguagem escrita, revelam na proporção, no traço e na interpretação de idéias, a origem de uma formação étnica, e tambem o rumo das correntes migratórias que povoaram o nosso mundo.

Através das igaçabas, vasos e bandêjas de ceramica marajoára, temos noticia da terra e do povo que nela habitava. Conhecemos os seus hábitos e costumes, o gráu de sua cultura e a sua capacidade emocional e criadora.

❁

O homem em face da terra

Nenhum historiador do tempo do povoamento de Belém, a então Santa Maria de Belém do Grão Pará, isto em 1916, faz referência á arte dos povos que habitavam a grande ilha. Só muito mais tarde, achados acidentais de ceramica soterrada, vieram

MARAJÓ, A

provocar a pesquiza arqueológica e como consequência o conhecimento da cultura e capacidade artistica do tipo étnico que habitava a região, deixando nos sambaquis um arsenal de elementos para o estudo de sua origem e dos seus costumes. O homem assemelha-se á terra; embora hoje, superiormente orientado, possa sobrepujar o ambiente mesológico, de qualquer modo êle reflete os traços fundamentais do meio físico quando se adapta e se identifica com a terra. O homem primitivo não fugia á regra: Viveu em casas lacustres, dominando assim as reações do regime fluvial, mas sujeitando-se ás condições do meio; embora senhor de imensos campos preferiu nutrir-se de peixes que o regime das águas lhe tornava facil. Pelo mesmo motivo dedicou sua atenção ao barro, dele extraindo essas pequenas jóias que hoje enriquecem os principais museus do mundo e que se destacam sob a rubríca de "Arte Marajoára".

Quando esta região amazônica, começou a ser povoada, e o Marajó se transformava num celeiro de possibilidades dignas da cobiça, o grande sonho do colonizador era cultivar a cana de açucar, utilizando o braço escravo do indio, quando não, do negro, e sob o guante de privações e trabalhos rragas tarêfas de terras, o mais possivel, para a sementeira dos imensos canaviais. Mas o colonizador que avançasse no caminho do povoamento, pisando a lógica dos estágios normais da evolução econômica, teria que sofrer a consequência da falta de inspiração na conquista da terra. O fracasso do ensaio agrícola fez o recúo ao regime pastoril, e o Marajó, terra virgem para a plácida vida do homem primitivo, que apanhava os seus peixes usando os mais hábeis processos, e modelava a sua argila com dedos leves e a coloria com os seus grés ferruginosos que iam do encarnado ao negro, viu refletir nos seus lagos serenos, onde até então as aves faziam o seu reino, a leveza dos movimentos do gado assustadiço e estranho, do tropel dos cavalos pelos campos livres, que a ambos tornavam selvagens. O conquistador transformou-se em senhor da terra. O caboclo mestiço, de sangue mesclado em três

entes vitais, transformou-se em vaqueiro. Montou e percorreu o campo imenso. Liso, sem um acidente. Apertou os calcanhares no "vazio" dos poldros fogosos. Pinoteou com êles. Transformou-se em centáuro. E a população bovina foi crescendo. Centenas e milhares, e centenas de milhares. Os campos foram se estreitando. E novos problemas, surgiram na ilha do Marajó.

❁

Sol e Chuva, um paradoxo da natureza marajoára

O grande regime pulviométrico da bacía equatorial provoca anualmente a inundação da ilha de Marajó que fica transformada num arquipélago, onde milhares de ilhas, formando um verdadeiro labirinto de canais e igarapés, de lagos e lagoas, alteram completamente o seu aspecto topográfico e, o que é pior, a vida das suas populações bovinas e cavalares. O Marajó não conhece cercas-limites entre as propriedades. Os seus limites são naturais e o regime de criação e dos compáscuos. Todo o gado é dividido e marcado com sinal de fogo e, em certas épocas do ano, reunem-se os fazendeiros de determinadas regiões para o "rodeio" e a "férra". Graças á capacidade dos peões marajoaras, êsse regime coletivista pode ser mantido satisfatoriamente, mas o que é absolutamente impossivel, no regime atual, é a manutenção de raças selecionadas. Esse regime confortavel para os fazendeiros do Marajó, não deixa de ter o seu lado pernicioso quanto á melhoria do padrão racial do gado. Por outro lado, permite que proprietários de áreas relativamente diminutas possam ser criadores de unidades superiores duas ou três vezes á capacidade dos seus campos; logicamente que isto se reflete em prejuizo de outros fazendeiros menos avisados.

As grandes enchentes do Marajó começam por afugentar das possessões fazendeiros e gado. Aqueles tocados para a capital, êstes, escorraçados pela onda crescente começam por procurar os "têsos", que são os pontos de pastos altos. Vão de séca-á-méca em busca do alimento e da terra firme. Mas uma grande enchente, forte como a recente, destrói bôa porção desta riqueza econômica, talvez a mais poderosa do Estado. Cálculos bastante respeitáveis, estimam em 10 mil cabeças as perdas da última enchente. Mas as chuvas passam. As águas baixam, o sol poderoso dardeja seus eletrons fazendo fermentar a terra afogada dos mondongos e vem uma floração feráz de começo de verão. Um verde intenso tapetiza a terra e o gado esfaimado se retempera nos pastos tenros. O calôr cresce. O equador é uma lente de aumento entre a terra e o sol. Os ráios estão enfocados na terra que saíu do banho de inverno. As águas se encolhem, buscam os seus leitos, correm para o rio, ou correm para o mar. A terra vai abrolhando, as águas se dividem, espraiam-se lentamente. Os "têsos", comidos no inverno pelo gado refugiado da enchente, estorricam-se. E' um deserto de terra "craquelé". O alimento para o gado vacum está aflorado e verde dentro das grandes e pequenas lagôas de verão. Alí acorre o gado. A terra é lodosa. Argila enlameada, pegajosa, gulosa como a bôca de uma sanguessuga voraz. — Mas se o vaqueiro não viér... aquela rês, dentro em breve, será localizada pelo vôo em espiral dos urubús famintos que nortearão o pião tardio na identificação de "uma rês a menos".... e assim milhares todos os anos.

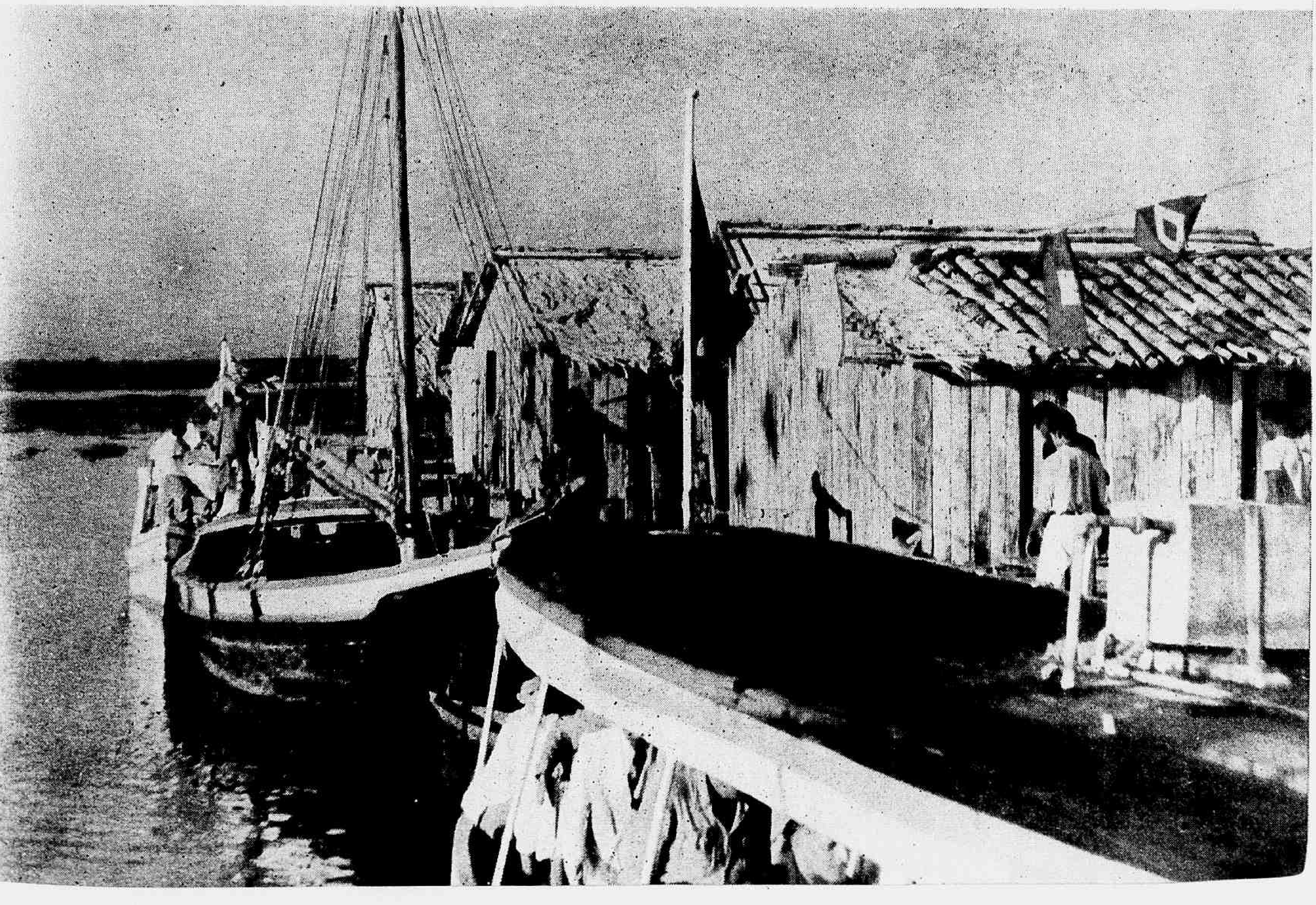
A população bovina do Marajó está avaliada atualmente em cerca de 700 mil cabeças, mas as possibilidades da ilha são extraordinárias. Tudo quanto se tem obtido até hoje é produto do empirismo, graças á expontaneidade do

O CEL. MAGALHÃES BARATA EM FLAGRANTE OBTIDO DURANTE UMA DE SUAS EXCURSOES Á ILHA DE MARAJO'

TERRA QUE FAZ O HOMEM, O HOMEM QUE DOMINA A TERRA!

REPORTAGEM DE
LIBERO LUXARDO

ASPECTO TIPICO DA ILHA DE MARAJO' DURANTE O INVERNO — FLAGRANTE OBTIDO NA VILA GENIPAPO, NAS PROXIMIDADES DO LAGO ARARÁ.



Adolescentes marajoáras.

Vila Genipapo, centro de pescadores, em plena região pecuaria de Marajó

"élan vital". Devido as condições do ambiente para a criação. no Marajó. serem ideais, a pecuária conseguiu atingir o potencial econômico que hoje se revela na balança da produção do Estado, porém, no regime atual, a sua tendência é retrogradar pois já se nota os estígmas da degeneração do gado, perdendo em tamanho, em peso, enquanto se embrutece e se selvagiza.

Por outro lado, se medidas controladoras não tivessem sido determinadas pelo govêrno do Estado, dentro de alguns anos as fazendas, profundamente sangradas, estariam desertas, pois a percentagem de procriação é mínima, talvéz a mais baixa do Brasil. Mas nem tudo está perdido, senão, vejamos.

A técnica e a perseverança do ideal aliados para alterar a natureza marajoára.

Os grandes planos parecem obras de visionários, porém, até hoje, o mundo tem sido impulsionado pelos idealistas. As grandes realizações, quando estiveram em projétos, serviram sempre para motivo de ironia dos incapazes. Assim foi a ponte de Broocklin, ou o maravilhoso plano Taj Mahal, tambem o projéto de Bramante era irrealizavel, e a cúpula de São Pedro, com os seus cento e trinta metros, desenhada por Miguel Angelo, não passava de uma utopia; a conquista da baixada Fluminense, quando foi aventada a idéia, serviu para despertar a grita do "impossivel", mas lá está, imponente e saneada, pronta para o trabalho do homem dentro desta geração. Aquí, tambem, na Amazônia, temos um sonho que se encontrar o apôio que é de se esperar do patriotismo dos nossos homens, e da superior visão do Presidente Vargas, há-de transformar o Marajó numa verdadeira expressão de potencialidade econômica.

Vejamos êste periodo, que expressa o pensamento do laborioso interventor paraense, cel. Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, ao expôr ao Sr. Presidente da República o seu plano de aproveitamento da Ilha de Marajó:

"Na luta contra fenômenos naturais que se manifestam em um meio como o nosso, muitas vezes de modo catastrófico, não poderemos chegar a soluções definitivas, sem o concurso dos poderes federais, porque o custo das obras a realizar vai além da nossa capacidade orçamentária".

Administrador por índole, o chefe do Govêrno Paraense encara, de frente as dificuldades originais da grande ilha do delta amazônico, analizando-lhe friamente as possibilidades econômicas, as causas que obliteram a sua expansão, e conclue:

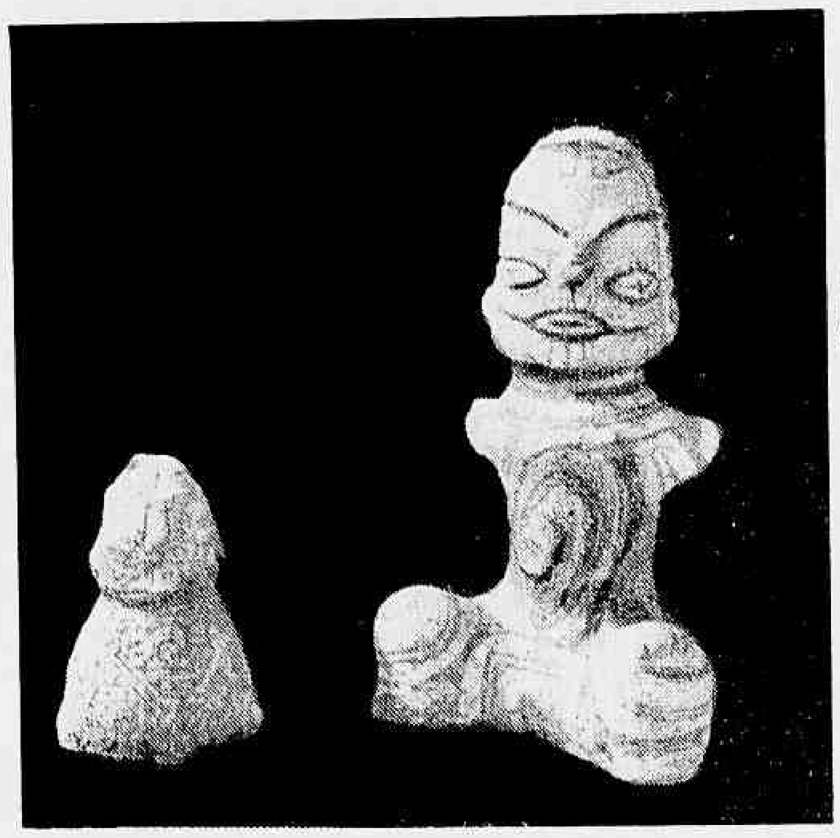
"Não é possivel deixar á sua própria sorte um dos ramos basilares de nossa economia, que, devido mesmo ás circunstancias impostas pela natureza, não poderá atingir o nivel de prosperidade e grandeza que lhe permitem essas possibilidades se contar somente com a iniciativa privada, a cuja capacidade fogem alguns dos problemas fundamentais em equação. Não foi por outra razão que o govêrno de Va. Excia. criou a "Comissão de Estudos e Obras na Ilha de Marajó e Portos do Pará, no Departamento Nacional de Portos e Navegação".

"Antes da Revolução não havia ainda sido encarado o problema pecuário do Pará com o sentido nacional que deve ter. Algumas tentativas locais, inclusive do meu primeiro govêrno, ficaram apenas á superfície, justamente porque não basta encarar uma das soluções apenas, como a do crédito, que tentei obter pelo financiamento a fazendeiros reunidos em cooperativa, para o que obtive um empréstimo com a Caixa Econômica, sem que os resultados correspondessem ao meu propósito de govêrno".

A "montaria" ou "igarité", o verdadeiro transporte da região amazonica.

CERAMICA MARAJOARA — TAPA SEXO OU "TANGA" ENCONTRADA NAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLOGICAS REALIZADAS NA ILHA DE MARAJO'. OS DESENHOS SÃO DELICADOS E MOSTRAM EM CONJUNTO OTIMA CONCEPÇÃO DE ARTE.

CERAMICA MARAJOARA — IGAÇABA DOS INDIOS IRAJÁS, UM DOS MAIS RICOS EXEMPLARES ATÉ HOJE ENCONTRADOS NO MARAJO'.



CERAMICA MARAJOARA — CHOCALHO PARA OS "CURUMINS" DOS PRIMITIVOS HABITANTES NA ILHA DE MARAJO'.

O interventor paraense antevê um Marajó transformado, disciplinado pela técnica e vontade do homem. Aqueles campos que hoje estão sujeitos á rebeldia dos elementos, óra invadidos pelas águas, óra estorricados pela sêca, seriam quadriculados, como um grande taboleiro de prosperidade, com os seus rios e canais cronometrados, avançando e fertilizando a terra, umedecendo o caule das plantas, dessedentando o gado calmo disperso em manadas iguais pela relvosa e fértil planície. E' um sonho, sim, para os tíbios e para o grupo do "contra", não para os homens de têmpera, que traçam e calculam e depois executam com a sofreguidão do artista que está realizando algo de grande para a posteridade. Assim é êste soldado, de gestos fortes, voz metálica e autoritária, afeito á luta, em todas as horas, em todos os instantes.

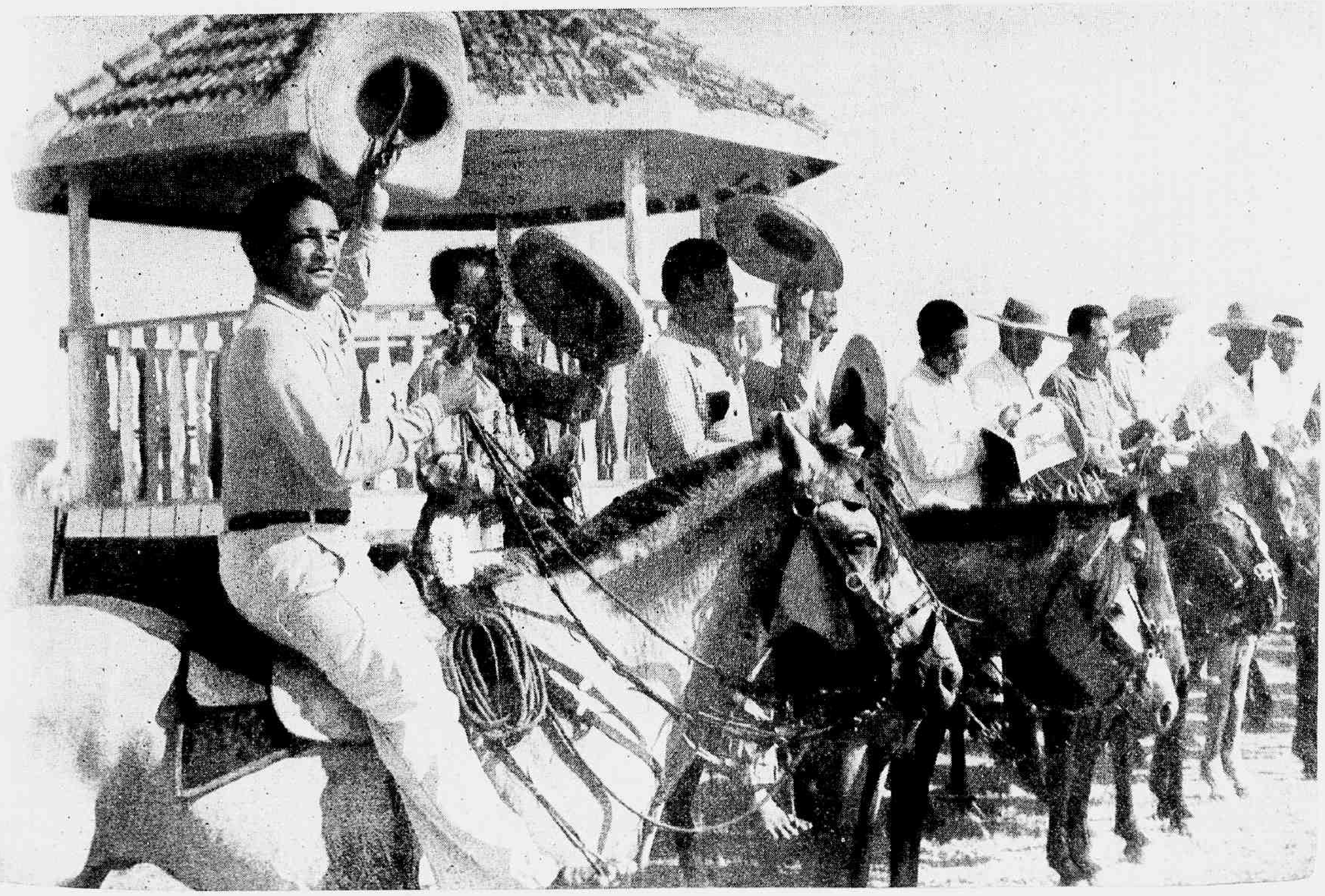
CONCLUSÃO

A obra é gigantesca, não há dúvida! Dominar os rios sem rumo da grande ilha. Disciplinálos, desafogá-los em novos canais, em mil direções; destruir os "mondongos", os "igapós" pestilentos, dar um aspecto absolutamente novo á topografia do Marajó, porque isto seria o produto de grande obra, é idéia que empolga e arregimenta voluntários do aplauso e sacóde o torpor de brasilidade até onde chegar a notícia. Nós, brasileiros, já realizamos o saneamento, ou melhor, o aproveitamento da Baixada Fluminense. Estrangeiros, nas Guianas, fizeram obra idêntica e de magníficos resultados. A Amazônia tem próblemas complexos e talvês o maior e mais urgente seja o agro-pecuário. Nosso poder aquisitivo não é grande. Importamos quasi tudo. E é com tristeza que afirmamos a pouca, quasi nenhuma fertilidade do nosso sólo. Marajó é terra anfíbia. Terreno de sedimentação, férteis e prósperos não fôra a tragédia de sua topografia e de sua situação. Dominar as águas, reparar o efêito cáustico do verão é atingir uma verdadeira revolução econômica no Estado, ou melhor, em toda a bacía amazônica que teria enfim o seu grande celeiro de abastecimento. Com êste pensamento sadio e patriótico e de alto descortino social, fez o interventor paraense uma exposição ao Sr. Presidente da República, em recente mensagem:

"Daí o apêlo que ouso fazer a Vosso Excelência, no sentido de dar a essa Comissão um carater permanente, amplados os seus quadros técnicos de acôrdo com o plano que fôr preestabelecido, com os recursos financeiros que exigirem os estudos preliminares e as obras a realizar, abrangendo não só as soluções hidrográficas, mas tambem a zootécnica, a agrícola e econômica propriamente. Não foi por outro sistema de intervenção que a Argentina e o México, por exemplo, conseguiram realizar uma imensa riqueza pelo aproveitamento de regiões assoladas pelas enchentes ou pelas sêcas, com a modificação ou correção de condições locais desfavoráveis. O exemplo argentino, então, tem perfeita similitude com o nosso, até porque o extraordinário desenvolvimento que tem tido o nosso visinho do sul deve principalmente ao aproveitamento

Continua na página 50

VAQUEIROS MARAJOÁRAS.



Com a paz chegará tambem Sabonete PEARS!

Por estar colaborando com algum de seus ingredientes, ao vital esfôrço de guerra das Nações Unidas, o Sabonete Pears, que há mais de um século e meio se colocou ao serviço da Beleza, deixou de ser temporariamente fabricado. Tão cedo, porém, cesse o atual conflito, o Sabonete Pears voltará a oferecer aos seus consumidores, as mesmas insuperáveis qualidades que o tornaram famoso no mundo inteiro!

LINTAS PWB 7-0367

GRIPES
RESFRIADOS
NEVRALGIAS

DÔRES de CABEÇA

TRANSPIROL

Livros

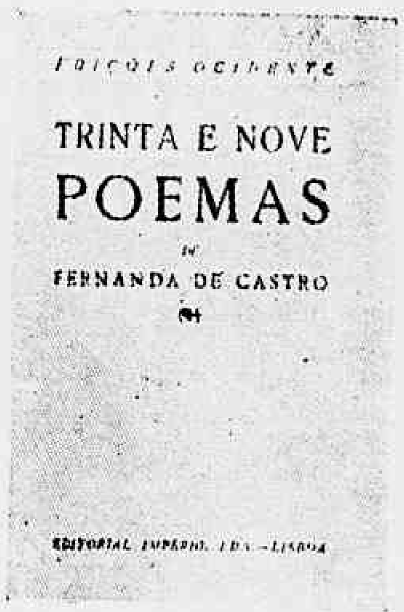
Trinta e nove poemas, de Fernanda de Castro — *Lisboa, 1942.*

Eis um livro que levou bastante tempo a chegar a esta página... Mas a culpa não foi dele. Nem dela! Circunstâncias diversas — inclusivamente a guerra, já se sabe — o detiveram ou desnortearam pelo caminho. Onde parou ou por onde andou que só agora nos aparece? E tão desejada que era a sua vinda!

Quem já tenha lido ou ouvido uma poesia de Fernanda de Castro, ha de experimentar o desejo, o ansioso interesse de as conhecer, a todas. A essência de amor que os seus versos exalam, como as rosas a própria alma, traz o dom de clarear os espíritos e pôr em festa os corações. Entra em nós como um sol bem de primavera e de domingo, cantando, em claridade, hinos de benquerença e de ventura. E, uma vez tendo recebido essa visita: só para gosar novas bençãs de tal resplandecência, quiséramos que todos os dias fossem domingos ou, pelo menos, feriados.

O segrêdo é Amar... Amar a Vida
com tudo o que há de bom e mau em nós...
Amar a hora breve e apetecida,
ouvir todos os sons em cada voz
e ver todos os céus em cada olhar...

Amar por mil razões e sem razão...
Amar, só por amar,
com os nervos, o sangue, o coração...
Viver em cada instante a eternidade
e ver, na própria sombra, claridade.



O segrêdo é amar mas amar com prazer,
sem limites, sem linha de horizonte...
Amar a Vida, a Morte, o Amor!
Beber em cada fonte,
florir em cada flor,
nascer em cada ninho,
sorver a terra inteira como um vinho...

Amar o ramo em flor que há-de nascer
de cada obscura e tímida raiz...
Amar em cada pedra, em cada ser,
São Francisco de Assis...
Amar o tronco velho, a folha verde,
amar cada alegria, cada mágua,
pois um beijo de amor jamais se perde
e cedo refloresce em pão, em água!

A sra. Fernanda de Castro, que se coloca entre os maiores poetas do Portugal de hoje — e cada vez há mais, naquela terra que é a própria poesia — faz sobretudo versos de mulher. Legitimamente os seus poemas sucederiam às cartas de Mariana Alcoforado, se nelas houvesse alegria. Retratam o coração amante e amado da menina e moça, da esposa, da mãe, da generosa, enternecida, efusiva irmã de toda a humanidade. Em verdade, não deixam de nos transmitir, nesta ou naquela página, a emoção dos espetáculos da vida que os nossos olhos tentam mas não podem evitar. Momentos ingratos, de vez em quando, em que o otimismo não prevaleceu de todo, o sorriso se esqueceu de intervir ou, entre as lembranças portadoras da graça de reviver, veio uma saudade menos gostosa que amarga, mais acerba que deliciosa, e como se tivesse fugido, por se sentir neles deslocada, dos versos de Garrett... No *Poema da Mocidade* passam, em alguns sonetos, todas as tristezas e todas as angústias. O pressentimento apavorado dos dias de apreensão e dor: "Eu não quero ser mãe! Basta-me ser mulher! — Basta-me ser feliz!..." Depois, o menino que adoece, sofre: "Senhor! O meu filho tem febre — Tirai-me dos meus olhos toda a luz! — Livrai-me da blasfémia... Deus! Jesus!... Mas a criança, como a flor que por um momento murchasse de sêde, envolta em treva, e recebesse ao mesmo tempo a água e o sol, volta, por assim dizer de repente, à plena vida. E os versos acabam assim:

E o meu menino chora, e eu posso já cantar!
E o meu menino canta, e eu posso já chorar!
O meu menino vive e toda a vida canta,
toda a terra é uma fresca e sonora garganta!
Que toda a gente o saiba e toda a terra o veja!
Louvado seja Deus!
Louvado seja!

Os *Trinta poemas* da sra. Fernanda de Castro são sempre, se não de princípio a fim, quando menos pela conclusão que deixam, outros tantos cânticos à beleza da vida e à gloria de Deus.

* * *

O Café, segundo a producção exportavel (Estado de Minas Gerais, safra de 1941-42) — *Rio de Janeiro, 1945.*

Diz a capa 1945 e um breve mas deveras elucidante prefácio do Sr. Jayme Fernandes Guedes vem datado de dezembro do mesmo ano. Se, porém, só agora registamos o livro, a culpa não é nossa.

Trata-se duma edição do Departamento Nacional de Café, que tem como presidente o Sr. Fernandes Guedes, directores os Srs. Noraldo Lima e Cezar Martins Pinjá e superintendente o Sr. Raymundo Mendes Sobral. E' o segundo volume duma série que, tendo começado por São Paulo, abrangerá todos os Estados brasileiros. Diz respeito a cento e noventa e um municípios e indica em algarismos separados o café para o consumo interno. As matérias, servidas por extensos, minuciosos dados estatísticos, obedecem aos seguintes títulos, com subdivisões especializadas: *Prefácio* — *Cultura mundial de café* (tres subdivisões) ;*Cultura cafeeira no Brasil* — *Consumo de café "per capita"* (quatorze subdivisões) — *Produção e circulação de café no Brasil* (tres subdivisões, sendo a última *Municípios cafeeiros de Minas Gerais, Dados gerais e dados da lavoura cafeeira*).

O volume, de vasto formato, vai a trezentas e quarenta páginas. E o prefácio termina com estas palavras invocativas que de bom grado, e por julgarmos de utilidade, reproduzimos:

Novos

"Nesta oportunidade, queremos deixar aquí consignado o nosso permanente apelo aos homens que teem, na produção e no comércio do café, uma parcela de atividade ou de interesse, no sentido de que nos continuem a prestar a sua preciosa colaboração, com a maior dose de imparcialidade possivel, oferecendo-nos informes que o seu conhecimento e a sua experiência possam proporcionar, pois constituirão, sem dúvida, valiosos elementos para o estudo e análise dos problemas que nos incumbe apreciar e resolver."

* * *

ÚLTIMOS CONTOS, de Alexandre Dias — *Rio de Janeiro 144.*

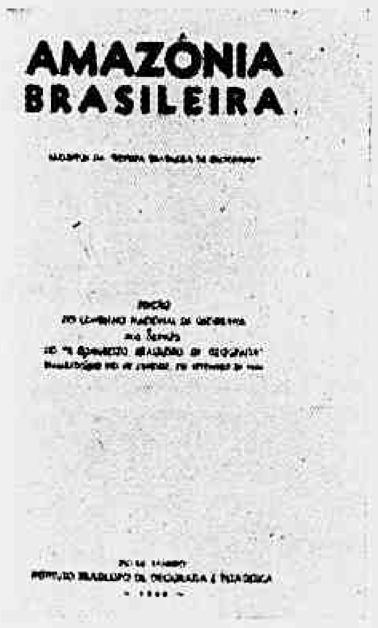
Da relação das suas obras já publicadas se depreende ser o Sr. Alexandre Dias espírita convicto, praticante e doutrinador. Justamente uma delas se intitula *Contribuições para o espiritismo*. Diversamente, porém, de tantos dos seus correligionários, não faz o sr. Alexandre Dias literatura à custa dos que morreram. Deixa os defuntos em paz, e talvez por outras razões além de saber, graças às experiencias alheias, que os nossos semelhantes, depois de mortos, escrevem fatalmente peor do que enquanto vivos. Com efeito, este motivo devia bastar para que os invocadores de almas, quer penadas quer... sem pena, se abstivessem de incitar as dos homens de letras a ditar-lhes os seus romances e os seus poemas...

São realmente, pois, de quem os assina os trabalhos reunidos no presente volume. Como bom espírita que é — e assim Nosso Senhor Jesus Cristo o conserve por muitos anos — o Sr. Dias se serve, às vezes, dos que faleceram não para autores mas para personagens dos seus contos. Em vez de os explorar, generosamente os celebra. Assim, por exemplo, na história *Finados* e numa conversa de família sobre a homenagem a ser ou não prestada a um parente no cemitério onde jazem os seus despojos, faz intervir um ranger de botinas no corredor ao lado. Quem vem lá? Ninguém. Isto é: ninguém deste mundo, ninguém visivel, mas seguramente alguém que se faz reconhecer pelo uso de botinas ringideiras. E o morto recebe o preito que lhe é devido no dia de todos eles. Nas páginas de *Uma visita inesperada*, um fantasma compassivo aparece ao próprio Sr. Dias, angustiado pela enfermidade de sua filhinha. Em *Glórias do mundo*, uma velha polonesa que, reduzida à fome e levada ao desespero por um homem sem coração, se pendurou duma árvore de Santa Tereza, vem depois perseguir o seu algôz até que o enlouquece e o impele a enforcar-se também...

São casos singelos, verídicos, pelo menos alguns deles, conforme o autor nos assegura; e todos se lêem de bom grado. O estilo é claro, engenhosa a maneira de contar. E devemos desejar que os *Últimos contos* não sejam de fato os últimos que o Sr. Dias escreva... neste mundo

* * *

AMAZONIA BRASILEIRA, excertos da Revista Brasileira de Geografia — *Rio de Janeiro, 1944.*



Trata-se duma edição do Conselho Nacional de Geografia, em vasto formato e com cerca de quinhentas páginas, lançada por ocasião do X Congresso Brasileiro de Geografia, que se realizou no Rio de Janeiro em setembro deste ano. Abre o volume o tão belo quão célebre "Discurso do rio Amazonas", proferido pelo Sr. Getúlio Vargas em Manaus, a 10 de outubro de 1940. Relida agora, a famosa peça oratória assume ainda maior ou mais sugestiva loquência, pois tudo o que se lhe seguir servirá para a exemplificar e confirmar. Aos nomes do Sr. Presidente da República e do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica e do já referido congresso, se juntarão, em capítulos sobre o tema geral, numerosas assinaturas de geógrafos, historiadores, sociólogos, naturalistas. Assim se podem citar, com os seus respectivos trabalhos, os srs: Sílvio Fróis Abreu, *O solo da Amazonia* e *Observações sobre a Guiana Maranhense;* Pedro Moura, *O relevo da Amazonia;* José Carlos Junqueira Schmidt, *O clima da Amazonia;* Delgado de Carvalho, *O rio Amazonas e sua bacia;* Amílcar A. Botelho de Magalhães, *Do rio Amazonas e da pororoca;* Jacques Huber, *Contribuição à Geografia fisica dos Furos de Breves e da parte ocidental de Marajó;* A. J. Sampaio, *A flora amazonica;* Cândido de Melo Leitão, *Fauna Amazonica;* Moacir M. F. Silva, *Alguns animais curiosos da Amazonia, Geografia das fronteiras no Brasil* e *Transportes na Amazonia;* Luiz de Souza Martins, *Notas sobre a Geografia da Amazonia;* Jaguaribe de Mattos, *Cicatrizes memoraveis da Geografia do Brasil;* Virgílio Correia Filho, *Devassamento e Ocupação da Amazonia brasileira* e *Evolução cultural e religiosa;* Lima Figueiredo, *Fronteiras Amazonicas* e *O Acre e suas possibilidades.* Araujo Lima, *A exploração amazonica;* Gastão Cruls, *Impressões duma visita à Companhia Ford Industrial do Brasil.* Américo Barbosa de Oliveira, *Considerações sobre a exploração da castanha no baixo e médio Tocantis.*

Vem depois uma série de dezesseis biografias desde o Barão do Rio Branco até Euclides da Cunha e assinadas pelo Srs. Lúcio de Castro Soares, Eusébio Paulo de Oliveira, José Veríssimo da Costa Pereira, Fabio de Macedo Soares Guimarães, Lindalvo Bezerra dos Santos, Francisco Venâncio Filho. E ha ainda uma parte de *Tipos e aspectos da Amazonia* e a final: *Bibliografia Amazonica.*

Em verdade, neste livro se encontra tudo quanto alguém necessite ou tenha desejo de saber acerca da região imensa de beleza, de riqueza e de tradição que todos desejaríamos percorrer, visitar, pelo menos, de passagem, mas que a bem poucos dá a gosar tal fortuna. Estas páginas nos compensarão, até certo ponto, da impossibilidade daquilo a que verdadeiramente se chamaria viagem maravilhosa. Para os intelectuais como para os artistas e para todos os estudiosos, constitue o presente volume um tesouro de informações, opiniões, comentários e toda a sorte de ensinamentos — tesouro ainda enriquecido por centenas de retratos e outros desenhos, mapas, roteiros, estatísticas. E é mais um memoravel serviço prestado ao Brasil e a todos os brasileiros, ao qual fica ligado o nome do Sr. José Carlos de Macedo Soares.

J. L.

SÃ MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

CENTROPA BOLETIM

Recebemos o 1.º número da publicação supracitada, cujo programa consiste na difusão das idéias e sentimentos da Austria livre no Brasil.

Tome o perfume que deixa Saudades!

Royal Briar

PÓ DE ARROZ
AGUA DE COLONIA
LOÇÃO - BRILHANTINA
OLEO - ROUGE - BATON - TALCO

No SOL ou FRIO

No AR ou MAR

NÃO são poucas as ocasiões em que a ação do vento ou da temperatura póde afetar os labios, fazendo-os ressecar e até rachar.

Labios gretados e dolorosos são incômodos e desagradaveis, tanto para o belo sexo como para os homens que trabalham expostos às intempéries.

LIP-POMADE é uma creação especial para evitar êsse desagradavel acidente. Homens e mulheres têm, nesse moderno defensor, a solução desejada graças à qual podem arrostar os ventos, as alturas, as praias, sem qualquer contratempo.

LIP-POMADE

Para os seus labios

É UM PRODUTO

ROGER & GALLET

PARIS — NOVA YORK — RIO

Seu Tricô

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

Senhoras! Se a Natureza Falha

MENAGOL

REGULAI

CASACO AZUL COM FRENTE ESCOCESA

Material necessario. — 240 gramas de lã azul, 80 grs. da mesma lã em laranja, 80 em amarelo limão, 2 jogos de agulha.

O trabalho é feito em ponto sanfona duplo, tecidos alternados 2 p. do direito, 2 p. do avesso; e em ponto fantasia que se tece do modo seguinte: 1.ª carreira — x 2 p. do direito, laçada passar um ponto sem tecer. Repetir desde x. 2.ª carreira, tecer x 2 pontos do direito, tecer junto da laçada e o p. sem tecer da carreira anterior pegando por trás. Repetir desde x. Tecer sempre estas duas carr: avançando cada vez na 1.ª carr: 1 p. para a esquerda. Com este ponto se tece as costas e as mangas. Para fazer o escocês da frente se tece em jersey, alternando 1 carr: do direito e outra do avesso.

Seguindo a explicação terá um casaco talhe 44.

Costas -- Montar com lã azul, sobre as agulhas de 2mm. 108 p. e tecer 9 cm. em p. sanfona dobrado, mudar as agulhas e continuar o tecido em p. fantasia, aumentando 8 vezes 1 p. cada 2 cm. (124 p.) Formar a cava, fechando em cada lado 4 p. 3 p. e 4 vezes 1 p. em todas as 2.as carr: Continuar o tecido reto, até que o trabalho meça 48 cm. de altura. Formar os hombros

(*Continua na pag. 50*)

Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE? por augusto Rodrigues

-TOPO UM BEM GOSTOSO!

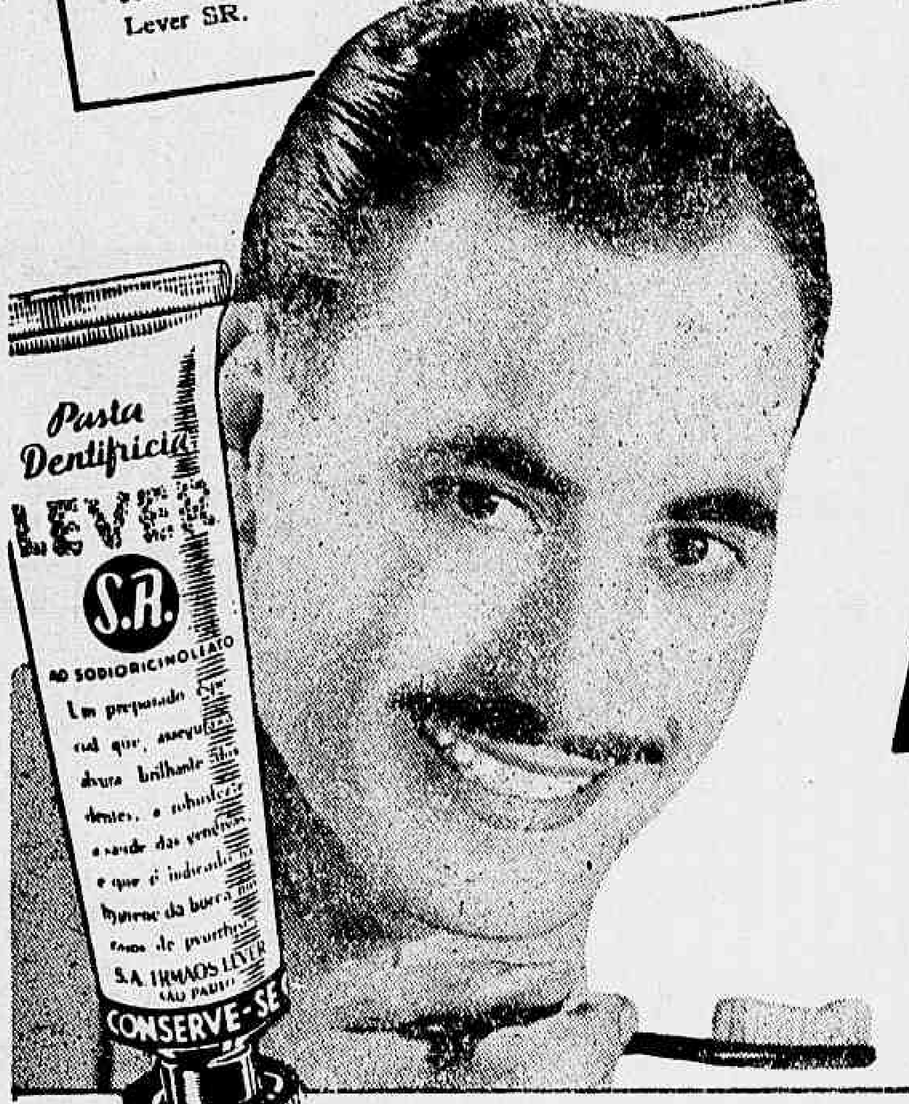
Não! Você não come o dentifrício. Portanto, não o escolhe como bombom. Ao sabor precisa reunir-se o poder de proteger seus dentes. Isso está em Lever SR.

-TOPO UM BEM BARATINHO!

Não! Só "pão duro" pede assim. E V. dará milhões para evitar a perda dos dentes, mantendo suas gengivas rosadas e sadias. Para isto fica lhe mais barato usar Lever SR

-TOPO QUALQUER UM!

Não! Dentifrício não é bilhete de loteria. Para ganhar na certa um sorriso lindo e sadio, não vá no escuro — peça pelo nome o super-dentifrício Lever SR.



-Eu uso Lever S.R.

É ASSIM QUE SE ESCOLHE!

Que dentifrício! Nada o supera. Tem tudo que você exige — **é gostoso;** **refrescante, econômico.** E, ainda mais, tem Sódio-Ricinoleato, o famoso **elemento** que dá saude às gengivas, assegurando a vida dos **dentes.** **Por isso é que Lever** SR mantém dentes *brancos... mantém* os **dentes!**

MANTÉM DENTES ***BRANCOS...*** ***MANTÉM*** OS DENTES!

LINTAS SR 107-0100

ATAQUES EPILÉPTICOS E NERVOSOS

INTRANQUILIDADE, INSÔNIA

NOVO TRATAMENTO!

Não sofra mais! Há agora um tratamento moderno para combater os ataques nervosos ou epilépticos e a falta de sono MARAVAL - (solução), calmante poderoso, providencial combinação de elementos opoterápicos e vegetais, que restitue a alegria e o sossêgo. Inicie hoje mesmo êste tratamento verdadeiramente científico. Não encontrando nas farmácias e drogarias, escreva ao Depositário. Caixa 1874 - S. Paulo.

MARAVAL

***Não!* VOCÊ NÃO É UM FRACASSADO**

de há muito você procura...

...descobrir um rémedio para êsse mal que o deprime moral e fisicamente perante a sociedade, CATUASE COMPOSTA é o remédio, preparado com um grande vegetal de nossa flora cujas propriedades estimulantes e vitalizadoras em combinação com o alcalóide da "ioimbehôa" e hormônios cerebral e testicular, agem ràpidamente no combate à debilidade neuro-muscular e viril, astenia (fraqueza nervosa), desânimo... Não encontrando na sua farmácia, peça ao depositário. Caixa Postal, 1874 — São Paulo.

CATUASE COMPOSTA

O IMPREVISIVEL

Continuação da pág. 19

Um sorriso de maldade, terrivel... Chegara o momento de pôr em prática o seu plano... Iriam fazer um picnic. Aí estava o pretexto...

❁

O rochedo era escarpado. Descia, abrupto, em direção ao mar, numa linha que dava vertigem, ao ser contemplada. O mar, lá em baixo, bramia, e vinha quebrar ondas espumosas, de encontro á rocha escura, escorregadía, limosa. Bem em cima, descortinava-se uma vista maravilhosa. Aí sentaram-se Carlos e Maria para comer os sanduiches que tinham trazido. Depois, deixaram-se ficar uns instantes a contemplar a beleza selvagem e magnífica do lugar.

Carlos, de repente, levantou-se e aproximou-se do abismo. Maria acompanhou-o. Encostou-se, ternamente, a cabeça no ombro do companheiro e levantou para o marido um olhar confiante e puro, cheio de amor. Ele passou o braço em volta da cintura dela e olhou em torno. O chauffeur do carro estava de costas. Chegara o momento. Era preciso somente vigor. O corpo da mulher encostado ao seu estava todo relaxado e não teria tempo para contrair-se, numa resistencia súbita. Era agarrar com toda a sua força e atirá-la longe, no abismo. Depois, um grito, dela naturalmente, e outro dele. Simulação de um acidente. O chauffeur seria uma testemunha a seu favor...

Ela levantou os olhos para ele e disse:

— Carlos!

— Hum?

— Sou tão feliz... Amo-o tanto...

E, ternamente, beijou o rosto dele.

Aquele beijo, salvou-a pela primeira vez da morte... Ele deixou passar a oportunidade. O chauffeur virou-se e se aproximou, perguntando se não queriam ir...

Alguns minutos mais tarde, um carro parava á porta da casa do casal e Carlos descia ajudando a esposa a saltar. Foi, naquela noite, mais carinhoso do que nunca. Ela dizia sómente, com ar feliz:

— Sou feliz! Amo-o tanto!

Mas a idéia do crime não fôra abandonada nem relegada para futuro remoto. Fôra adiada apenas, para muitíssimo breve...

❁

A segunda vez foi veneno. Ele trouxera arsenico para casa.

— Que é isso, Carlos?

— Isso o que?

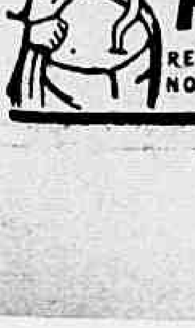
— Esse embrulhinho que você traz aí?

— Ah! isso? E' remédio para o coração...

Tinha formulado um plano. Um plano simples. Diria á esposa que não tomasse aquele remédio. Ela sofria do coração. Sentir-se-ia tentada a experimentar o remédio. Tomaria. Viria a morte... E ele com ar desesperado invocaria testemunha para confirmar que dissera a ela que não tomasse aquilo. Diria que queria suicidar-se e trouxera o veneno para casa... Era simples. A ninguem ocor-

(Continúa na pág. 41)

PRISÃO de VENTRE?



Pilulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

DÔR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO

DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS

As mulheres, as joias e as superstições

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Não sei se o Conselheiro Acácio teria afirmado que a inflação é uma consequência lógica da guerra. O que sei é que, nesse transe, cái a moeda, encarece a vida. Em compensação, não sei por que fenômeno contraditório, cresce uma ânsia de diversão. E' quando o vício, rompendo os preconceitos, ganha amplos horizontes. E o gôsto tem matizes sedutores. O champanha espuma nas taças. E' a desforra da miséria.

Nos vórtices desse delírio, a humanidade rodopia, como num grande e faiscante Carnaval...

E' tambem nesse clima de desvalorização monetária que o barômetro das jóias sobe assustadoramente.

Os joalheiros, as bijuterias, têm aí a sua chance. E as pedras preciosas reluzem como feitiços coloridos. A platina, o ouro e outros metais de lei disputam-se a primazia, empolgam os povos, especialmente o belo sexo. Mas, como nem todas as mulheres podem adquirir jóias autênticas, buscam outros meios para camuflar ou consolar seus desejos. E adquirem pedras semi-preciosas, e também as fictícias, com que os ourívcs sabem acomodar todos os ideais, ora imitando o brilhante, o rubí, a esmeralda, o berilo, o topázio, a ametista, e até a platina e o ouro. A alquimia faz prodígios...

E' assim que se defrontam, num verdadeiro duelo de vaidade, o real e o ilusório. O real, em poder do pobre, é falso. O rico, à maneira do Rei Midas, transmuda em brilhante, platina e ouro o montano e o latão. A vida é assim.

Todavia, sentenceia o rifão: "Ouro é o que ouro vale". Por isso, triunfam as jóias autenticas, sofrendo embora a concorrência dos ouropéis, das lapidações artificiosas, muitas vezes difíceis de distinguir. Há montanos que chegam a obumbrar os lampejos do brilhante, tal a faiscação de suas facetas. Há vidros que são mais limpidos que o berilo, o topázio, a água-marinha, a esmeralda, a safira. Basta, porém, um pingo de vinagre para empanar, de súbito, e para sempre, todo êsse embuste coruscante.

O que é certo é que estamos no império da platina, do ouro, dos brilhantes, das pérolas, estando estas em tremendo conflito com as cultivadas, conhecidas como "japonesas". Certamente, as legítimas hão de triunfar. Há uma pérola que ficou reluzindo na história... Cleópatra, perdulária e vaidosa, entontecida com o faustoso banquete que lhe oferecera Marco Antônio, arrancou de um brinco uma enorme e linda pérola, e fê-la diluir sob a ação do vinagre, numa taça de ouro. Depois, sorrindo, ergueu a sua taça, e bebeu em honra do deslumbrado anfitrião, provando assim que também sabia corresponder a tão custosa homenagem.

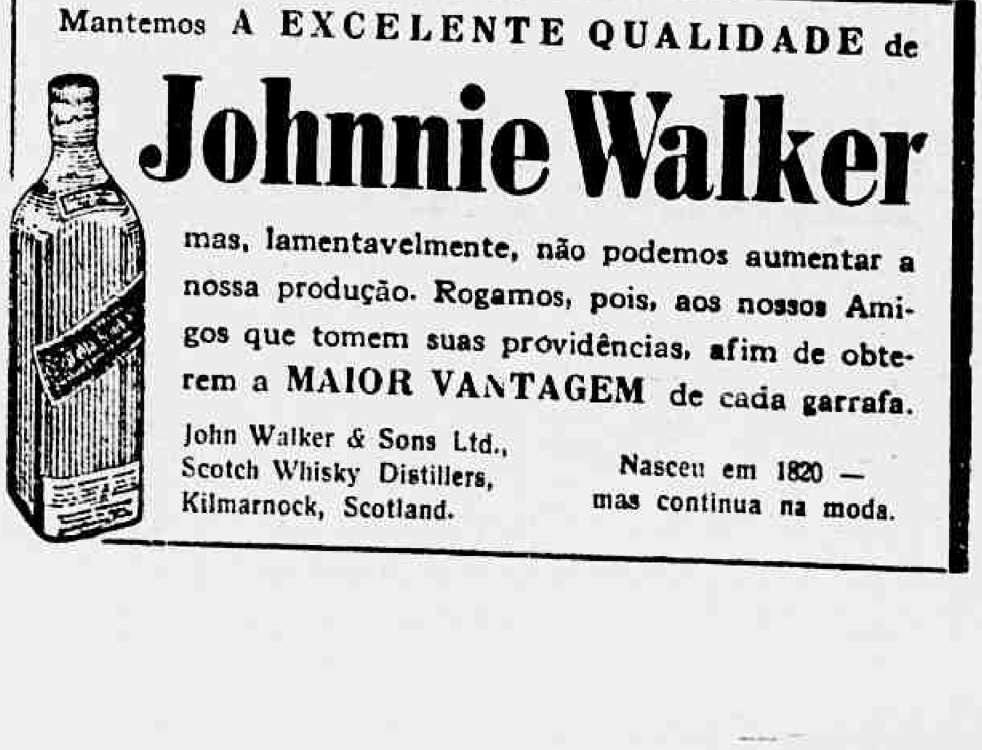
As montras das joalherias são hoje uma tentação. Atraídas por êsses lampejos, as mulheres se debatem como mariposas. Em seus dedos, orelhas, pulsos, colo, pompeiam as gemas de alto prêço, fulgem também o topázio, o berilo, a água-marinha, o rubí, a esmeralda, sem esquecer, de permeio, a rivalidade dos vidrilhos... Anéis, placas, brincos, pulseiras, broches, clipses, colares, são troféus de combate, porfiando em revérberos e filigranas.

No encalço das joias reais avançam os balangandans, sob mil artifícios. A imaginação dos ourives requinta em fantasias para engabelar o gôsto feminino. E Eva se atavia e exulta, sem deixar, contudo, de manter, no seu íntimo, um certo temor às superstições. Seus berloques, requifes, missangas, penduricalhos, bagatelas, são preferidos, quase sempre, sob a forma de mascotes, obedecendo à evolução dos signos, dos bons augúrios. De mistura com os talismans, se enfileiram outros ornatos, arabescos, anagramas.

Na atualidade, os enfeites que dão mais sorte, segundo os oráculos, são os peixes, as chaves, navios e asas de avião (viagens...), os elefantes, mas com a tromba para cima, pois a tromba voltada para baixo só traz má sorte. Ainda estão em uso, realizando algumas promesas, as ferraduras, os corcundas, as cornucópias, com flores ou frutos, as estrêlas, o trêvo de quatro folhas e, sobretudo, as figas, que fecham o corpo contra as jetaturas. Após novas experiências, passaram a ser bom presságio: o N.º 13, a coruja, o morcego, o escorpião, a caveira, a cobra. Firmou-se, entretanto, a convicção de que todos os animais de penas, sem excluir a borboleta, que o microscópio revelou ter penas, embora minúsculas, dão asar. O pior de todos, dizem, é o pavão. E' uma verdadeira catastrofe. O grão-de-bico já foi talisman. Operou milagres. Mas foi curto o seu prestígio. Não sei por que diabo, virou urucubaca. Hoje é visto somente nas feiras e quitandas. Depois de baloiçar feiticeiramente nos brincos, nos colares, nas pulseiras, terminou com uma só virtude: ser prato de primeira ordem nos restaurantes sírios...

Mas, fóra do campo da superstição, obedecendo aos caprichos da moda, há um gôsto especial por certos enfeites, emblemas e símbolos, tais como: tesouras, ferro de engomar, baldes, dedais, âncoras, martelos, serrotes

(Continua na página 50)



Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreta
Informações:
Rua Flack, 153-Rio. T. 29-2940
OLEO — LOÇÃO

O imprevisivel

(Continuação da pág. 39)

...ota ainda isso. Não haveria complicações ao descobrir-se porque ele não negaria o fáto. Carlos achou que, assim, afastara todos os inconvenientes do assassínio por envenenamento...

❁

O destino conspira sempre contra os que querem cometer algum crime. Nunca é cumplice de um criminoso; antes, em regra, vem prejudicar os planos melhor arquitetados...

Maria resolveu, de fáto, experimentar o remédio. Mas fê-lo em sua presença. Ia tomar o remédio quando ele, vendo que tinha testemunhas impediu-a.

— Não!

— Por que?

— Não quero que você tome esse remédio. Pode ser que faça mal. E' forte demais para você.

E com isso foi-se a sua segunda oportunidade de matar a esposa, sem risco, porque ela, daquele dia em diante, obedeceu suas ordens e não tornou a pegar no vidro.

❁

Abandonaria ele seus protestos? Teria desistido, diante do amor da esposa? Não teria a coragem de persistir? Talvez isso acontecesse. Talvez, na hora de matar, sua mão tremesse... Porém matou. Não foi crime passional. Nada disso! Quis obter o dinheiro. O movel era torpe, mesquinho!

Carlos escolhera um tipo e, pelo menos, na aparência vivia segundo o carater que, para si mesmo, inventára. Um homem, bom, trabalhador, altruista... Altruista...

Maria ia ter um menino, quando o pai morreu, deixando para ela a sua fortuna e para Carlos a firma que fundara. Foi aí o ponto de partida da tragédia.

Carlos queria o dinheiro. A vista do ouro cegava-o, tornava-o obcecado e sabendo-o tão próximo, porém inacessivel, pois casara com separação de bens, sentia-se enlouquecer.

Foi a memorável discussão que ti-

(Continua na pág. 46)

Dr. Alvaro da Silva Costa

Viajou por avião da Panair, com destino ao Uruguai, o conhecido especialista em ouvidos, olhos, nariz e garganta, dr. Alvaro da Silva Costa.

O ilustre médico tomará parte no Congresso Cientifico Pan-Americano de sua especialidade, a realizar-se em Montevidéu.

Leva êle consigo vários trabalhos de grande valor, que deverão ser apresentados naquele conclave, alguns dos quais representam verdadeiras revoluções nos métodos terapêuticos da oftalmologia e da otorinolaringologia.

Um dêstes trabalhos se refere ao processo de ablação elétrica das amigdalas, de autoria do próprio dr. Alvaro Costa, e qual apresenta, entre outras, a vantagem de não causar perdas de sangue, produzindo o minimo de traumatismo ao paciente.

Outro trabalho original a ser apresentado pelo ilustre médico brasileiro versará sôbre sua técnica operatória das vias lacrimais denominadas "canal pituitário", que consta da formação de vias lacrimais artificiais para substituir as naturais, em caso de lacrimejamento.

A terceira comunicação versará sôbre "Um caso acidentado de abcesso cerebral", contendo observações sôbre um caso clínico de uma doença rara em sua especialidade.

A foto que ilustra esta nota reproduz um flagrante do embarque do ilustre congressista, que aparece na gravura ladeado por pessoas que o foram levar ao Aeroporto Santos Dumont.

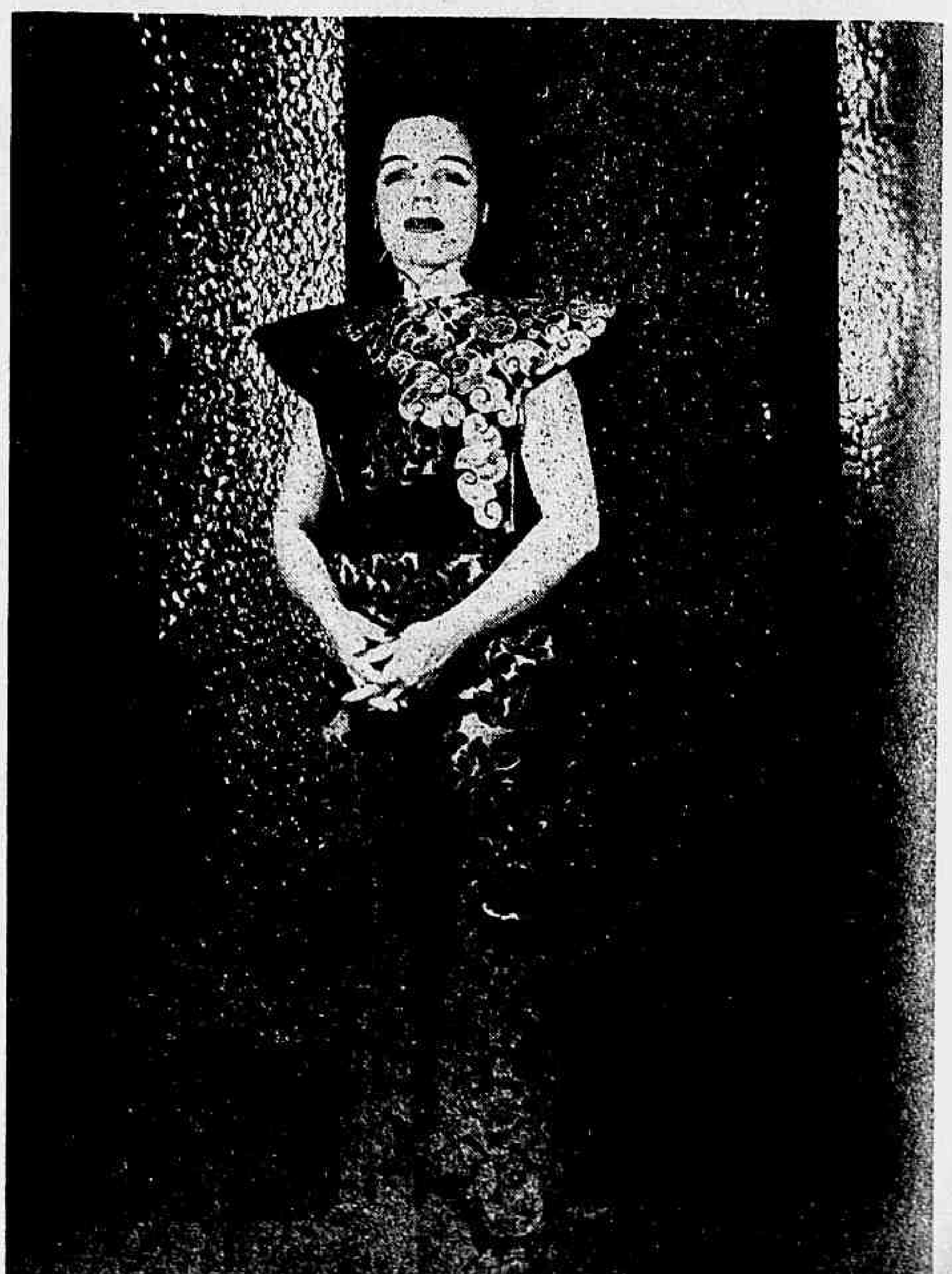
UM PAR DE FAMOSOS BAILARINOS EXECUTANDO O TANGO? DOIS "MACANUDOS" DE BUENOS AIRES, IMPORTADOS DIRETAMENTE POR ALGUM CASINO CARIOCA? NADA DISSO... ELES SÃO APENAS OSCARITO E WALTER DAVILA, EM ANIMADISSIMA "CARICATURA" DA POPULAR DANSA ARGENTINA. E, PELAS ATITUDES INICIAIS O "LOVE TEAM" PREPARA-SE PARA BAILAR EM BOAS CONDIÇÕES...

AGORA, SIM! A GUAPA BAILARINA, DE LÁBIOS PINTADOS EM FORMA DE CORAÇÃO E PENTEADO "Á LA" QUALQUER COISA, DÁ INICIO Á PARTE MAIS DIFICIL DA COMPOSIÇÃO COREGRÁFICA. MAS QUE TANGO ESTARÃO DANSANDO? "ESTA NOCHE ME EMBORRACHO" COM CERTEZA. OU ENTÃO, "LA CUMPARSITA".... PELO GEITO, A DAMA VAI ESTATELAR-SE NO ASSOALHO, NÃO TARDA MUITO!

TIPOS E FIGURAS POPULARES

MADAME CHIANG KAY SHEK NA COMPOSIÇÃO DE BEATRIZ COSTA. UM DIA ELA EXPERIMENTOU, AO ESPELHO, REPRODUZIR A MASCARA DA PRIMEIRA DAMA DA CHINA. O RESULTADO FOI SURPREENDENTE. E AGORA BEATRIZ VIVE A ILUSTRE PERSONAGEM, TODAS AS NOITES, SOB OS APLAUSOS DO PUBLICO ENTUSIASMADO.

EXATAMENTE ELA! — DIZEM TODOS, NA PLATÉA, QUANDO A "ESTRELA" APARECE, SILENCIOSAMENTE, NO PALCO, AVANÇANDO IMPONENTE DE MÃOS CRUZADAS: NA NOITE DA ESTRÉA, HOUVE QUEM A DESCONHECESSE. DE FÁTO, A COMPOSIÇÃO DO TIPO É DAS MAIS FELIZES QUE SE TEM FEITO NO GENERO.



MAS QUE E' ISSO? A LIÇÃO DE TANGO TRANSFORMOU-SE EM AULA DE EQUILIBRISMO? NADA DE PALHAÇADAS, AMIGOS! O PUBLICO ESPERA COISA MUITO DIFERENTE. E SI A BAILARINA CANÇOU, QUE MELHOR DIVAN PARA REPOUSAR ALGUNS INSTANTES SINÃO O COSTADO MACIO DE SEU ELEGANTE PAR?! O BAILARINO, POREM, NÃO AGUENTA COM O PESO.

BONITO! O TANGO VIROU SWING! O CAVALHEIRO ESPETOU O DEDÃO NO ESPAÇO E CAIU NO REMELEIXO MAIS INESPERADO PARA "ELA"... A MOÇA ESCORREGOU, VAI ESCORREGAR AGORA MESMO... FOI CONTRATADA PARA DANSAR O TANGO E NÃO ESSAS MUSICAS ENDIABRADAS DE AGORA. VEJAM DE QUE MODO OSCARITO — PERDÃO, A BAILARINA! — PROCURA EQUILIBRAR-SE. MAS QUAL...

DE REVISTA

BEATRIZ E OSCARITO — AS DUAS MAIS POPULARES FIGURAS DO TEATRO DE REVISTA, NA ATUALIDADE. AQUI OS VEMOS EM OUTRA "CHARGE": O CASAL QUE FOI VIVER NO MUNDO DA LUA, FUGINDO AOS RACIONAMENTOS E ÁS FILAS DO LEITE, DO PÃO, ETC. NA LUA, TUDO É ASSIM CALMO.

Costumam afirmar que o teatro de revista está em visivel decadencia no Brasil. Talvez esteja, em parte. De fáto, este ano, nada menos de cinco companhias de comédia trabalharam simultaneamente, em outros tantos teatros, na capital da República, e cada qual melhor sucedida. Mas nem por isso um dos elencos de revista deixa de marcar sucesso igual aos melhores dos de declamação. E' aquele onde se encontram Beatriz Costa e Oscarito, incontestavelmente as duas mais aplaudidas figuras do teatro musicado brasileiro, acompanhadas de Walter Davila, um novo que tão auspiciosamente se vem apresentando. As fotografias reunidas nesta página mostram-nos alguns momentos da revista "Toca pró páu", onde esses tres artistas encontram margem bastante para divertir o seu público. A série de gravuras, ao alto, contam-nos os episódios principais de uma execução de tango "em grande estílo" realisada por Oscarito, de "travesti", com Walter Davila, enquanto as que se encontram á esquerda apresentam Beatriz em dois instantaneos de sua feliz caracterisação de Madame Chiang Kay Shek e uma outra caricaturando a vida no mundo da lua, com Beatriz Costa e Oscarito.

O segredo no agrado do teatro desse estílo consiste em divertir a platéa, dando-lhe quadros cômicos e outros de fantasia, bem dosados, música igualmente popular e aparatosa montagem.

Si é verdade que o teatro de revista não atravessa a sua fáse mais vitoriosa, ainda assim está longe de provocar o alheamento do público. Pelo menos em relação a Oscarito e Beatriz Costa, assim acontece.

BEIJO NÃO VALE! E ASSIM TERMINA A AULA DA POPULARISSIMA DANSA PORTENHA... "TCHÉ"! SI O CAVALHEIRO INSISTIR NA BEIJOCA, VAI CONHECER O EFEITO DOS CINCO DEDOS PERFUMADOS DA SUA ILUSTRE DAMA, BEM EM CHEIO NA FACE ESBELTA...

Uma lição de tango, apresentada por Oscarito e Walter Davila, na revista "Toca pró páu", consegue manter a platéa em constante hilaridade, por espaço de dez minutos. Os artistas não dizem uma palavra, siquer. Tudo é mimica, da melhor pantomima, com o auxilio da música. Os personagens começam dansando tango e terminam entregues ao mais desenfreado swing. É, de fáto, um "sketch" muito feliz, esse, reproduzido nas cinco poses fotográficas acima.

Bonito vestido em faille ciclamen; a blusa tem uma frente talhada formando umas abas soltas arredondadas com botões de fantasia; na saia dois grupos de pregas; bolsos embutidos e duas pregas fundas, fechando com botões de fantasia.

MODAS

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
[illegible] enviar-me prospectos:
[illegible]
[illegible]

Três muito interessantes vestidos americanos para casa. São abertos de lado com grandes bolsos.

Estamparia vermelha e amarela com fundo cinza, gola arredondada, estilo pijama.

Rotenol
NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO

Pois, bolsos embutidos, gola típica, com viés, botões brancos.

Estamparia azul, verde e telha, com enfeites de sinhaninha preta.

Ciencarelli
ALMIRANTE BARROSO, 5 * UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO * RIO

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

SOLUÇÃO DO CASO: — UM CRIME NO TEMPLO

Ventura esqueceu-se de um detalhe que o denunciou. Quando o inspetor Cobb estudou a cena, verificou que Vesta não se poderia ter suicidado dando um tiro na fronte, colocando então o revolver na prateleira debaixo do relicário (figura 1). Lembrem-se do que disse Ventura: "Não toquei em nada, não, em coisa nenhuma". O mágico disparara exatamente quando a campainha da porta soou. Mas impensadamente colocou o revolver onde ele fôra encontrado por Cobb.

De teatro

Anselmo Domingos

CONTRA-REGRA:

Há no teatro uma classe de trabalhadores da qual o púbico quase não toma conhecimento. São auxiliares prestimosos cuja colaboração concorre em boa conta para o bom andamento de qualquer espetáculo. Estão nesse caso o contra-regra, o ponto, o maquinista, o eletricista e outros, todos formando um grupo de colaboradores preciosos em qualquer representação teatral, seja ela qual fôr.

Contra-regra é um trabalhador de responsabilidades em qualquer palco. E' ele quem dá entrada ao artista em cena, é ele o responsavel por todos os objetos requeridos na representação, é ele o coordenador do espetáculo, ponto de intermédio entre o trabalho do autor e a respectiva apresentação ao público.

Jamais o público toma conhecimento do contra-regra. Jamais os programas das nossas empresas se abalaram a lhes registrar o nome. Por que? Naturalmente porque é um auxiliar modesto, trabalhando em mangas de camisa.

Aqui fica o registro, fazendo justiça a uma classe desconhecida do público. Classe constituida de modestos trabalhadores. E' bom que aos espectadores seja lembrado, de vez em quando, que lá dentro, por traz dos cenários, há um grupo de homens que tambem concorrem para a beleza e agrado de um espetáculo.

Não é artista o contra-regra. Mas é um trabalhador especializado. Tem que entender da arte. Deve ter senso artistico. Deve ser um bom observador. E sobretudo tem que demonstrar grande atenção no mister. O ator pode descansar nos intervalos, fumar, palestrar, etc... O contra-regra, não. Ele é o responsavel por tudo. Tem que estar atento não só na entrada da "estrela", como na passagem de qualquer comparsa. Merece portanto um registro como este, rápido embora, com a finalidade de mostrar ao público os que trabalham anonimamente do lado de dentro da cena

ENSAIADORES:

Lutamos com uma falta tremenda de ensaiadores. Os que temos andam por aí, bem à vista, sem número para encher

(Continua na página 50)

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso de Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Com o NOVO Baton "LALAQUE"

...os seus lábios tornam-se invejáveis!

★ Seja exigente na escolha do seu baton...
O novo Baton "Lalaque" satisfaz plenamente as pessôas mais exigentes, porque — *"há mais cáro, mas não há melhor"!* — Experimente hoje mesmo êste delicioso baton e se convencerá desta verdade!

Nas côres:
- *Natural*
- *Claro*
- *Médio*
- *Escuro*
- *Cyclamen*

Baton Lalaque

À VENDA EM TODO O BRASIL

O TRI-CAMPEONATO DO CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO

Grande edição especial de
ESPORTE ILUSTRADO
em 16-11-44,
a Cr$ 2,00

Redação: Visconde de Maranguape, 15 — Rio

BLONDINE LOÇÃO
FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIA

USAR A PASTA DENTIFRICIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO DENTIFRICIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

PASTA DENTIFRICIA S. S. WHITE

O Imprevisivel

(*Continuação da pág. 41*)

veram, nas vésperas do crime que o provocou....

E' extranho que ele, que arquitetara tantos planos com antecedencia e vira-os todos falharem, fosse forçado a forjar novo plano depois de cometido o crime...

❋

— Carlos....
— Hum?
— Preciso falar com você...
— As ordens.

— E' assunto sério...
— Você me assusta.
— Não é nada de mais... Quero, somente combinar com você o negócio da herança de papai...
— Mas, minha filha, eu já lhe disse que você faria aquilo que bem entendesse. Sabe muito bem que eu estou mais do que bem servido. Seu pai foi de uma generosidade incrivel...
— E é por isso mesmo que decedí falar com você...
— Mas eu não vejo...
— Vou explicar... E' o seguinte... Nós ficamos com muito dinheiro, mais do que podemos gastar...
— Você sempre haverá de encontrar um meio para gastar esse dinheiro...
— Já o achei...
— Tanto melhor...

Carlos lutava contra a impaciência que lhe ia por dentro. Mas como haveria de estragar em poucos instantes uma mascara afivelada há tantos anos?

— Você sabe em que eu pensei?
— Não tenho a mínima idéia...
— Pois bem, eu pensei que, estando próxima a vinda do nosso filhinho...

Carlos, nesse ponto esforçou-se por sorrir ternamente.

— Eu pensei que talvez você concordasse em vivermos do que você herdou, da renda da firma e deixariamos a fortuna particular de meu pai para o nosso filhinho....

— Você, diz guardar?
— Sim.
— Eu só vejo um inconveniente.
— Qual é?
— O fáto de guardar uma fortuna, hoje, não é coisa simples como nos tempos antigos que os pais podiam fazer projétos para os seus bisnetos.
— Mas...
— Um momento, Maria. Deixe-me expôr a situação. Uma fortuna em dinheiro, hoje, nada vale. Em apólices, está sujeita a perder o valôr. Em propriedades há o risco de vê-las desvalorizadas subitamente. Eu acho que, para o nosso filho, nós não podemos pensar em um futuro pecuniário. Devemos, ao contrário, esforçarmo-nos para dar a ele tudo aquilo que lhe facilite a tarefa de ganhar a vida porque o mundo em que ele vai viver não é brinquedo...
— Mas você não acha que, apesar disso tudo, se nós conseguirmos conservar alguma coisa para ele, seria um bem?
— Sim, no caso de estarmos certos de que não perderíamos o dinheiro ao tentar guardá-lo...
— Mas...
— Não vejo porque devemos fazer um sacrifício que pode resultar inutil e além do mais...

❋

Ela estava dormindo, placidamente, confiantemente... De repente, na parede defronte, levantou-se uma sombra, maior do que o tamanho natural de um homem, uma sombra que avançava e trazia na mão um revolver. Um silenciador abafou o ruido do tiro e ela, sem acordar, passou de um sono para outro mais profundo, muito mais profundo...

❋

Cometido o crime, Carlos levou as mãos á cabeça e escondeu-a entre elas. Não era motivo do desespero o homicidio que acabava de cometer. Temia que fosse descoberto o seu crime e procurava febrilmente uma maneira para se livrar da acusação... Como? Tivéra na cabeça muitos planos, muitos planos... Todos tinham falhado...

(*Continua na pág. 49*)

Timborósa
O SABONETE DO SECULO XX
[illegible]
ESPECIALMENTE INDICADO PARA LIMPAR A CÚTIS E COMBATER A CASPA

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
À VENDA EM TODA A PARTE

Uma deliciosa sobremesa

pronta para servir em qualquer ocasião

Tenha sempre em casa Pera em Compota Delrio. Para servir, basta um minuto; para agradar em cheio, um segundo! É uma sobremesa gostosa, fina, que cativa todos os paladares. Preparada pelo mais moderno processo americano, com frutas rigorosamente selecionadas - garantia de conservação perfeita e sabor original e genuino. Uma lata dá para 6 pessoas. Exija a marca Delrio.

Ouça no Rádio Club do Brasil o programa "PAPEL CARBONO", oferecido por Delrio. Todas as terças-feiras às 21,35.

KETCHUP DE TOMATE
Tipo americano. Dá aos pratos um novo sabor: sopas, molhos, massas, carnes, peixe, assados

Delrio
COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS DELRIO

SALADA DE FRUTAS
Magnifica combinação de frutas variadas e escolhidas. Outro grande produto Delrio.

ALÉM DESTES 3, A GRANDE FAMÍLIA DELRIO INCLUI DEZENAS DE OUTROS DELICIOSOS PRODUTOS

13009

Ainda a auto-entrevista de R. Magalhães Jr.

A proposito da cronica intitulada AUTO-ENTREVISTA SOBRE O TEATRO NACIONAL, *publicada na edição de 21 de outubro ultimo desta Revista, nosso colaborador R. Magalhães Junior recebeu do sr. J. J. Richmond de Borne a seguinte carta:*

Rio, 21. X. 944

Illmo. Snr. R. Magalhães Jr. — Prezado senhor: Li com atenção a interessante entrevista que V. S. fez consigo mesmo para a REVISTA DA SEMANA de sexta-feira última, onde falava do teatro no Brasil. Notei a segurança com que foram emitidos os conceitos e a clareza com que os mêsmos eram abordados. Tudo alí estava ótimo. Gostei de fato.

Mas o amigo falou de teatro, coisas e homens do teatro, cursos e aulas de teatro e deixou de lado uma realização que no ano passado tive a oportunidade de visitar em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Falo da Escola Dramática do Rio Grande do Sul, fundada, organizada e dirigida pelo insígne teatrólogo e ator brasileiro Renato Vianna. Encontrei nela, posso lhe afirmar sem mêdo de exagerar, mais técnica do que naquelas que conhecí em París e nada devendo às de New York ou Hollywood.

Encontrei alí, organizada, não sómente a Escola que ensina a dicção, a mímica e o movimento na ribalta, mas a Escola completa que forma técnicos de cenoplastia e cenotécnica; pintura e escultura; musica e som; eletricidade e mecanização e propaganda de teatro.

Fiquei surpreendido com o que tive a oportunidade de ver e apreciar na bela capital gaúcha que tanto me faz lembrar a franceza New Orléans. E mais surpreendido fiquei ao perceber que todo êsse trabalho de heróis, —sim—porque tentar ensinar teatro no Brasil é trabalho de heróis, estava sendo realizado no mais completo silencio, sem alarde e publicidade.

Lí, de autoria também de Renato Vianna, um ante-projeto para a fundação da Escola Nacional de Arte Dramática e a Lei Orgânica do Ensino Dramático. Esse ante-projeto foi pedido a Renato Vianna pelo Ministro da Educação. Não sei quais foram os resultados dêsse ante-projeto na mesa do Snr. Ministro da Educação. Sei, todavia, que a intenção de Renato Vianna seria dotar o Brasil de uma Escola Dramática na Universidade do Brasil, a exemplo da Escola Nacional de Música e Escola Nacional de Belas Artes.

Sómente com a criação de uma tal Escola a arte no Brasil e os profissionáis da arte teatral não seriam êsses mambembes de última hora que resolvem, por apadrinhamento, ingressar no teatro. E ser ator de teatro passaria a ser uma profissão tão digna como tôdas as outras, porque, infelizmente, aqui no Brasil, ser ator de teatro não é lá ser muita coisa. Até imoral é ser ator... Saudações Cordiais — (a) *J. J. Richmondde Borne.*

Elas serão as primeiras a louvar a sua

Cutis juvenil!

Enquanto os homens vêm apenas o "conjunto", as mulheres vão aos mínimos detalhes, ao analisar outra mulher... Com que rigôr o fazem! E o primeiro olhar é sempre para a pele! Defenda-se, pois, assegurando uma cutis sempre juvenil com o uso diário, pela manhã e à noite, do Leite de Colônia. Cientificamente preparado, Leite de Colônia limpa, amacia, aveluda a pele. Não disfarça, apenas, corrige os defeitos, removendo espinhas, cravos, sardas e manchas. Para proteção da sua beleza, use Leite de Colônia, a juventude permanente da cutis.

Leite de Colonia

I.W.T.

UM DESODORANTE DE AÇÃO DUPLA

ARRID EVITA MANCHAS E ODOR NAS AXILAS

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Proteje *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantâneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja -- sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.$ 4,80 – Pote grande: Cr.$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda

DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10,11,12 e 14-Fone; 4-0394 -- São Paulo

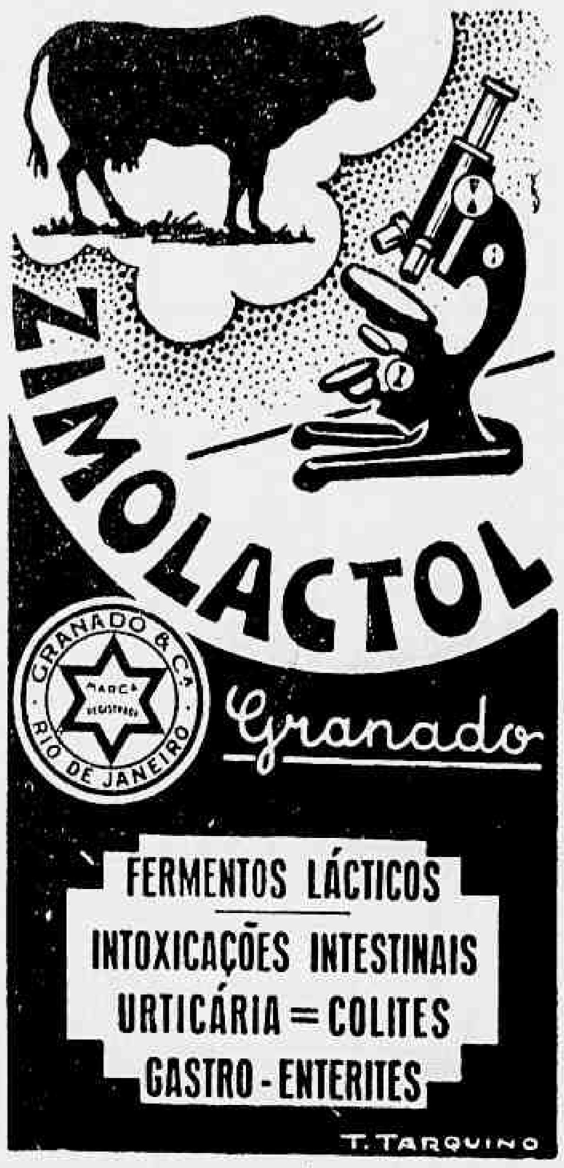
O preço desta edição é de Cr$ 2,50 no Rio de Janeiro e de Cr$ 3,00 nos Estados, não podendo ser vendida por preço superior.

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



Desperte a Bilis do seu Figado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu figado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martirio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Figado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr êsse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o figado. Não aceite outro produto. Preço Cr$ 3,00

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quéda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Ágora muitos usam

DENTADURA POSTIÇA

com mais comodidade

FIXODENT, um pó *alcalino* (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postiças firmes na bôca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sôbre sua dentadura postiça. Não fica na bôca nenhuma sensação pegajosa. Combate o "cheiro característico de dentadura" — perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.o - Rio

O CIGARRO

Colegiál-furtivo. Discréto. De banda.

Mamádo. A prestações. Agressívo.

Feminísta Entupído Engeitádo...

O imprevisivel

(Conclusão da pág. 46)

No silêncio da noite um vulto negro caminhava, para cima e para baixo. Na parede, sua silhueta projetada caminhava tambem, acompanhando-o. De repente, uma exclamação abafada se ouvir no silêncio... Achára! O vulto deslizou escada abaixo. Um lençe e um relógio foram os objétos que trouxe. Pouco depois trazia uma garrafa de gazolina para cima, tambem...

❁

Raiou uma manhã linda. Os pássaros cantavam nos galhos, quando Carlos, abandonando a casa em que morava com sua esposa, partiu para a cidade. Esperava-o á porta um amigo. O motor do carro já estava em movimento quando Carlos batendo a porta ainda disse para dentro:

— Até mais tarde, meu amor.

O carro arrancou e em breve desaparecia na esquina rumo á cidade.

A cozinheira do visinho foi a primeira a sentir o cheiro de fumaça. Sabendo que a esposa de Carlos devia, áquela hora, estar só em casa, pois ainda não estava na hora de chegar a empregada desta, resolveu ir ver se acontecera alguma coisa. Bateu, mas ninguem atendeu. De repente, um rolo de fumaça começou a saír de uma das janelas. Um rolo grosso de fumaça.

Labaredas, dentro em breve, apareceram tambem...

A casa estava pegando fogo.

❁

A sirene do carro dos bombeiros soou na esquina quando o fogo já estava ameaçando atingir a casa dos visinhos...

❁

Em nome do marido estava o testamento de Maria. Legava tudo a Carlos.

❁

Na véspera, Maria fizera um seguro de vida... O marido sugerira essa medida de precaução...

❁

O detetive Warren era um homem resoluto. Assim que teve certeza do culpado, mandou chamar Carlos.

❁

— Sr. Carlos Morais?

— Sim...

— Aquí fala o sargento Torey. Fui encarregado de avisar-lhe que sua esposa faleceu na sua casa, á rua Clancey.

— Faleceu?!...

— Sim... Ficou presa dentro de casa.

— Mas quando começou o incêndio?

— As dez horas da manhã...

❁

— A que horas o senhor saíu de casa

— A's oito, como de costume...

— Sua esposa como estava áquela hora?

— Muito bem. Otimamente...

— Tem certeza disso?

— Lógico!

— Uma das testemunhas afirma que o senhor despediu-se dela á porta...

— Sim...

— Mas a testemunha não viu sua esposa, nem ouviu resposta...

— Mas...

— O senhor tem a certeza de que sua esposa não estava morta?

— Oh!

— Confessa que matou sua esposa?

— Oh! Não! Claro que não!

— Nesse caso, como explicar que nos ossos da cabeça que, por uma sorte incrivel, não se queimaram, encontrássemos o orifício de uma bala? Como explicar um relógio que encontramos? Como explicar o aparelho muito engenhoso para fazer com que a uma certa hora, marcado no relógio o colchão não pegasse fogo, o colchão embebido em gazolina? Como explicar isso a não ser determinando um alibi para o senhor?

— Oh!

— Responda!

— Mas...

— Havia mais alguem aquí á hora em que o senhor partia? Alguem que pudesse ter feito tudo isso?

— Sim! Com certeza foi algum ladrão...

— Um ladrão que se deu ao trabalho de um crime tão complicado? O senhor não acha desculpa melhor?

No enterro de Maria havia uma corôa de rosas vermelhas. A corôa trazia a inscrição:

A Maria do seu devotado esposo...

O devotado esposo foi executado dois meses mais tarde...

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

Os povos primitivos têm BONS DENTES

...porque ingerem alimentos de alto teor vitamínico e que exigem vigorosa mastigação. Os dentes e as gengivas desta menina esquimó provàvelmente continuarão fortes e sãos durante tôda a vida. Os civilizados, porém, vivem em condições diferentes. Para auxiliar a conservar seus dentes, faça com que sua alimentação contenha as vitaminas e os minerais adequados. Visite o seu dentista periòdicamente.

...e faça questão de escolher um dentifrício que seja puro e seguro

Use o
Creme Dental SQUIBB

É cientificamente preparado, não contém substâncias ásperas nem adstringentes que possam estragar o esmalte ou irritar as gengivas. E o seu delicioso sabor e efeito refrigerante são apreciados por todos. Escovar os dentes com Creme Dental Squibb não é uma rotina monótona — é um prazer. Experimente-o!

...REPARE NO SÊLO QUE LEVA CADA TUBO... É O SÊLO SQUIBB E SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR

12

DE TEATRO

(*Continuação da pág. 45*)

os dedos da mão. Melhor diriamos que não temos ensaiadores. Mas, nesse caso, seria injustiça cometida contra Eduardo Vieira, Otavio Rangel, Olavo de Barros, Oduvaldo Viana, Eduardo Vitorino e mais um ou outro que me escapa. A verdade porém, é que nos falta esse imprescindivel auxiliar, mestre nas expressões, no dizer, no andar, na interpretação.

Dirão agora, perspicazes, que Olavo de Barros, Oduvaldo Viana, Eduardo Vitorino, estão sobrando. Pois estão bem. Eles não figuram em companhia alguma. Mas há as razões. Sobre Olavo de Barros por exemplo, diz-se que ele só se mostra disposto a ir para o palco dirigir uma Companhia se lhe derem plenos poderes, autonomia irrestrita para marcar e orientar como bem entende. Está certo. Olavo está com a razão. Mas de qualquer forma, com toda a justiça do seu afastamento voluntario, o fato é que se encontra afastado. Quanto a Oduvaldo Viana, um belo ensaiador por sinal, sabe-se que ele proprio não se mostra desejoso de ensaiar. Ocupa-se presentemente com o Rádio de São Paulo. Eduardo Vitorino, por sua vez, ausentou-se há muito da cena, e está num periodo de justo descanso

Pelo que vemos então, faltam-nos ensaiadores, uma vez que os poucos fora da ativa afastaram-se por própria vontade.

O mal é grave. Muito mais grave do que se pode supor. Por maior que seja um artista, ele precisa sempre de quem o oriente, de quem lhe sugira efeitos novos, de quem lhe aponte cacoetes, falhas pequeninas e outros detalhes que fazem um todo.

Não acredito que ensaiador é gente que nasce com essa vocação. Nada disso. Ensaiador é o homem de teatro que estudou e estuda teatro. Teatro técnico e prático. Historia de teatro tambem. Ensaiador é um homem de cultura, com visão artistica esmerada, com capacidade de compreensão desenvolvida, com muita intuição da arte dramatica. E, sobretudo, ao ensaiador é necessária especialização do mister. Ensaiador é só ensaiador.

CORISTAS:

Infelizmente, nunca as coristas de nossos teatros encontram o incentivo do público. Se são bonitas, de linhas plásticas bem feitas, elegantes andando e dansando ainda contam com a simpatia dos espectadores, embora temporariamente, enquanto dura a representação do quadro onde a "estrela" canta um fox-blue, ou o casal de bailarinos estrangeiros "martela" mais uma vez um número que já tem cabelos brancos como o porteiro do teatro... Quando porem a corista não é tão bonita assim, quando as banhas já querem sobrar, quando as primeiras rugas atrevidas põem as unhas de fora, o espectador não liga, não aplaude, não sorri, não avalia. Poderá isso sim, aproveitar o momento para fazer espírito, nem que seja espírito engarrafado, sem sal e com pimenta apenas. Enquanto isso, as *girls* sorriem no palco, sobem na ponta dos dedos dos pés, traçam desenhos no espaço com os braços nús, bamboleiam o corpo na cadencia do rítmo. Quando finaliza o quadro, e as palmas espoucam quem agradece é a sambista ou o *chansonnier*...

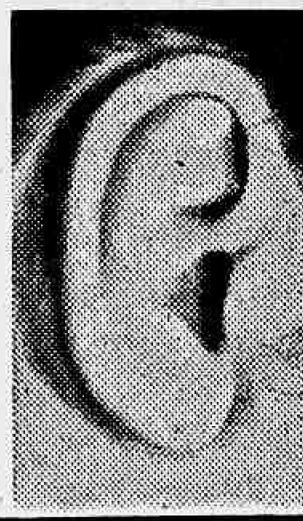
Diz o rifão que a união faz a fôrça. Mas aqui, ao menos, falha a sabedoria popular. Uma *girl* só nada vale. Todas reunidas deveriam valer muito. E valem, é verdade, mas apenas para efeito artistico. Porque, afinal de contas, embora só apareçam ao público aos bandos, ainda assim não conseguiram fazer-se valer convenientemente. Os espectadores quase não tomam conhecimento delas, e acham que não se deve bater palmas para coristas...

No presente caso pois, a união não faz a força. Pelo contrario: uma corista só, bem decidida, deve ser muito mais valente e corajosa do que todas juntas...

BELZEMA

para Erupções da Eczema

● Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



Seu tricô

(*Continuação da página 38*)

fechando em cada lado 5 vezes 7 p. fechar os pontos restantes para o decote.

Frente esquerda — Montar sobre as agulhas de 2mm. 62 p. e tecer 9 cm. em ponto sanfona duplo. Mudar as agulhas e tecer os lados seguindo o (molde) *desenho*. O fundo é tecido, alternando 14 carr: com lã laranja, 14 com amarelo limão; trabalhar assim até ter 32 cm. aumentando 9 vezes 1 p. cada 2 cm. (77 p.). Formar a cava, fechando 5 p., 3., e 5 vezes 1 p. Os 64 p. restantes, são tecidos retos até chegar ao decóte aos 10 cm. da cava, fechando 8 p. 4 p., 2., e 10 vezes 1 p. aos 49 cm. de comprimento total formar o hombro, fechando 5 vezes 7 p.

Para a frente direita tecer invertendo e tecer 9 casas a 2 cm. da beira a 5 cm. de intervalo um do outro.

Mangas — Montar com lã azul 80 p. tecendo 3 cm. em ponto sanfona. Mudar as agulhas e continuar em ponto fantasia, aumentando cada 1½ cm. 6 vezes 1 p. em cada lado (92 p.) E aos 12 cm. fechar em cada lado para formar a parte superior da manga 4 p., 3 p., e 1 p. em todas as 2.as carr: Aos 27 cm. fechar os pontos restantes.

Para unir o tricô é necessario ferro regular e sobre um pano úmido.

REGULADOR XAVIER N. 1-:

Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequencias: Dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio etc.

REGULADOR XAVIER N. 2-:

Falta de regras, regras atrazadas, suspensas, diminuidas e suas consequencias: Anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

REGULADOR XAVIER-O REMÉDIO DE CONFIANÇA DA MULHER

POMADA SECATIVA DE S. LAZARO

APLICADA COM ÓTIMOS RESULTADOS NAS ESPINHAS CRAVOS E MANCHAS DA PELE. 100% mais eficaz do que qualquer outra medicação

À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL

DISTRIBUIDORES: ARAUJO FREITAS & CIA. — RUA CONSELHEIRO SARAIVA, 41

As mulheres, as joias e...

(*Continuação da página 40*)

torqueses. Influências, talvez, do apogeu trabalhista ou valorização do operariado.

Creio que as mais recentes criações em berloques são a bomba e a cuia do dhimarrão, ou mate amargo como lhe chamam os platinos. E' uma insígnia genuinamente nacional. Homenagem à *ilex brasiliensis*, a árvore que foi abençoada por São Tomé, e que hoje nos prodigalisa um saboroso chá, o chá brasileiro.

A moda é uma ventoínha. E' a rosa dos ventos. Que mais estará para vir? Uma bola de futebol, como pingente de brinco? Uma chuteira em forma de placa?

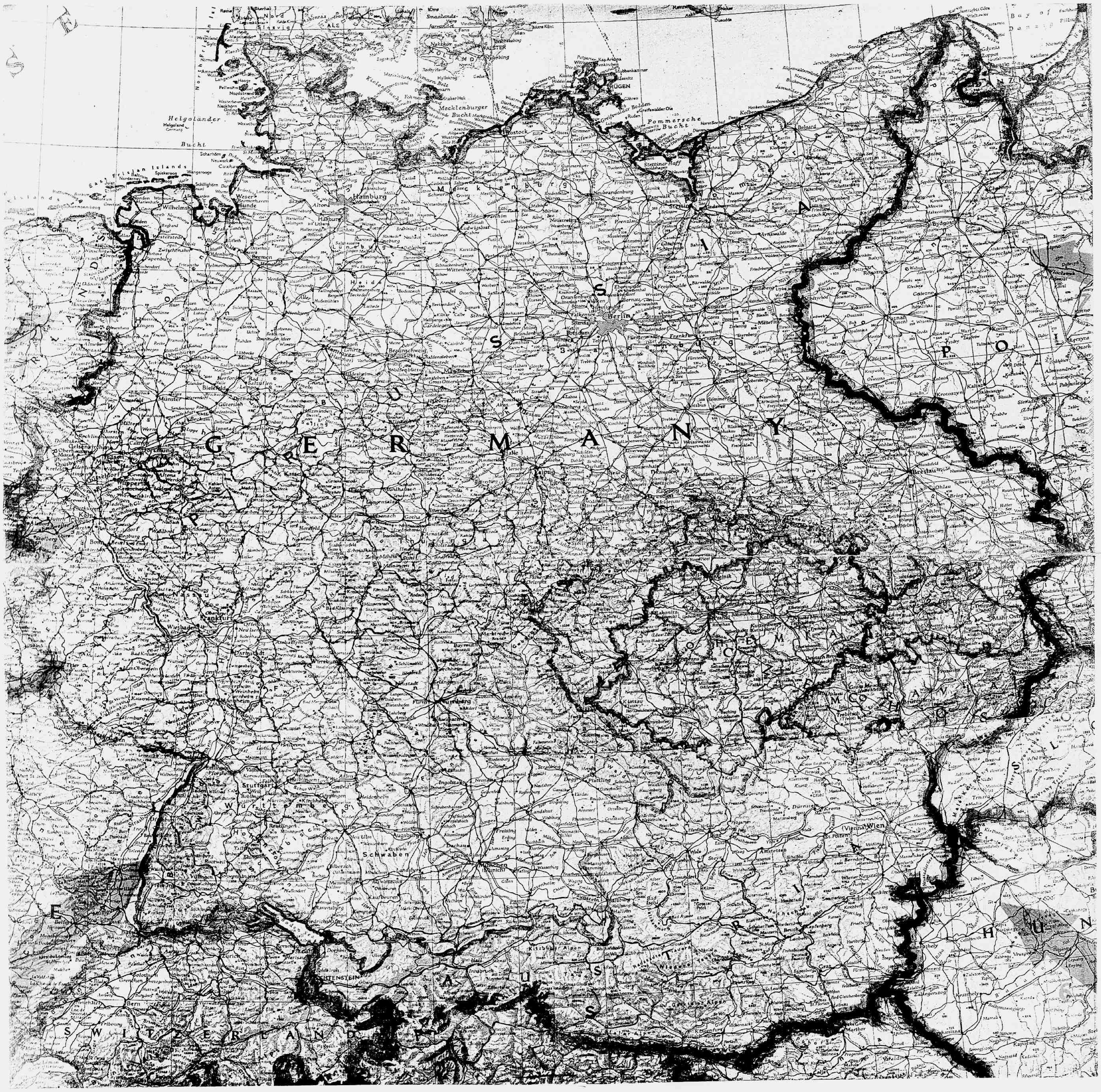
O que sei é que os ourives estão atentos, e as mulheres estão imaginando...

FRANCISCO LEITE.

Marajó, a terra que...

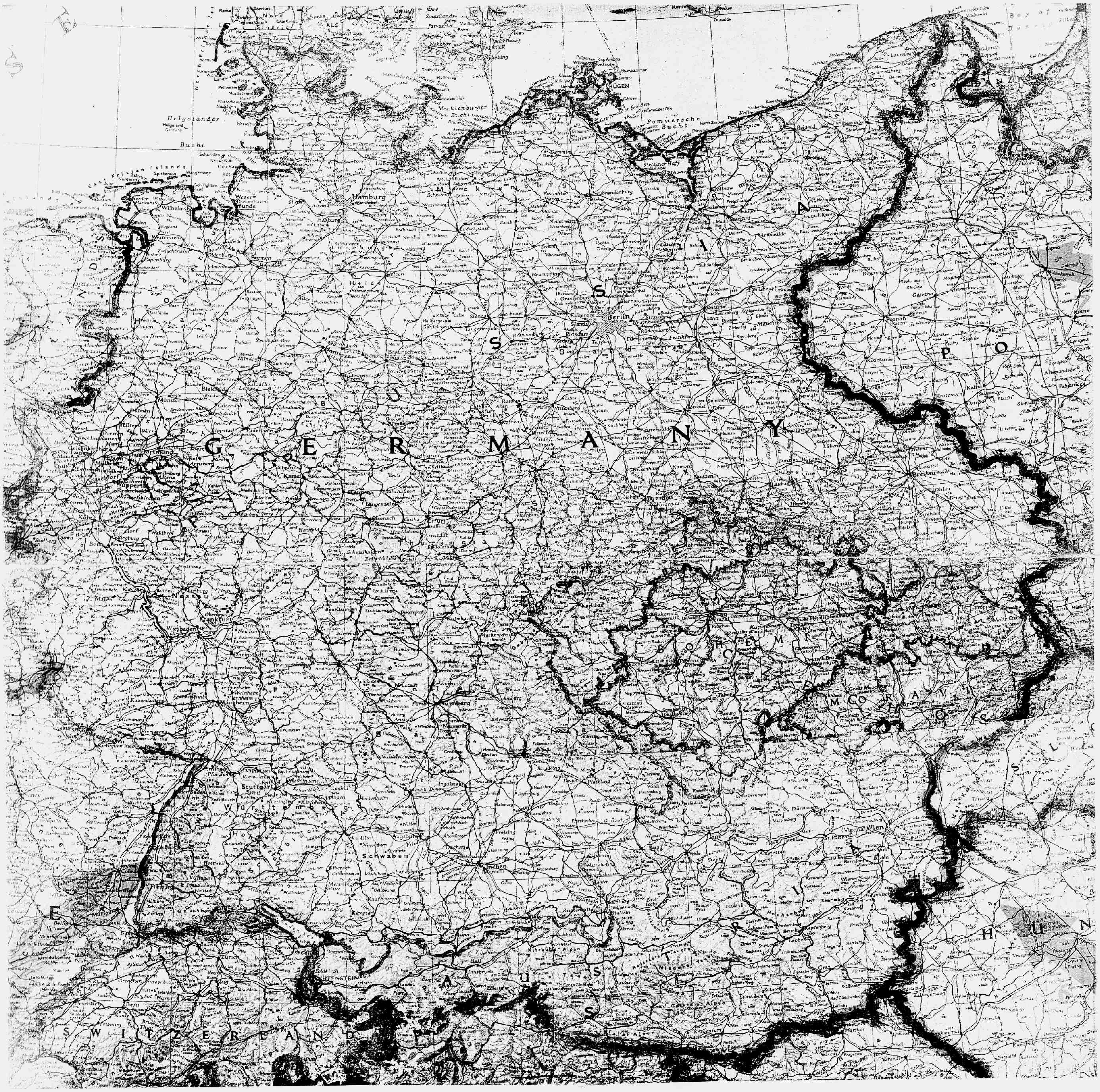
(*Continuação da página 35*)

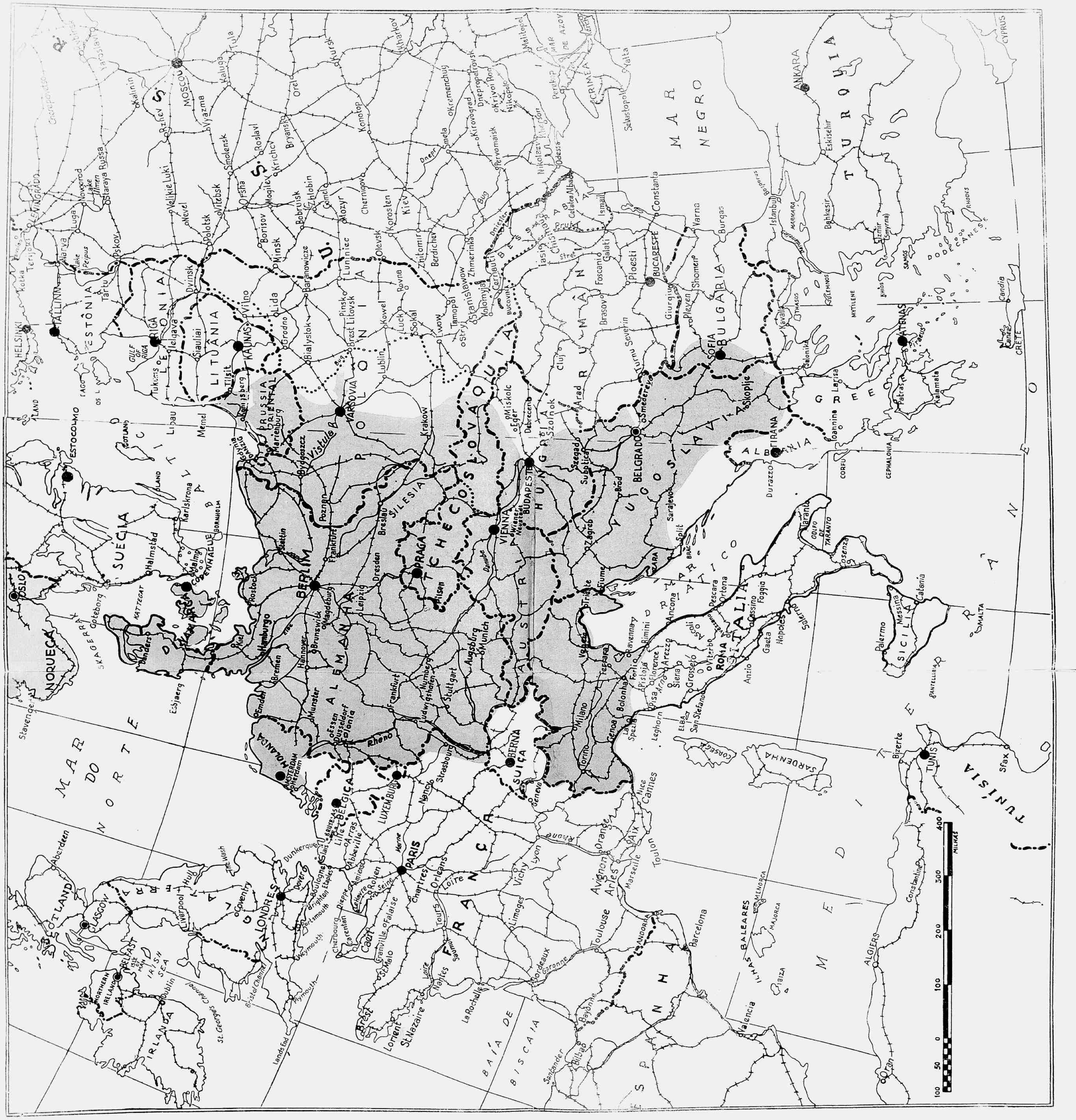
da planície de aluvião da boca do rio da Prata; de formação semelhante á das nossas várzeas do estuário amazônico, transformada em extensos campos de pastagens, de cereais e de cultura de frutas européias. Bastou abrir os canais de desaguamento e irrigação. O mais realizou a iniciativa privada. Já tive oportunidade de fazer um paralelo entre as condições de meio e de clima em que os inglêses e holandêses se encontram nas Guianas visinhas e as mais favoráveis em que aquí estamos, para um cultura agrícola apropriada. As obras de drenagem e canalização dos rios que recortam a planície costeira deram a essas terras um valor extraordinário, apesar das dificuldades que tiveram de ser vencidas na luta contra o mar. Entre nós, todas as circunstancias nos colocam em posição excepcional para que os resultados excedam a qualquer previsão. A abertura de canais de desaguamento e irrigação na ilha de Marajó, para o aproveitamento da área em que se estendem os mais ricos campos de pastagem natural do Brasil, poderiam concorrer para transformar essa região de maravilhas tropicais em uma das maiores riquezas do nosso país".



situação da Alemanha

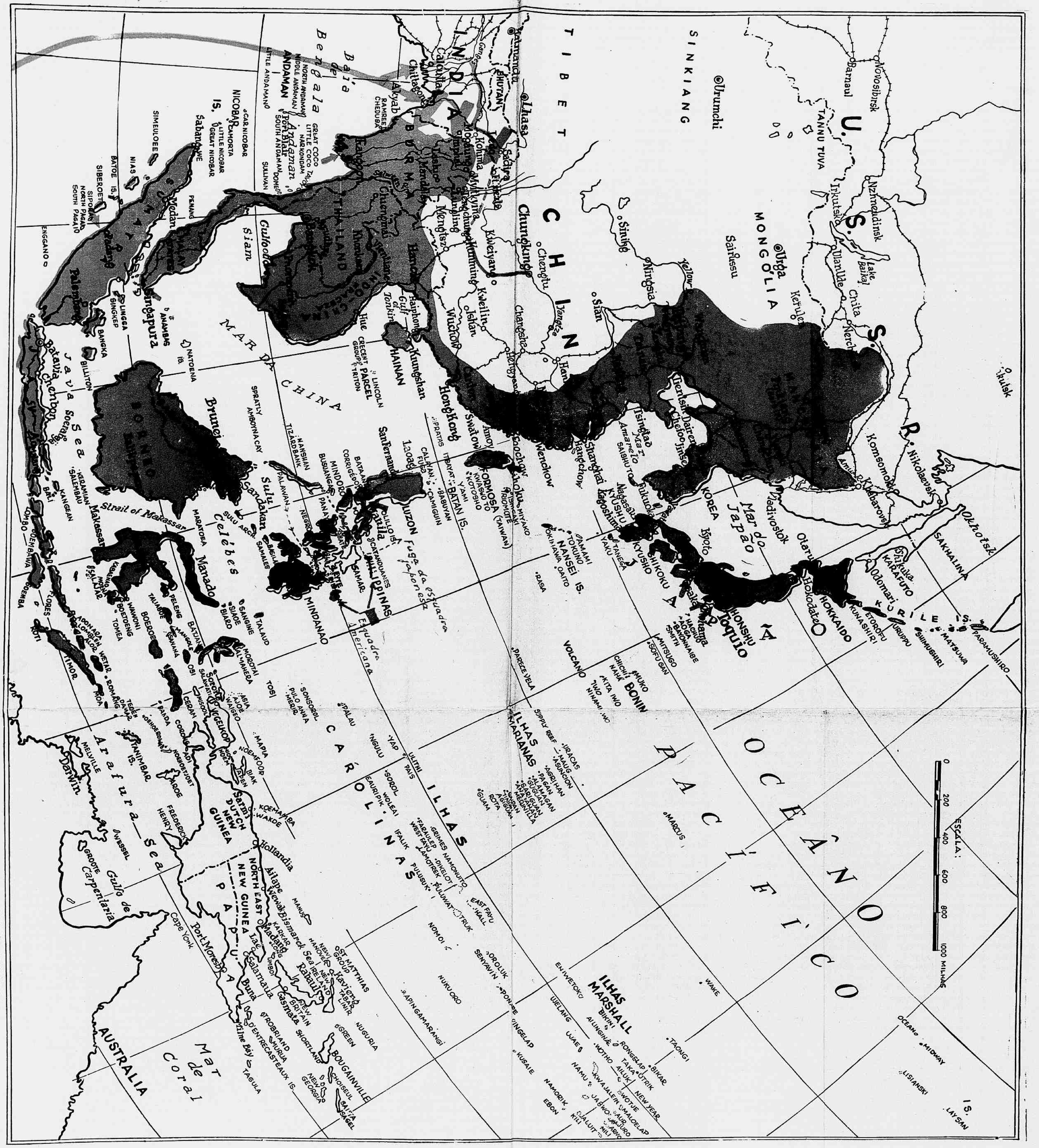
MAPA ESPECIAL DA REVISTA DA SEMANA


G E R M A N Y
Berlin
Hamburg
Bremen
Stettin
Breslau
Dresden
Frankfurt
Stuttgart
München
Wien
Helgolander Bucht
Mecklenburger Bucht
Pommersche Bucht
SWITZERLAND



A situação na Europa

MAR DO NORTE
NORUEGA
SUÉCIA
ESTÔNIA
LETÔNIA
LITUÂNIA
RUSSIA ORIENTAL
U. S. S. S.
POLÔNIA
ALEMANHA
HOLANDA
BÉLGICA
LUXEMBURG
FRANÇA
SUIÇA
AUSTRIA
TCHECOSLOVÁQUIA
HUNGRIA
RUMÂNIA
YUGOSLÁVIA
BULGÁRIA
ALBÂNIA
GRÉCIA
TURQUIA
ITÁLIA
ESPANHA
INGLATERRA
SCOTLAND
IRLANDA
NORTHERN IRELAND
MAR NEGRO
MAR DE AZOV
BÁLTICO
ADRIÁTICO
MEDITERRÂNEO
BAÍA DE BISCAIA
TUNÍSIA
SICÍLIA
SARDENHA
CORSEGA
ILHAS BALEARES
CRETE
CYPRUS
100 50 0 100 200 300 400
MILHAS



A Guerra na Asia e no Pacifico

Continuando a série de operações conjugadas afim de reduzir as posições avançadas dos japoneses, até que finalmente a guerra possa ser levada ao território metropolitano do inimigo, os americanos efetuaram desembarques de tropas de tôdas as armas, que constituem o 10.º Corpo de Exército, nas ilhas de Leyte e Samar, nas Filipinas. Apesar da forte oposição encontrada as operações de ocupação e limpeza foram efetuadas rapidamente na ilha de Samar, que já se encontra livre de tropas japonesas.

Na ilha de Leyte a resistência foi maior e conseguiram mesmo os japoneses desembarcar reforços vindos de outras ilhas, servindo-se para isso da base de Ormoc e que se encaminham rapidamente para Pinamopoan, que já foi tomada pelos americanos.

Essa invasão, levada a efeito com tanto êxito, deu origem a uma batalha aero-naval de grandes proporções entre as 3.ª e 7.ª esquadras americanas e a quase totalidade da frota japonesa, em que a oposição desta foi inteiramente anulada e quiçá o poderio marítimo japonês. Como resultado desta batalha o Japão perdeu, entre navios de guerra de tôdas as espécies, cincoenta unidades, sendo que dez são encouraçados, afundados ou avariados gravemente.

Firmemente aferrados às posições que ocuparam e se expandindo rapidamente para as demais ilhas do arquipélago filipino, dentro em pouco tempo terão os americanos sob seu contrôle as linhas de abastecimento dos japoneses, por onde recebem as matérias primas oriundas das Índias Holandesas, Malaca e Birmânia, e as não menos importantes linhas de abastecimento para a China e Birmânia, teatro de operações de vulto e importância para o contrôle da Ásia Oriental.

Não é demasiado prever que outras operações, decisivamente levadas a efeito, venham em breve suspender o bloqueio que há longos anos isolou a China das fontes de suprimentos bélicos necessários ao seu esfôrço de guerra, ao lado dos aliados.

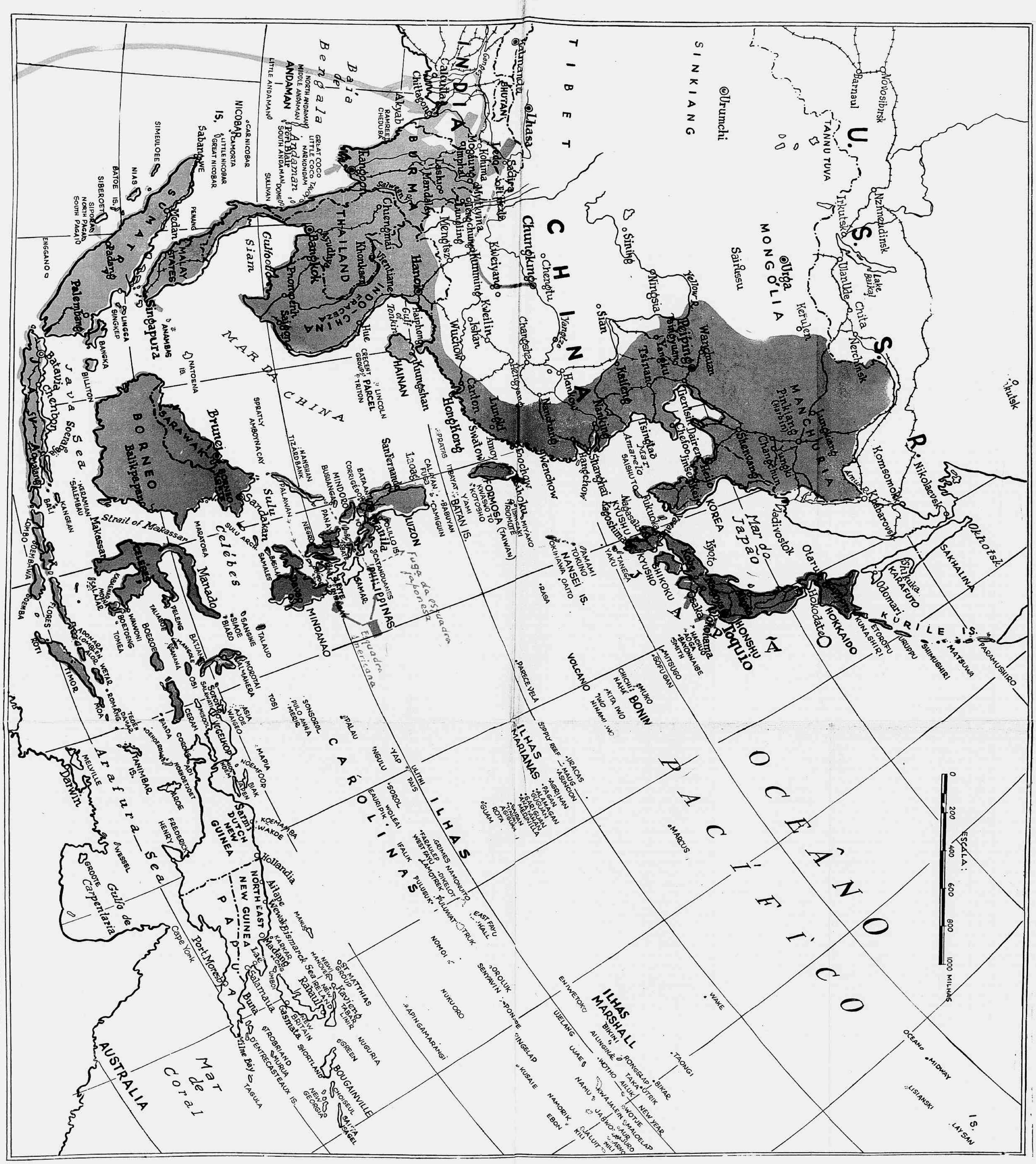
Na Birmânia as tropas britânicas que procuram estabelecer contacto com as fôrças chinesas, na margem ocidental do rio Salween, afim de reabrirem a estrada da Birmânia, chegaram a um ponto a quarenta e cinco quilômetros de Katha, no Irawaddy. As fôrças aliadas atingiram a linha férrea Mogeug-Mandalay, na extensão de cinco quilômetros, e os chineses atingiram Moyothet, trinta quilômetros ao norte de Shamo.

Nos montes Chin tropas indianas eliminaram os remanescentes nipônicos que embargavam o caminho para a estrada de Fort White.

No mapa estão localizados os percursos atuais que os suprimentos destinados à China têm que percorrer, simbolizando as linhas cheias os percursos pelas rodo-ferrovias, e o pontilhado, de Sadiva à Kuming, feito por aviões, em região montanhosa, atingindo em alguns pontos mais de quatorze mil pés de altitude.

A reabertura da estrada de Burma virá concorrer poderosamente para melhoria das posições chinesas.

As setas pequenas indicam os pontos que as Super-Fortalezas Voadoras B-29 têm bombardeado nesses últimos dias, localizados a milhares de quilômetros uns dos outros, porém atingidos igualmente, em obediência ao plano de levar a guerra ao inimigo onde quer que êle se encontre. Estão os americanos cumprindo magnificamente o seu programa de revidar Pearl Harbor



A Guerra na Asia e no Pacifico

[illegible] operações conjugadas afim de reduzir as posições [illegible] dos japoneses, até que finalmente a guerra possa ser levada ao território metropolitano do inimigo, os americanos efetuaram desembarques de tropas de todas as armas, que constituem o 10.º Corpo de Exército, nas ilhas de Leyte e Samar, nas Filipinas. Apesar da forte oposição encontrada as operações [illegible] e limpeza foram efetuadas rapidamente na ilha de Samar, que [illegible] livre de tropas japonesas.

Na ilha de Leyte a resistência foi maior e conseguiram mesmo os japoneses [illegible] forças [illegible] de outras ilhas, servindo-se para isso da base de [illegible] rapidamente para Pinamopoan, que já foi tomada [illegible]

[illegible] deu origem a uma batalha [illegible] entre as 3.ª e 7.ª esquadras americanas e [illegible] em que a oposição desta foi inteiramente [illegible] japonês. Como resultado desta batalha [illegible] de tôdas as espécies, cinqüenta unidades [illegible] ou avariadas gravemente.

Firmemente aferrados às posições que ocuparam e se expandindo rapidamente para as demais ilhas do arquipélago filipino, dentro em pouco tempo terão os americanos sob seu contrôle as linhas de abastecimento dos japoneses, por onde recebem as matérias primas oriundas das Indias Holandesas, Malaca e Birmânia, e as não menos importantes linhas de abastecimento para a China - Birmânia, teatro de operações de vulto e importância para o contrôle da Asia Oriental.

Não é demasiado prever que outras operações, decisivamente levadas a [illegible] breve suspender o bloqueio que há longos anos isolou a China das fontes de suprimentos bélicos necessários ao seu esfôrço de guerra, ao [illegible] dos aliados.

Na Birmânia as tropas britânicas que procuram estabelecer contacto com as fôrças chinesas, na margem ocidental do rio Salween, afim de reabrirem a estrada da Birmânia, chegaram a um ponto a quarenta e cinco quilômetros de Katha, no Irawaddy. As fôrças aliadas atingiram a linha férrea Mogeug-Mandalay, na extensão de cinco quilômetros, e os chineses atingiram Moyothet, trinta quilômetros ao norte de Shamo.

Nos montes Chin tropas indianas eliminaram os remanescentes nipônicos que embargavam o caminho para a estrada de Fort White.

No mapa estão localizados os percursos atuais que os suprimentos destinados à China têm que percorrer, simbolizando as linhas cheias os percursos pelas rodo-ferrovias, e o pontilhado, de Sadiva à Kuming, feito por aviões, em região montanhosa, atingindo em alguns pontos mais de quatorze mil pés de altitude.

A reabertura da estrada de Burma virá concorrer poderosamente para melhoria das posições chinesas.

As setas pequenas indicam os pontos que as Super-Fortalezas Voadoras B-29 têm bombardeado nesses últimos dias, localizados a milhares de quilômetros uns dos outros, porém atingidos igualmente, em obediência ao plano de levar a guerra ao inimigo onde quer que êle se encontre. Estão os americanos cumprindo magnificamente o seu programa de revidar Pearl Harbor.

Onde combatem os soldados do BRASIL

Prosseguindo na vitoriosa campanha de libertar a patria de Dante, Cavour, Garibaldi e tantos outros vultos do pensamento humano das garras dos nazifascistas, a Fôrça Expedicionária Brasileira na região de Massa conseguiu, depois de violentos combates nas piores condições topográficas e atmosféricas, tomar as localidades de La Rochette, Lama di Sotto e Pradescello.

*

Vai dessa forma aumentando o seu acervo de glorias a veterana F. E. B. que, no dizer dos generais americanos e ingleses, está perfeitamente entrosada no mecanismo da guerra moderna, não havendo segredos técnicos que constituam problemas para essa tropa de escol.

Enquanto isso as tropas do 5.° Exército Americano forçam passagem para Bolonha, apesar da forte resistência encontrada.

*

Mais a leste as tropas do glorioso 8.° Exército, melhorando as posições ocupadas na cabeça de ponte do Rio Rongo, liquidou a resistência inimiga na localidade de Meldola.

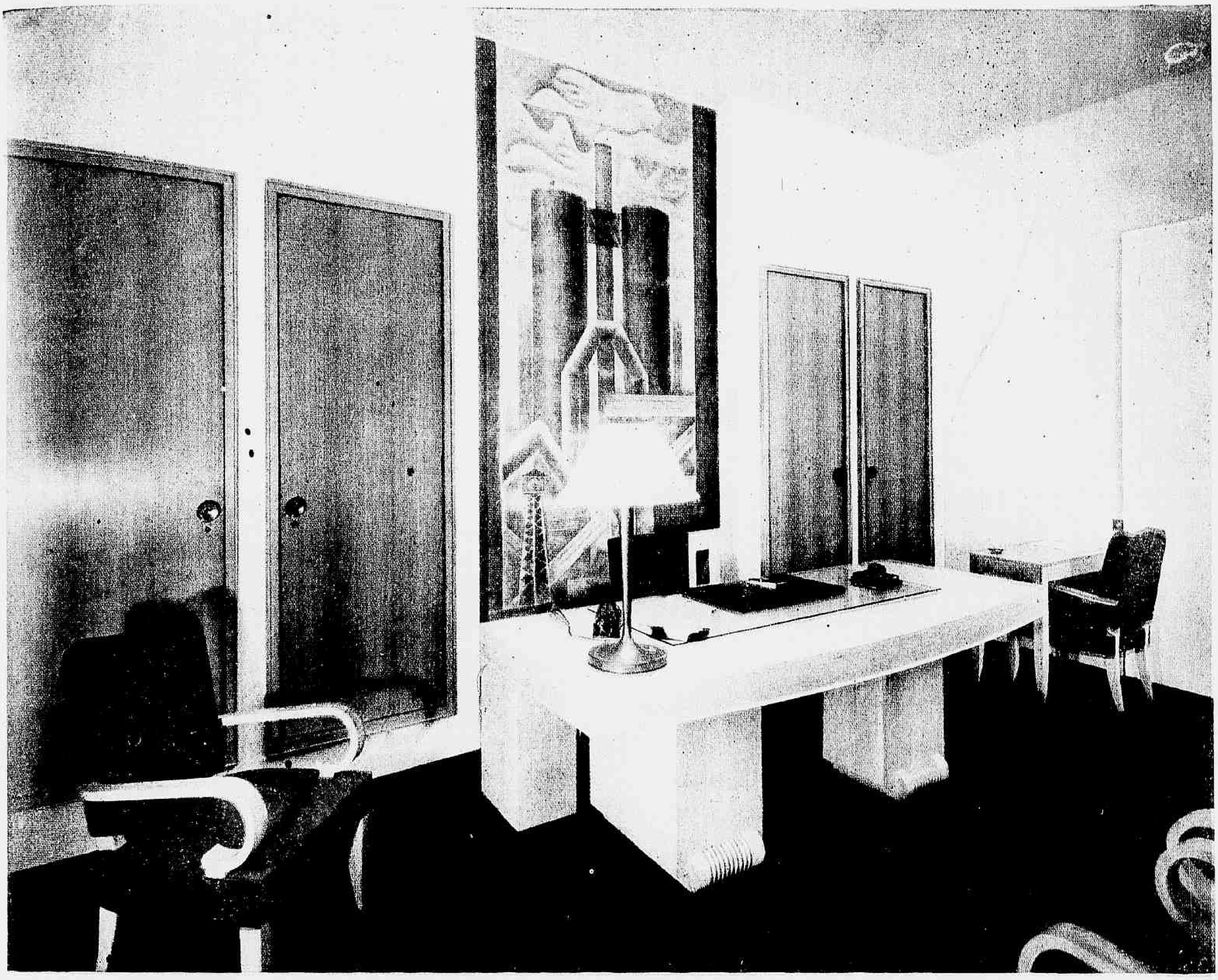
O que constitue motivo de maior ufania e que esses avanços, conseguidos em precárias condições de tempo e de terreno, têm sobretudo que vencer a férrea determinação do inimigo de não ceder uma posição sem luta violenta.

*

As operações ... [illegible] ... porque não é possivel o ... [illegible] ... de passagens estreitas, em ... [illegible] ... principalmente a defensiva.

[illegible] ... pelos ... [illegible] ... sobre o valor do nosso soldado, que ... [illegible] ... tradições gloriosas de Caxias.

Onde combatem os soldados do BRASIL
ITALIA
SUISSA
TYROL
AUSTRIA
TRENTINO
VENEZIA
LIGURIA
EMILIA
TOSCANY
UMBRIA
ABRUZZI
MOLISE
CAMPANIA
BASILICATA
PUGLIE
CALABRIA
CORSEGA
SARDENHA
SICILIA
JUGOSLAVIA
MEDITERRÂNEO



UM ESCRITORIO MODERNO

Local destinado ao trabalho e ao estudo, o escritório deve ser, antes de tudo, um aposento espaçoso e alegre, arejado e claro.

Na foto que aqui reproduzimos aparece o interior do escritório da residência de um engenheiro americano, mobilado com simplicidade, em estilo moderno.

A escrivaninha, laqueada a branco, é um modêlo perfeito de móvel prático e eficiente. As poltronas são confortáveis, mas não se encontra nelas qualquer espécie de adôrno supérfluo.

Como única ornamentação, uma pintura mural moderna aparece ao fundo, entre as portas baixas que dão acesso a êste confortável escritório.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

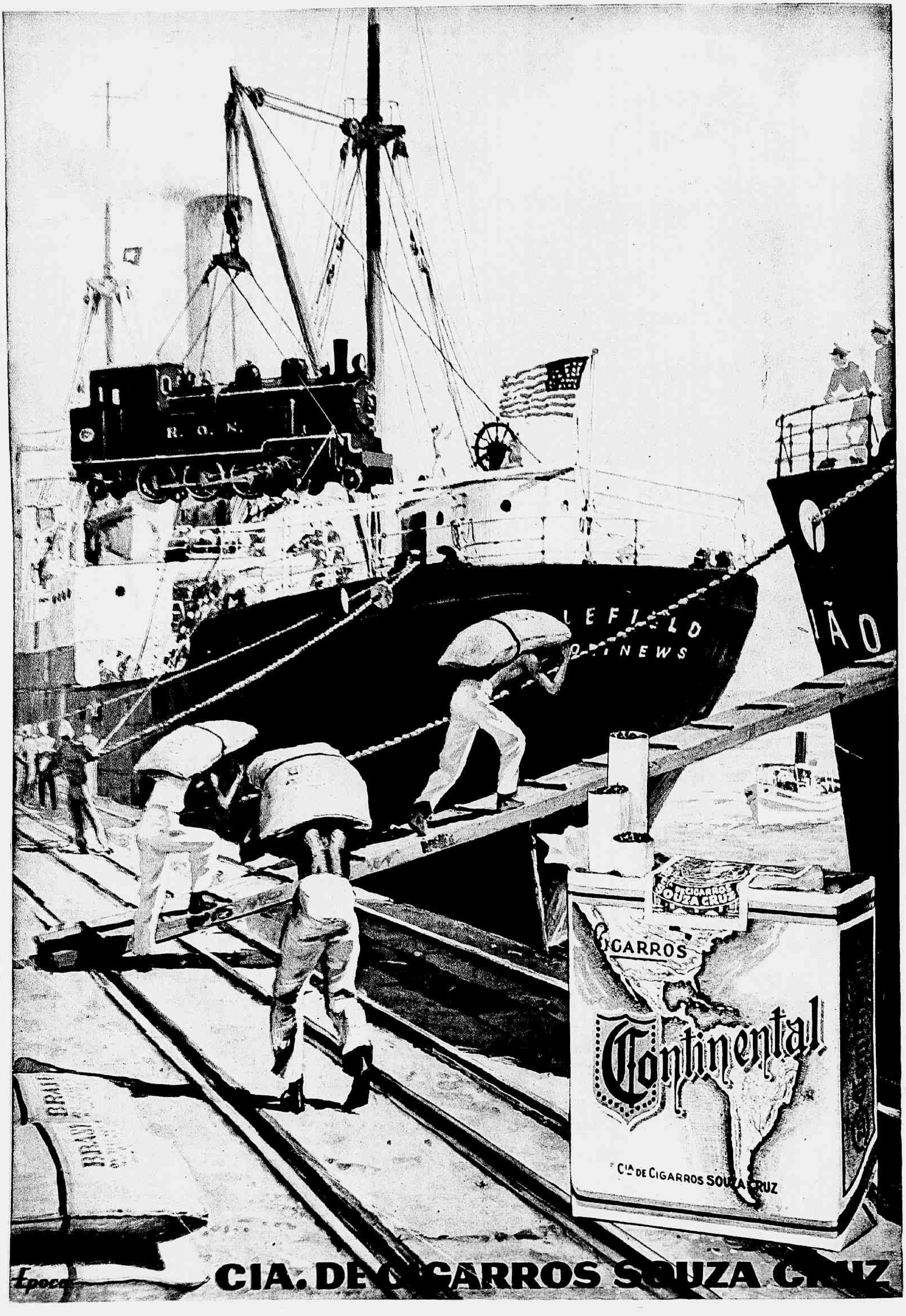
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

MARCA REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

AGÓRA SÓMENTE

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS


R. O. N.
LEFIELD
NEWS
ÃO
CIGARROS SOUZA CRUZ
CIGARROS
Continental
CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
Epoca
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ